

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 395 - Ano XII - 04/06/2012 - ISSN 1981-8769



# SEMANA DE ARTE MODERNA



S. PAVLO  
1972

## Semana de Arte Moderna. Revolução ou mito?

### Jardel Dias Cavalcanti

A Semana de Arte Moderna não foi uma revolução

### Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho

Uma arte nova para um mundo novo

### Eduardo Jardim de Moraes

Modernismo, mais importante movimento cultural do país

E MAIS

#### Dossiê:

Brasil: chega de construir usinas nucleares

#### Carlos Young:

A Rio+20 na perspectiva empresarial

#### Sergio Coutinho:

Para além de ruptura e continuidade. O Concílio Vaticano II e os diferentes projetos históricos

# Semana de Arte Moderna. Revolução ou Mito?

**A** Semana de Arte Moderna, 90 anos depois, ainda suscita um debate que a revista **IHU On-Line**, desta semana, aborda ao entrevistar um conjunto de pesquisadores e pesquisadoras.

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho**, professor no Centro de Ensino Superior e Gestão, Tecnologia e Educação Santa Rita do Sapucaí, MG, assinala que não é de espantar que o Modernismo tenha despertado as mais apaixonadas reações contrárias. “Uma arte nova para um mundo novo, eis o principal legado do Modernismo”.

**Eduardo Jardim de Moraes**, professor da PUC-Rio e coordenador da coleção Modernismo+90, da Casa da Palavra, afirma que as teses dos modernistas continuaram a principal referência para a vida cultural do país até os anos 1960 e 1970.

Para **Pedro Duarte de Andrade**, professor Adjunto do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, praticamente tudo o que produzimos em arte e literatura depois da Semana de 1922 teve o Modernismo como referência, até quando se tentava questioná-lo.

**Frederico Oliveira Coelho**, professor da PUC-Rio, por sua vez, analisa que a grande contribuição “moderna” para nossa música veio de outro universo não incorporado pelos escritores e artistas plásticos modernistas de

São Paulo. “Veio da música popular urbana, que se tornou até hoje um legado para os músicos de todas as gerações.”

**Alessandra Bittencourt Flach**, professora na Unisinos, diz que, muito mais do que uma tendência passageira, a Semana de Arte Moderna instaurou uma nova e perene concepção de arte, tão rica e tão profícua que seus efeitos estão longe de se esgotarem.

**Márcia Lopes Duarte**, professora na Unisinos, por sua vez, lamenta que o modernismo ainda não tenha atingido plenamente seu intuito. E **Maria Helena Campos de Bairros**, também professora na Unisinos, analisa que o Movimento Modernista representou o “espírito da época”.

Já para **Jardel Dias Cavalcanti**, professor de história da arte e teorias da arte na Universidade Estadual de Londrina – UEL, a Semana de Arte Moderna não foi uma revolução.

Para **Marcos Augusto Gonçalves**, autor do livro 1922 – A Semana que não terminou, “a Semana foi concebida para marcar uma data, lançar novas ideias, interferir no ambiente. Eram jovens artistas que queriam fazer sucesso”. Segundo ele, a Semana “se tornou um mito, uma narrativa sobre a fundação de um novo tempo e uma nova arte”.

Recentemente a página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos –IHU, que é atualizada diariamente,

de segunda a segunda, publicou três entrevistas sobre a questão da construção de novas usinas nucleares no Brasil. As entrevistas com **Francisco Whitaker**, **Ildo Sauer**, professor da USP e **D. Jayme Chemello**, ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, são reunidas no dossiê publicado nesta edição.

A celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II terá dois momentos importantes, neste ano, na Unisinos, com a realização do **XIII Simpósio Internacional IHU: Igreja, Cultura e Mistério. A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização** tecnocientífica, nos dias 2 a 5 de outubro, e o Congresso Continental de Teologia, de 7 a 11 de outubro. Nesta edição publicamos um artigo de **Sérgio Ricardo Coutinho**, historiador, intitulado Para além de ruptura e continuidade. O Concílio Vaticano II e os diferentes projetos históricos. Outros artigos e informações completam a edição.

A revista **IHU On-Line** não circulará nas próximas duas semanas, pois estaremos acompanhando, com muito interesse, as discussões e debates da Rio+20, nas Notícias do Dia, publicadas diariamente no sítio do IHU. A próxima edição circulará no dia 25 de junho.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!



**Instituto Humanitas  
Unisinos**

Endereço: Av.  
Unisinos, 950,  
São Leopoldo/RS.  
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 - ramal 4128.

E-mail: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.  
Gerente Administrativo: Jacinto  
Schneider ([jacintos@unisinos.br](mailto:jacintos@unisinos.br)).

## IHU

**IHU On-Line** é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU  
ISSN 1981-8769.  
IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.  
Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

### REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling ([inacio@unisinos.br](mailto:inacio@unisinos.br)).  
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 ([grazielaw@unisinos.br](mailto:grazielaw@unisinos.br)).  
Redação: Márcia Junges MTB 9447 ([mjunges@unisinos.br](mailto:mjunges@unisinos.br)), Patrícia Fachin MTB 13062 ([prfachin@unisinos.br](mailto:prfachin@unisinos.br)) e Thamiriz Magalhães MTB 0669451 ([thamirism@unisinos.br](mailto:thamirism@unisinos.br)).  
Revisão: Isaque Correa ([icorrea@unisinos.br](mailto:icorrea@unisinos.br)).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos - Agexcom.

Atualização diária do sítio:

Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland e Natália Scholz

# LEIA NESTA EDIÇÃO

## TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **O que foi a Semana de Arte Moderna**
- 5 **Baú da IHU On-Line**
- 6 **Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho:** Uma arte nova para um mundo novo
- 10 **Marcos Augusto Gonçalves:** Semana de Arte Moderna, mito fundador do modernismo brasileiro
- 12 **Eduardo Jardim de Moraes:** Modernismo, mais importante movimento cultural do país
- 15 **Pedro Duarte de Andrade:** Poderíamos imaginar a arte brasileira do século XX sem o modernismo?
- 18 **Jardel Dias Cavalcanti:** A Semana de Arte Moderna não foi uma revolução
- 21 **Frederico Oliveira Coelho:** A música na Semana de Arte Moderna: fluidez entre o erudito e o popular
- 23 **Alessandra Bittencourt Flach:** Semana de Arte Moderna, nova concepção de arte
- 27 **Márcia Lopes Duarte:** “O modernismo ainda não atingiu plenamente seu intuito”
- 29 **Maria Helena Campos de Bairros:** O Movimento Modernista representou o “espírito da época”

## DESTAQUES DA SEMANA

- 32 **ARTIGO DA SEMANA: Sérgio Ricardo Coutinho:** Para além de ruptura e continuidade. O Concílio Vaticano II e os diferentes projetos históricos
- 36 **TERRA HABITÁVEL: Lilian Dreyer:** A atualidade do legado de Lutzemberger
- 41 **LIVRO DA SEMANA: Henrique Soares Carneiro:** A indignação e o sistema capitalista em colapso
- 44 **Coluna CEPOS: Irma Portos Pérez:** A crise mexicana e os negócios da convergência digital

### DOSSIÊ BRASIL: CHEGA DE USINAS NUCLEARES!

- 46 **Francisco Whitaker:** Por um Brasil livre de energia nuclear
- 49 **Dom Jayme Chemello:** “Brasil não deve investir em energia nuclear”
- 53 **Ildo Sauer: Proposta simples:** “Abandonar o projeto de Angra III, poupar os R\$ 10 bi, investir em energia alternativa”
- 58 **DESTAQUES ON-LINE**

## IHU EM REVISTA

- 60 **AGENDA DA SEMANA**
- 61 **Carlos Young:** Rio+20 e as empresas: a mudança deve vir de fora
- 63 **Flávia Werle:** Oficina de Indicadores Educacionais, por uma educação de qualidade
- 66 **IHU REPÓRTER:** Ana Maria Casarotti



[twitter.com/ihu](https://twitter.com/ihu)



[bit.ly/ihufacebook](https://bit.ly/ihufacebook)



[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

**Tema  
de  
Capa**

**Destques  
da Semana**

**IHU em  
Revista**

# O que foi a Semana de Arte Moderna

A Semana de Arte Moderna, também chamada de Semana de 22, ocorreu em São Paulo no ano de 1922, nos dias 13 a 17 de fevereiro, no Teatro Municipal.

Cada dia da semana foi dedicado a um tema: respectivamente, pintura e escultura, poesia, literatura e música.

O presidente do estado de São Paulo à época, Washington Luís, apoiou o movimento, especialmente por meio de René Thiollier, que solicitou patrocínio para trazer os artistas do Rio de Janeiro Plínio Salgado e Menotti Del Pichia, membros de seu partido, o Partido Republicano Paulista.

A Semana de Arte Moderna apresentou uma renovação de linguagem, na busca de experimentação,

na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou então da vanguarda, para o modernismo. O evento marcou época ao apresentar novas ideias e conceitos artísticos, como a poesia através da declamação, que antes era só escrita; a música por meio de concertos, que antes só havia cantores sem acompanhamento de orquestras sinfônicas; e a arte plástica exibida em telas, esculturas e maquetes de arquitetura, com desenhos arrojados e modernos. O adjetivo “novo” passou a ser marcado em todas estas manifestações que propunha algo no mínimo curioso e de interesse.

Participaram da Semana nomes consagrados do modernismo brasilei-

ro, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti entre outros, e como um dos organizadores o intelectual Rubens Borba de Moraes que, entretanto, por estar doente, dela não participou. Na ocasião da Semana de Arte Moderna, Tarsila do Amaral, considerada um dos grandes pilares do Modernismo Brasileiro, se achava em Paris e, por esse motivo, não participou do evento.

Fonte: <http://bit.ly/i9v2F>

## Baú da IHU On-Line

Confira outras publicações da IHU On-Line cujos temas são ligados à Literatura:

- João Cabral e jornalismo literário: “A literatura não é o terreno das facilidades e das liquidações”. Entrevista especial com José Castello, publicada em 21-01-2008, disponível em <http://migre.me/9jRYb>;
- “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”. Entrevista com **Flávio Aguiar**, publicada na revista **IHU On-Line**, edição 278, de 21-10-2008, disponível em <http://migre.me/9jS4u>;
- Jorge Luis Borges. A virtude da ironiana sala de espera do mistério. Revista **IHU On-Line**, edição 193, de 28-08-2006, disponível em <http://migre.me/9jSd1>;
- “Sertão é do tamanho do mundo”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa. Revista **IHU On-Line**, edição 178, de 02-05-2006, disponível em <http://migre.me/9jShH>;
- Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo. Revista **IHU On-Line**, edição 232, de 20-08-2007, disponível em <http://migre.me/9jSxj>;
- Augusto de Campos: em busca da “alma” e da “forma”. Revista **IHU On-Line**, edição 276, de 06-10-2008, disponível em <http://migre.me/9jSP0>;
- “Vejo na poesia uma possibilidade de transubstanciação”. Entrevista especial com Mariana Ianelli, publicada em 08-12-2007, disponível em <http://migre.me/9jT1n>;
- Antônio Vieira: um dos autores mais densos e complexos da literatura brasileira. Entrevista especial com Claudio Daniel, publicada em 06-02-2008, disponível em <http://migre.me/9jTbb>;
- Poesia, música, publicidade e literatura: uma mistura de linguagens. Entrevista especial com Ricardo Silvestrin, publicada em 23-03-2008, disponível em <http://migre.me/9jTj4>;
- “Quase todas as grandes obras da literatura mundial têm dimensão religiosa”. Revista **IHU On-Line**, edição 251, de 17-03-2008, disponível em <http://migre.me/9jToQ>;
- O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia. Tema de Capa da revista **IHU On-Line**, edição 251, de 17-03-2008, disponível em <http://migre.me/9jTx0>;
- Teologia e Literatura: a cena alemã. Revista **IHU On-Line**, edição 251, de 17-03-2008, disponível em <http://migre.me/9jTAX>;
- Macunaíma: 80 anos depois. Ainda um personagem para pensar o Brasil. Tema de Capa da revista **IHU On-Line**, edição 268, de 11-08-2008, disponível em <http://migre.me/9jUwe>;
- Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil. Tema de Capa da revista **IHU On-Line**, edição 275, de 29-09-2008, disponível em <http://migre.me/9jUDY>.

# Uma arte nova para um mundo novo

Não é de espantar que o Modernismo tenha despertado as mais apaixonadas reações contrárias, frisa Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho

POR THAMIRIS MAGALHÃES

**A** Semana de Arte Moderna pode ser definida como um movimento de renovação cultural do Brasil, acredita Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Yago diz que, incorporando as inovações nos procedimentos artísticos verificados na Europa, principalmente com o Futurismo, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, mas, principalmente Oswald, propôs uma nova forma de enxergar a realidade social brasileira, “trazendo para o debate as características culturais do Brasil”. O Modernismo europeu, segundo ele, incorporou o “primitivismo”, por exemplo, da escultura africana. “No Brasil, esse ‘primitivismo’ poderia ser encontrado internamente. Isso foi buscado na cultura indígena, no modo de falar do povo brasileiro, em nosso folclore”.

Com relação à Semana de Arte Moderna, o professor frisa que esta nos deixou a seguin-

te constatação: “podemos fazer uma arte revolucionária com elementos de nossa própria realidade. Os modernistas nos ensinaram que temos condições de, com elementos próprios, criar um movimento cultural genuinamente brasileiro”.

Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho é licenciado e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, pós-graduado em Estudos Literários e Identidade Cultural e mestre em Teoria Literária e Identidade Cultural pela mesma Universidade. É professor de Sociologia, Antropologia e Metodologia de Pesquisa da FAI – Centro de Ensino Superior e Gestão, Tecnologia e Educação Santa Rita do Sapucaí, de Minas Gerais. Publicou o texto “Um legado sociocultural”, referente à Semana de Arte Moderna, na Revista *Sociologia*, disponível em: <http://migre.me/9hzpP>.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Como você define a Semana de Arte Moderna de 1922? Qual o principal legado que ela deixou para as gerações posteriores até os dias atuais?**

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – A Semana de Arte Moderna pode ser definida como um movimento de renovação cultural do Brasil. Incorporando as inovações nos procedimentos artísticos verificados na Europa, principalmente com o Futurismo, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, mas, principalmente Oswald, propôs uma nova forma de enxergar a realidade social brasileira, trazendo para o debate as características culturais do Brasil. O Modernismo europeu incorporou o “primitivismo”,

por exemplo, da escultura africana. No Brasil, esse “primitivismo” poderia ser encontrado internamente. Isso foi buscado na cultura indígena, no modo de falar do povo brasileiro, em nosso folclore. A Semana de Arte Moderna nos deixou a seguinte constatação: podemos fazer uma arte revolucionária com elementos de nossa própria realidade. Os modernistas nos ensinaram que temos condições de, com elementos próprios, criar um movimento cultural genuinamente brasileiro.

**IHU On-Line – Como podemos caracterizar o modernismo, já que ele tem como marco simbólico, no Brasil, a Semana de Arte Moderna?**

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – Podemos caracterizar o Modernismo como um movimento que trouxe no plano simbólico as inovações tecnológicas e sociais verificadas no mundo ao Brasil. E mais: colocou o nosso país no mapa das grandes criações estéticas verificadas no mundo. Proporcionou um intercâmbio criativo e independente com a Europa, sem os complexos de inferioridade que sempre marcaram nossa relação com o resto do mundo. Podemos dizer que, com o Modernismo, entramos em nossa maioria artística. Deixamos de nos envergonhar de nosso traço mestiço, de nossa miscigenação. De certa forma, a Semana de Arte Mo-

derna antecipa a obra Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre.

**IHU On-Line – O que era a estética modernista?**

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – A estética modernista se contrapôs no plano literário ao Parnasianismo. Em nossas matas não existe duendes e sim o curupira. Instaurou o verso livre, a incorporação milionária de todos os erros. Como Manuel Bandeira<sup>1</sup> vai dizer a língua errada do povo, a língua certa do povo. Os modernistas viajaram pelo Brasil em busca de elementos culturais para servir de matéria-prima de suas composições. Por exemplo, peguemos o livro na Pancada do Ganzá de Mário de Andrade. Essa obra é fruto de uma viagem que o escritor fez a Natal, Rio Grande do Norte, hóspede de Luís da Câmara Cascudo<sup>2</sup>, o maior folclorista brasileiro, para estudar os cantadores de côco. Raul Bopp, um viajante contumaz, usou e abusou, no bom sentido, de tudo o que viu e ouviu nos vários lugares onde esteve. Cobra Norato<sup>3</sup> nada mais é do que a descoberta do interior do Brasil.

<sup>1</sup> Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Carlos Pena Filho e Osman Lins, entre outros, representa a produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Luis da Câmara Cascudo (1898 - 1986): historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Passou toda a sua vida em Natal e dedicou-se ao estudo da cultura brasileira. Foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Pesquisador das manifestações culturais brasileiras, deixou uma extensa obra, inclusive o *Dicionário do Folclore Brasileiro*. A edição 126 dos *Cadernos IHU Ideias* é intitulada *Câmara Cascudo: um historiador católico*, e pode ser lida em <http://migre.me/UHlk>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Cobra Norato: Honorato é, segundo uma lenda do Pará, um rapaz encantado em uma cobra-grande, que habita o fundo do rio e que a noite vira gente novamente. Esta lenda produziu uma obra-prima da moderna literatura brasileira, *Cobra Norato*, de Raul Bopp. (Nota da IHU On-Line)

“Não é de  
espantar que  
o Modernismo  
tenha despertado  
as mais  
apaixonadas  
reações contrárias.  
Uma arte nova  
para um mundo  
novo, eis o  
principal legado  
do Modernismo”

**IHU On-Line – Por que, em seu ponto de vista, a Semana mudou definitivamente o Brasil? Em que aspectos?**

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – A Semana de Arte Moderna mudou a maneira como nós olhamos para o nosso país. Sem a Síndrome Caramuru, como diz Gilberto Felisberto Vasconcellos<sup>4</sup>, ou seja, babando de medo e inveja na gravata estrangeira. Essa mudança de ótica é uma das fundamentais contribuições da Semana de Arte Moderna.

**IHU On-Line – De que maneira a literatura foi retratada na Semana? E qual a contribuição do modernismo nesse sentido?**

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – A literatura de certa forma desce do pedestal. Tira o pedantismo da poesia parnasiana, com suas construções rebuscadas e sem aderência à

realidade nacional. Essa dessacralização da literatura se dá acompanhada da carnavalização da realidade brasileira. O cotidiano brasileiro passa a ser matéria-prima para a poesia. A partir do modernismo no Brasil, seus modos, sua gente e seus costumes passam a fazer parte da criação artística. Em 1922, a literatura ainda era o meio privilegiado de discussão do nosso quadro societário. Entretanto, com o modernismo esse quadro passa a ser visto a partir do grotesco. Por exemplo, aqui misturamos artesanato com tecnologia. A Poesia Pau-Brasil é a expressão máxima dessas contradições.

**IHU On-Line – Como podemos definir o Romantismo e qual a sua influência para a literatura do Brasil?**

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – O Romantismo foi um movimento literário que veio na esteira da Independência do Brasil. Não se rompe com a dependência política, econômica de Portugal apenas com a intenção de sermos independentes. É preciso fazer a separação cultural. O Romantismo veio cumprir essa função. Quando os escritores elevam o índio à condição de personagem principal de nossa história, implicitamente está dizendo que eles eram os verdadeiros antepassados do brasileiro. Vejamos um livro fundamental desse período: *Iracema*, de José de Alencar<sup>5</sup>. Mudando as letras de Iracema, temos América. Ou seja, os índios representavam a verdadeira América. Muitas pessoas de posses contratavam serviços de pesquisadores para fazer as suas árvores genealógicas para descobrir algum antepassado indígena. Quando descobriam, mudavam o seu sobrenome. O Romantismo, então, pode ser considerado o segundo movimento nacionalista brasileiro. O primeiro foi a Guerra de Guararapes,

<sup>5</sup> José Martiniano de Alencar (1829-1877): jornalista, político, advogado, orador, crítico, cronista, polemista, romancista e dramaturgo brasileiro. Formou-se em Direito, iniciando-se na atividade literária no Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro. Escreveu inúmeras obras, das quais destacamos *O guarani*, *Iracema* e *Senhora*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Gilberto Felisberto Vasconcellos: sociólogo brasileiro, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. *A Questão do Folclore no Brasil: do Sincretismo à Xipofagia* (Natal: EDUFRN, 2009). (Nota da IHU On-Line)

onde negros, índios e portugueses lutaram juntos para a expulsão dos holandeses do Brasil. O Romantismo instaurou a ideia de nação entre nós.

**IHU On-Line – De que maneira o modernismo possibilitou “outro olhar sobre nós mesmos”?**

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – O sociólogo francês Roger Bastide<sup>6</sup> dizia que o intelectual que estuda o Brasil fica sem saber qual conceito utilizar, pois os mesmos, importados da Europa e Estados Unidos, teriam uma validade relativa aqui. Era preciso, então, encontrar conceitos que descrevessem fenômenos inter-relacionados que seriam forjados pela dinâmica transformação social. E mais: o professor afirma que o teórico que quiser conhecer o Brasil, não raro precisa transformar-se em poeta. A realidade social de nosso país desafia a imaginação de qualquer intelectual. É uma loucura e, às vezes, não conseguimos apreendê-la totalmente com o rigor metodológico das Ciências Sociais. Por exemplo, Glauber Rocha, há muita análise apuradíssima em sua aparente loucura. E Glauber é tributário da estética modernista. Ele dizia que Luís Carlos Prestes<sup>7</sup> deveria ler urgentemente as obras de Oswald

<sup>6</sup> Roger Bastide (1898-1974): sociólogo francês. Em 1938 integra a missão de professores europeus à recém-criada Universidade de São Paulo (USP) para ocupar a cátedra de Sociologia. No Brasil, estudou por muitos anos as religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia. Uma de suas obras mais importantes é *O Candomblé da Bahia* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), bem como é *As Américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo* (São Paulo: EDUSP, 1974). (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Luís Carlos Prestes (1898-1990): militar e político comunista brasileiro. Foi secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB), posteriormente chamado Partido Comunista Brasileiro. Casou-se com Olga Benário, morta na Alemanha, na câmara de gás, pelos nazistas. Em 1936, Prestes foi preso, perdeu a patente de capitão e inicia o cumprimento de sua pena, que durou nove anos. Com o fim do Estado Novo, foi anistiado, elegeu-se Senador. Após o golpe de 1964, com o AI-1, teve seus direitos de cidadão novamente revogados, dessa vez por dez anos. Exilou-se na União Soviética, para não ser novamente preso, regressando ao Brasil devido à anistia de 1979. (Nota da IHU On-Line)

## “A Antropofagia, com certeza, foi a elaboração teórica mais sofisticada do Modernismo. Foi a base filosófica do movimento”

de Andrade. Criou uma forma nova de pensar o país dentro de uma discursividade violenta e explosiva.

**IHU On-Line – De que forma os elementos nacionais e populares eram retratados nos trabalhos da Semana de Arte Moderna?**

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – Os mitos do folclore brasileiro foram amplamente usados como elementos estruturantes da composição dos trabalhos dos modernistas. Vejamos um dos principais livros do movimento Cobra Norato. Nesse livro é narrada a descoberta do interior do Brasil através da peregrinação de Cobra Norato por um mundo em formação, em busca da rainha Luzia. É uma das melhores criações do Modernismo.

### Explicando Cobra Norato...

Cobra Norato é uma das lendas difundidas do folclore do Amazonas. Diz a lenda que a Boiúna engravidou uma índia na Amazônia. Dessa gravidez nasceram gêmeos, um menino e uma menina: Norato e Maria Canina. Norato era bondoso, entretanto, sua irmã era muito má. Ela afundava navios, matava banhistas, etc. Para pôr fim a suas crueldades, Norato decide matar a irmã. Em noites de luar, Norato se transformava em um rapaz e levava uma vida normal.

Podemos dizer que para Raul Bopp só podemos apreender a formação cultural do povo brasileiro recorrendo aos seus mitos. A “geografia mágica do sem-fim” só poderia ser

compreendida a partir do fabulário popular.

### Macunaíma

Outro exemplo é Mário de Andrade com o Fantástico Macunaíma. Macunaíma está em busca do muiquitã, que representa a identidade cultural brasileira. Ao longo do livro, Mário de Andrade mistura os mitos brasileiros. Ou seja, um mito do nordeste ele coloca no sul. Essa mistura é para dar ideia de organicidade de nossa cultura. Podemos reparar que, tanto Raul Bopp como Mário de Andrade utilizavam o nosso folclore para elaborar esteticamente seus textos e para compreender nossa realidade social.

**IHU On-Line – De que maneira Oswald de Andrade e Mário de Andrade utilizavam-se da linguagem? Quais suas peculiaridades? Eles conseguiram permitir a reviravolta da literatura brasileira? Em que sentido?**

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – Nós possuímos cinco antenas que captam o mundo a nossa volta. São elas: audição, tato, paladar, olfato e visão. Como tudo em nossa vida, para essas antenas captarem bem nossa realidade, é necessário que sejam bem treinadas, educadas. Os modernistas escrevem numa época de muitas transformações, principalmente tecnológicas, o que fez com que a velocidade com que as coisas aconteciam fosse muito maior. Não podemos esquecer que a velocidade estrutura nossa apreensão do mundo social. O cubismo, por exemplo, foi um movimento artístico de sobreposição de imagens para, em boa parte, educar o nosso olhar para a nova realidade. Explico: uma coisa é observar o mundo andando a pé ou a cavalo. Outra coisa é a quantidade de informação que aprendemos andando de trem. Com o modernismo se deu a mesma coisa. Oswald de Andrade usou e abusou das frases curtas; das elipses; da técnica de montagem, influenciada pelo cinema; do uso das expressões populares em suas composições; da violência de

imagens em seus livros; da escatologia; do sarcasmo e da ironia. Isso era uma novidade altamente revolucionária no sentido de criação poética. Não é de espantar que o Modernismo tenha despertado as mais apaixonadas reações contrárias. Uma arte nova para um mundo novo, eis o principal legado do Modernismo.

#### IHU On-Line – O que foi a antropofagia no movimento de 1922?

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – A Antropofagia, com certeza, foi a elaboração teórica mais sofisticada do Modernismo. Foi a base filosófica do movimento. Oswald de Andrade buscou uma prática religiosa do mundo indígena para fundamentar o principal propósito do modernismo. A antropofagia era o ritual indígena de comer aqueles índios capturados em guerra. Aliás, a guerra era a atividade mais nobre no mundo indígena, como salientaram Florestan Fernandes<sup>8</sup> e Darcy Ribeiro<sup>9</sup>. Esses índios capturados, e que seriam comidos, eram os mais valentes, corajosos, os que se mostraram mais destemidos. A covardia no mundo indígena é abominada. Os índios acreditavam que, se comessem esses líderes, as qualidades deles passariam aos que comiam. A Antropofagia modernista tem a mesma função: deglutir as melhores criações es-

8 **Florestan Fernandes** (1920-1995): considerado o pai da sociologia brasileira, tem como principal obra o livro *A revolução burguesa no Brasil*, apresentado no I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU em 9-10-2003, e comentado pelo Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva, pesquisador na FEE, que concedeu uma entrevista à **IHU On-Line** nº 78, de 6-10-2003. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Darcy Ribeiro** (1922-1977): etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta, romancista e político mineiro. Completou o curso superior na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, no ano de 1946. Trabalhou como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio, e, em 1953, fundou o Museu do Índio. Foi professor de etnologia e linguística tupi na Faculdade Nacional de Filosofia e dirigiu setores de pesquisas sociais do Centro de Pesquisas Educacionais e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, além de ocupar, no biênio 1959/1961, o cargo de presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi eleito em 8 de outubro de 1992 para a Cadeira n. 11 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da **IHU On-Line**)

“A Semana nos deixou a seguinte constatação: podemos fazer uma arte revolucionária com elementos de nossa própria realidade”

téticas estrangeiras e misturá-las com o que há de melhor em nossa cultura. Essa operação dotaria o Brasil, na visão modernista, de uma arte original e eminentemente brasileira. Como Oswald disse: a vida é deglutição pura. É a nossa Revolução Caraíba.

#### IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

**Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho** – É importante salientar que o Modernismo possibilitou o surgimento dos mais importantes pintores, ensaístas, músicos e escritores do Brasil. Podemos citar: Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro<sup>10</sup>, Graça Aranha, Raul Bopp, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia, Cândido Mota Filho<sup>11</sup>, Ronald de Carvalho Villa-Lobos, entre outros. Ainda, o Modernismo influenciou os mais interessantes movimentos culturais da segunda metade do século XX, tais como: O teatro, de José Celso Martinez Corrêa Júnior; o Cinema Novo, principalmente com Glauber Rocha e o Tropicalismo.

10 **Vicente do Rego Monteiro** (1899-1970): pintor, desenhista, escultor, professor e poeta brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Cândido Motta Filho** (1897-1977): advogado, professor, magistrado, jornalista, escritor, ensaísta e político brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia as  
entrevistas  
do dia no  
sítio do IHU:

[www.ihu.](http://www.ihu.unisinos.br)

[unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

# Semana de Arte Moderna, mito fundador do modernismo brasileiro

Concebida para projetar a presença de São Paulo nas comemorações do centenário da Independência e para marcar uma data em nosso mundo cultural, a Semana de Arte Moderna tornou-se uma espécie de mito fundador do modernismo brasileiro, esclarece Marcos Augusto Gonçalves

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“**A** Semana foi concebida para marcar uma data, lançar novas ideias, interferir no ambiente. Eram jovens artistas que queriam fazer sucesso”, admite Marcos Augusto Gonçalves, autor de *1922 – A Semana que não terminou*, livro que está lançando por todo o Brasil, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E completa: “É o que vemos na carta que Mário de Andrade escreve logo depois do evento para Menotti del Picchia dizendo: ‘conseguimos enfim o que desejávamos: celebridade.’”

Com relação à imprensa, Marcos Augusto Gonçalves frisa que esta foi fundamental no lançamento do modernismo em São Paulo. “Menotti del Picchia, que era editor do *Correio Paulistano*, órgão oficial do governo do Estado, militou em prol do movimento sob o pseudônimo de Hélios nas páginas do jornal. Oswald até a Semana era basicamente um jornalista. Mário também escrevia para jornais e revistas.” Além disso, con-

tinua, “o jornalismo foi um dos palcos onde se encenou a modernidade, com o desenvolvimento da crônica, por exemplo, e de narrativas como as de João do Rio ou contribuições como as de Juó Bananere... Posteriormente, a imprensa continuou a ser um espaço importante para a crítica, os manifestos e a consagração do modernismo”.

Marcos Augusto Gonçalves estudou literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ e cursou o mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Trabalhou para diversos veículos da imprensa brasileira. Foi editor da *Ilustrada* e do caderno *Mais!*, na Folha de S.Paulo, onde também exerceu o cargo de editor de Opinião. É autor, com Heloisa Buarque de Hollanda, de *Cultura e participação nos anos 60* (Brasiliense, 1982) e organizador de *Pós-tudo – 50 anos de cultura na Ilustrada* (Publifolha, 2008).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – De que maneira você define a Semana de Arte Moderna de 1922? Em que sentido ela contribuiu para a trajetória da literatura brasileira?**

**Marcos Augusto Gonçalves –** A Semana foi um evento organizado por um grupo de escritores e artistas emergentes de São Paulo, com a presença de nomes de outras cidades, como Rio de Janeiro e Recife, além de alguns estrangeiros. O que seria anteriormente um salão a ser realizado numa livraria no centro da cidade, ideia de Di Cavalcanti<sup>1</sup>, tornou-se uma semana de festivais no Teatro Muni-

cipal, o palco mais “chique” da cidade graças ao encontro desse “grupinho de intelectuais”, como dizia Mário de Andrade<sup>2</sup>, com duas figuras já mais

maduras – o escritor e diplomata Graça Aranha<sup>3</sup> e o cafeicultor, empresário, mecenas e historiador Paulo Prado<sup>4</sup>. Concebida para projetar a presença de São Paulo nas comemorações do centenário da Independência e para marcar uma data em nosso mundo cultural, a Semana de Arte Moderna tornou-se uma espécie de mito fundador do modernismo brasileiro, um marco histórico. É claro que as origens

<sup>1</sup> Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo, mais conhecido como Di Cavalcanti (1897-1976): pintor, desenhista, ilustrador e caricaturista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Mário Raul de Morais Andrade (1893-1945): poeta, romancista, crítico de arte, folclorista, musicólogo e ensaísta brasileiro. Em 1917 foi publicado o seu primeiro livro de versos: Há uma gota de sangue em cada poema. A sua segunda obra, *Paulicéia desvairada*, colocou-o entre os pioneiros do movimento modernista no Brasil, culminando, em 1922, como uma das figuras mais proeminentes da famosa Semana da Arte Moderna. Durante a década de 1920 continuou sua carreira literária, ao mesmo tempo que exercia a função de crítico musical e de artes plásticas na imprensa escrita. Em 1928 publicou seu romance mais conhecido, *Macunaíma*, considerado por muitos como uma das obras capitais da narrativa brasileira no século XX. Alguns dos seus livros de poesia mais conhecidos são: *Losango cáqui*, *Clã do jabuti*, *Remate de males*, *Poesias* e *Lira paulistana*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> José Pereira da Graça Aranha (1868-1931): escritor e diplomata brasileiro, e um imortal da Academia Brasileira de Letras, considerado um autor pré-modernista no Brasil, sendo um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Paulo Prado (1869-1943): escritor e ensaísta brasileiro, considerado junto de Monteiro Lobato um dos que melhor dominaram a arte e a prática de interpretar. (Nota da IHU On-Line)

do modernismo no Brasil são mais amplas e complexas, mas a Semana ficou como uma referência, uma data.

## Modernismo e a Semana

Não devemos confundir-la com o movimento de que fez parte, mais amplo e duradouro. O modernismo contribuiu para acertar os ponteiros de nossa literatura e das artes com o que se fazia na Europa e ao mesmo tempo incorporar com mais propriedade a temática brasileira. O modernismo deixou um legado de liberdade de pesquisa estética e a ideia interessantíssima da antropofagia como método cultural.

**IHU On-Line – É um mito afirmar que o Modernismo nasceu com a realização da Semana de Arte Moderna? Por quê?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – Como disse, o modernismo é fruto de processos históricos mais diversificados e complexos, que não podem ser resumidos a um festival de arte e literatura.

**IHU On-Line – Como avalia o fato de muitas vezes a arte e a literatura dos anos que antecederam a Semana terem sido vistas como acadêmicas ou passadistas?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – O grupo modernista de São Paulo atuou durante um período como vanguarda, na tentativa de impor novos parâmetros para a produção cultural. A vanguarda atua de maneira muitas vezes autoritária e simplificadora. Uma das estratégias dos modernistas e de seus seguidores foi justamente considerar que uma nova arte nascia com o movimento e que o resto, com raras exceções, não passaria de manifestações ultrapassadas ou “passadistas” de uma arte e uma literatura sem interesse e presa a padrões acadêmicos. Certamente não era bem assim. Nem toda a arte pré 22 era acadêmica ou passadista. Depois criou-se uma outra categoria, também problemática, que é o “pré-modernismo”, uma outra maneira de enfiar no mesmo saco manifestações que não se encaixavam no programa modernista.

**IHU On-Line – O modernismo se beneficiou de alguma maneira da imprensa daquela época? De que maneira? Ela foi mais um evento midiá-**

**tico que cultural ou artístico? Até que ponto?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – A imprensa foi fundamental no lançamento do modernismo em São Paulo. Menotti del Picchia, que era editor do Correio Paulistano, órgão oficial do governo do Estado, militou em prol do movimento sob o pseudônimo de Hélios nas páginas do jornal. Oswald<sup>5</sup> até a Semana era basicamente um jornalista. Mário também escrevia para jornais e revistas. Além disso, o jornalismo foi um dos palcos onde se encenou a modernidade, com o desenvolvimento da crônica, por exemplo, e de narrativas como as de João do Rio ou contribuições como as de Juó Bananere<sup>6</sup>... Posteriormente, a imprensa continuou a ser um espaço importante para a crítica, os manifestos e a consagração do modernismo.

**IHU On-Line – Em que sentido a Semana tornou-se uma espécie de parábola da criação da cultura moderna no país?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – No sentido de que se tornou um mito, uma narrativa sobre a fundação de um novo tempo e uma nova arte.

**IHU On-Line – Acredita que houve fama e marketing durante a Semana? Em que sentido?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – A Semana foi concebida para marcar uma data, lançar novas ideias, interferir no ambiente. Eram jovens artistas que queriam fazer sucesso. É o que vemos na carta que Mário de Andrade escreve logo depois do evento para Menotti del Picchia dizendo: “consequimos enfim o que desejávamos: celebridade”.

<sup>5</sup> José Oswald de Sousa Andrade (1890-1954): escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, tornando-se um dos grandes nomes do modernismo literário brasileiro. Foi considerado pela crítica como o elemento mais rebelde do grupo. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Juó Bananere: pseudônimo usado pelo escritor brasileiro Alexandre Marcondes Machado para criar obras literárias num patois falado pela numerosíssima colônia italiana de São Paulo na primeira metade do século XX. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line – Que surpresas você teve e que descobertas você traz em seu livro 1922 – A Semana que não terminou? Poderia explicar o porquê da escolha deste título?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – O livro tem muita informação e muitos fatos novos para quem conhece apenas a história padrão da Semana. É um relato jornalístico, que faz a crônica e conta episódios curiosos da vida daquelas pessoas, como a declaração de amor de Anita<sup>7</sup> a Mário de Andrade, que é tratada em cartas inéditas da artista ao poeta. O título foi uma brincadeira com o livro do Zuenir Ventura (1968 – O Ano que Não Terminou), meu mestre, que acabou ficando.

**IHU On-Line – De que maneira você aborda as visões dicotômicas do tipo avançados x atrasados, futuristas x passadistas, mocinhos x bandidos surgidas durante a Semana de Arte Moderna?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – São polarizações esquemáticas, que acabam servindo para simplificar situações complexas.

**IHU On-Line – Quem são, de fato, os grandes herdeiros do modernismo de 22?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – Todos nós.

**IHU On-Line – Em que sentido o modernismo tornou-se nossa escola oficial?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – O modernismo foi encampado pelo Estado e construímos uma capital modernista!

**IHU On-Line – De que maneira Anita Malfatti exerceu um papel aglutinador no movimento modernista?**

**Marcos Augusto Gonçalves** – Ela foi a pioneira. Quando fez sua exposição de pintura moderna, em 1917, Mário era um poeta careta e conservador e Oswald um autor de peças de teatro escritas em francês... A mostra de Anita teve o papel de reunir aquelas pessoas que não se conheciam ou se conheciam de orelhada e estimular mudanças.

<sup>7</sup> Anita Catarina Malfatti (1889-1964): pintora, desenhista, gravadora e professora brasileira. (Nota da IHU On-Line)

# Modernismo, mais importante movimento cultural do país

As teses dos modernistas, segundo Eduardo Jardim de Moraes, continuaram a principal referência para a vida cultural do país até os anos 1960 e 1970. “Basta ver o Cinema Novo, o tropicalismo, a obra de Hélio Oiticica e de José Celso Martinez Correa”, explica

POR THAMIRIS MAGALHÃES

O movimento modernista, que teve como marco inaugural a Semana de Arte Moderna de 1922, sempre rejeitou o regionalismo. Essa é a afirmação do docente Eduardo Jardim de Moraes, que conversou sobre o tema com a **IHU On-Line**, por e-mail. Para o coordenador da coleção **Modernismo+90**, da Casa da Palavra, que publicará onze livros sobre os desdobramentos do movimento em diversas áreas da cultura, o principal objetivo dos modernistas de 1922 foi “a atualização da produção artística e cultural no país”. E completa: “Isto significava, naquele momento, promover o ingresso do país no concerto das nações consideradas modernas. Na opinião deles, este ingresso seria assegurado

pela incorporação na cultura brasileira de meios expressivos modernos, identificados geralmente aos que eram adotados nas vanguardas europeias”.

Eduardo Jardim de Moraes é professor de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro – PUC-Rio e coordena a coleção **Modernismo+90**, da Casa da Palavra. Graduado e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio), cursou mestrado em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e pós-doutorado na Universidade Erlangen-Nurnberg (Friedrich-Alexander), na Alemanha.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Durante a Semana de Arte Moderna de 1922, o que significou “modernizar” para o Brasil?**

**Eduardo Jardim de Moraes** – A Semana de 22 veio a ser considerada como o marco inaugural do modernismo, a partir dos anos 1940, com a conferência de Mário de Andrade, feita no Rio, em 1942 (*O Movimento modernista*). É um momento de uma corrente renovadora que se iniciou décadas antes. O propósito dos modernistas de 1922 foi a atualização da produção artística e cultural no país. Isso significava, naquele momento, promover o ingresso do país no concerto das nações consideradas modernas. Na opinião deles, esse ingresso seria assegurado pela incorporação na cultura brasileira de meios expressivos modernos, identi-

cados geralmente aos que eram adotados nas vanguardas europeias. Esta solução de incorporação imediata ao mundo moderno, pela simples adesão às estéticas modernas, foi revista em 1924, quando se definiu o ideal nacionalista do modernismo. O *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, sinaliza essa mudança de rumos. O nacionalismo modernista continuou universalista, só que agora esta solução dependia da afirmação dos traços nacionais da cultura. O traço universalista do modernismo de 1922 é a característica de um amplo movimento cultural (do final do século XIX ao final do século XX), que entendeu a modernização do Brasil como entrada no universo moderno – o concerto das nações cultas. Nele incluem-se desde *Os sertões*,

de Euclides da Cunha<sup>1</sup>, a música de Villa-Lobos<sup>2</sup>, até os filmes de Glauber

1 **Euclides da Cunha** (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destacam-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), a conferência *Castro Alves e seu tempo* (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). Confira a edição 317 da revista **IHU On-Line**, de 30-11-2009, intitulada *Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/kEflq>. (Nota da IHU On-Line)

2 **Heitor Villa-Lobos** (1887-1959): compositor brasileiro. Aprendeu as primeiras lições de música com seu pai, Raul Villa-Lobos, funcionário da Biblioteca Nacional. Ele lhe ensinara a tocar violoncelo

Rocha<sup>3</sup> e as canções de Caetano Veloso.

### **IHU On-Line – De que maneira o nacionalismo/regionalismo foi trabalhado durante e após a Semana?**

**Eduardo Jardimde Moraes** – Nossos modernistas sempre rejeitaram o regionalismo. Eles queriam pensar a nação e não a região. Daí o contato tenso dos modernistas com autores como Monteiro Lobato<sup>4</sup>, Gilberto Freyre<sup>5</sup>, ou qualquer versão de

regionalismo, inclusive o gaúcho. Para os modernistas, afirmar a identidade nacional era um meio de assegurar a incorporação no universal. A partir de meados dos anos 1920, em diferentes orientações, eles se dedicaram ao exame dessa identidade. Onde ela estava? Como defini-la? Portanto, o tema da unidade nacional se impunha, e tudo que levasse a uma visão fragmentada da nação, como a noção de região, era rejeitado.

### **IHU On-Line – A Semana de Arte Moderna conseguiu, de fato, romper com o passado? Em que sentido?**

**Eduardo Jardimde Moraes** – Os modernistas de 1922 faziam oposição aos que chamavam de “passadistas”. Os escritores modernistas criticavam, sobretudo, os poetas e ficcionistas da geração imediatamente anterior, cujas obras, aliás, não eram tão importantes. Há uma série de textos de Mário de Andrade, *Mestres do passado*, que exprime essa posição. Ele critica a estética “atrasada” dos parnasianos, pois ela não poderia servir de parâmetro para a poesia feita na atualidade. Os modernistas viam que os passadistas faziam uma arte e uma literatura que não cabiam nos novos tempos. A posição dos modernistas sobre o passado cultural do país se modificou na segunda fase do movimento, de orientação nacionalista. A partir de 1924, os modernistas buscaram se aproximar de autores e causas do passado, especialmente do romantismo, com sua busca de uma identidade brasileira.

### **O modernismo e a expressão da literatura brasileira**

brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido no dia 15-04-2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no Cadernos IHU nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível para download em <http://migre.me/69teh>. (Nota da IHU On-Line)

Claro, do ponto de vista da renovação das linguagens artísticas, o modernismo é muito bem sucedido. A literatura brasileira tornou-se realmente expressão do país justamente com o modernismo. Isso é um ganho que ninguém precisa mais discutir.

### **IHU On-Line – A Semana de Arte Moderna conseguiu romper com a dependência política, mental e moral da sociedade daquela época?**

**Eduardo Jardimde Moraes** – Os modernistas não queriam ser propriamente “independentes”. As doutrinas modernistas têm duas principais preocupações: inserir o Brasil no cenário mundial e modernizar o país em todas as áreas. O modernismo literário e artístico é um capítulo de uma história mais ampla. Uma importante característica do modernismo brasileiro foi que seus participantes sentiram pela primeira vez a urgência de não só abordar temas brasileiros, mas também de pensar de forma brasileira. A “inteligência”, pela primeira vez, esteve comprometida com a nação. Pode-se lembrar do final de *Macunaíma*<sup>6</sup>, de Mário de Andrade. O escritor ali aparece com a tarefa importantíssima de transmitir ao leitor a mensagem dos tempos de Macunaíma – o herói do livro. Isso quer dizer: ele deve passar o legado da brasilidade.

### **IHU On-Line – Como a mídia da época divulgou o movimento e a Semana de Arte Moderna? Houve muita rejeição? Em que aspectos?**

**Eduardo Jardimde Moraes** – Houve sim repercussão na imprensa de São Paulo e do Rio. Os modernistas sempre estiveram atentos à repercussão do evento e de todas as suas iniciativas. Como alguns eram também jornalistas, o trabalho era facilitado.

<sup>6</sup> **Macunaíma**: romance de Mário Raul de Moraes Andrade publicado em 1928. O livro é uma das obras-primas da literatura brasileira, em que reúne inúmeras lendas e mitos indígenas para compor a história do “herói sem nenhum caráter”, que, invertendo os relatos dos cronistas quinhentistas, vem da mata para a cidade de São Paulo. Sobre Macunaíma, confira a edição 268 da Revista IHU On-Line, de 11-08-2008, intitulada *Macunaíma: 80 anos depois. Ainda um personagem para pensar o Brasil e disponível* para download em <http://bit.ly/Lgf55q>. (Nota da IHU On-Line)

usando improvisadamente uma viola, devido ao tamanho de “Tuhu” (apelido de origem indígena que Villa-Lobos tinha na infância). Sozinho, aprendeu violão na adolescência, em meio às rodas de choro cariocas, às quais prestou tributo em sua série de obras mais importantes: *Os Choros*, escritos na década de 1920. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Glauber de Andrade Rocha** (1939-1981): cineasta brasileiro e também ator e escritor. Sempre controverso, escreveu e pensou cinema. Queria uma arte engajada ao pensamento e pregava uma nova estética, uma revisão crítica da realidade. Era visto pela ditadura militar que se instalou no país, em 1964, como um elemento subversivo. *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), *Terra em Transe* (1967) e *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* (1969) são três filmes seus paradigmáticos, nos quais uma crítica social feroz se alia a uma forma de filmar que pretendia cortar radicalmente com o estilo importado dos Estados Unidos da América. Essa pretensão era compartilhada pelos outros cineastas do Cinema Novo, corrente artística nacional liderada principalmente por Rocha e grandemente influenciada pelo movimento francês Nouvelle Vague e pelo Neorealismo italiano. Foi um cineasta controverso e incompreendido no seu tempo, além de ter sido patrulhado tanto pela direita, como pela esquerda brasileira. Tinha uma visão apocalíptica de um mundo em constante decadência e toda a sua obra denotava esse seu temor. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **José Bento Monteiro Lobato** (1882-1948): escritor brasileiro popularmente conhecido pelo tom educativo, bem como divertido de sua obra de livros infantis, o que seria, aproximadamente, metade de sua produção literária. A outra metade, composta de romances e contos para adultos, foi menos popular, mas um divisor de águas na literatura brasileira. Entre seus livros, destacamos: *O picapau amarelo* (34. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001); *Dom Quixote das crianças* (27. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001); *Viagem ao céu* (45. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995); *Memórias da Emilia* (42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994). Confira a edição 284 da Revista IHU On-Line, de 01-12-2008, intitulada *Monteiro Lobato: interlocutor do mundo*, disponível em <http://bit.ly/Mr4sDQ>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais

Esta preocupação não se restringe ao momento da Semana, mas se apresenta em toda a história do movimento. As informações sobre essa história estão no livro recentemente publicado pela editora Casa da Palavra, *A semana sem fim*, de Frederico Coelho.

**IHU On-Line – Como podemos definir e caracterizar o Movimento Antropofágico? Qual a sua repercussão durante a Semana de Arte Moderna?**

**Eduardo Jardimde Moraes** – A Antropofagia é uma corrente do segundo tempo modernista, com sua bandeira nacionalista. Houve diversas maneiras de se entender a identidade nacional dentro do modernismo. Duas são principais – a via analítica de Mário de Andrade, que queria fazer o levantamento dos traços que definem a cultura brasileira. Para ele, a brasilidade estava na cultura popular, mais precisamente no folclore, e era preciso uma verdadeira pesquisa etnográfica para chegar a ela. Outra via defendia a apreensão intuitiva e sentida da realidade nacional. Nessa direção, estão autores tão diferentes como Oswald de Andrade e Plínio Salgado<sup>7</sup>. A base da doutrina dos “intuitivos” é o conceito de integração. Ela opera em vários níveis: integração de elementos nacionais e estrangeiros, integração da cultura brasileira no solo brasileiro, integração dos brasileiros entre si (“só a Antropofagia nos une” – diz o *Manifesto Antropófago* de 1928), integração entendida como processo de conhecimento da realidade. Os antropófagos queriam uma incorporação por meio da devoração; já outros defendiam uma versão “incruenta” do processo. Do ponto de vista das suas realizações, a Antropofagia não é tão significativa. Há alguma coisa na obra de Tarsila, o *Manifesto*, de Oswald de Andrade, a *Revista de Antropofagia* em suas duas fases (1928-1929), *Cobra Norato*, poema de Raul Bopp<sup>8</sup>.

7 **Plínio Salgado** (1895-1975): político, escritor, jornalista e teólogo brasileiro que fundou e liderou a Ação Integralista Brasileira (AIB), partido de extrema-direita inspirado nos princípios do movimento fascista italiano. Entre outros, escreveu *Integralismo perante a nação*. (Nota da IHU On-Line)

8 **Raul Bopp** (1898-1984): poeta modernista e diplomata brasileiro. Com Tarsila do

“Uma importante característica do modernismo brasileiro foi que seus participantes sentiram pela primeira vez a urgência de não só abordar temas brasileiros, mas também de pensar de forma brasileira”

Mas o *Manifesto Antropófago* tem forte impacto, é muito polêmico e sugestivo. Por esse motivo, a noção de Antropofagia foi sendo retomada e revista várias vezes nas décadas seguintes, especialmente nos anos sessenta e setenta, como no Teatro Oficina e no Tropicalismo<sup>9</sup>. Ela serviu de suporte

Amaral e Oswal de Andrade, amigos pessoais, participou da Semana de Arte Moderna. (Nota da IHU On-Line)

9 **Tropicalismo ou Movimento tropicalista**: movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o pop-rock e o concretismo) misturou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime militar, no final da década de 1960. O movimento manifestou-se principalmente na música (cujos maiores representantes foram Gilberto Gil, Torquato Neto, Os Mutantes e Tom Zé); manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destaque para a figura de Hélio Oiticica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema novo de Glauber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas peças anárquicas de José Celso Martinez Corrêa). Um dos maiores exemplos do movimento tropicalista foi uma das canções de Caetano Veloso, denominada exatamente de “Tropicália”. (Nota da IHU On-Line)

para as posições, no debate cultural, que defendiam a incorporação transformadora das linguagens artísticas modernas no ambiente brasileiro.

**IHU On-Line – Quais as reais contribuições dos modernistas durante a Semana até os dias atuais?**

**Eduardo Jardimde Moraes** – As teses dos modernistas continuaram a principal referência para a vida cultural do país até os anos 1960 e 1970. Basta ver o Cinema Novo<sup>10</sup>, o tropicalismo, a obra de Hélio Oiticica<sup>11</sup> e de José Celso Martinez Correa. Atualmente o ambiente em que vivemos é outro. Já podemos pensar a certa distância a doutrina modernista. Precisamos investigar seu significado, pois ele foi o mais importante movimento cultural do país. Precisamos também avaliar a distância que nos separa dele. Recomendo a vocês a leitura dos livros de uma coleção que estou organizando para a editora Casa da Palavra – *Modernismo+90*. São onze livros de diversos autores que apresentam os vários aspectos da contribuição dos modernistas.

10 **Cinema Novo**: movimento cinematográfico brasileiro, influenciado pelo neo-realismo italiano e pela “Nouvelle Vague” francesa, com reputação internacional. Surge em circunstâncias idênticas ao do movimento homônimo português, também referido como Novo Cinema. (Nota da IHU On-Line)

11 **Hélio Oiticica** (1937-1980): pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amílcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann. Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que ele chamava de “antiarte por excelência” e uma pintura viva e ambulante. O Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos e textos (mensagens como “Incorporo a Revolta” e “Estou Possuído”), e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Em 1965, foi expulso de uma mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro por levar ao evento integrantes da Mangueira vestidos com parangolés. A experiência dos morros cariocas fazia parte da dimensão da sua obra. (Nota da IHU On-Line)

# Poderíamos imaginar a arte brasileira do século XX sem o modernismo?

Praticamente tudo o que produzimos em arte e literatura depois da Semana de 1922 teve o Modernismo como referência, até quando se tentava questioná-lo

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Os modernistas buscavam firmar no cenário nacional uma arte nova, antenada com as vanguardas europeias, mas sem copiá-las, ou seja, sem cair no mesmo problema que tinha a antiga arte brasileira, cujo modo de operação costumava tomar o que vinha de fora como modelo, lembra Pedro Duarte de Andrade, em entrevista, por e-mail, à **IHU On-Line**. Os modernistas, segundo ele, tinham em vista inserir o Brasil no que Mário de Andrade chamaria de “concerto das nações cultas, mas, para tanto, precisariam ainda redescobrir o que era o próprio Brasil, para terem algo próprio com o que contribuir naquele concerto”. E recorda: “Lembremos que a Semana foi marcada propositalmente para um ano já significativo do país, o do centenário de sua independência política, quando deixamos de ser colônia. O diagnóstico

modernista era que, a despeito disso, permanecíamos colonizados culturalmente, importando de fora padrões tradicionais aos quais devíamos obediência”. Com a Semana de Arte Moderna, conta, buscava-se “atualizar a nossa situação cultural a partir de um contato mais livre com os países ditos civilizados”.

Pedro Duarte de Andrade é professor Adjunto do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UniRio. É mestre e doutor em Filosofia pela PUC-Rio, onde atua na Pós-Graduação Lato-Sensu (Especialização em Arte e Filosofia e Especialização em Filosofia Antiga). Foi professor pesquisador na Brown University (EUA) em 2004 e 2006. É autor do livro *“Estio do tempo: romantismo e estética moderna”* (Zahar, 2011).

Confira a entrevista.

## IHU On-Line – De que maneira você avalia a Semana de Arte Moderna de 1922?

**Pedro Duarte de Andrade** – De maneira positiva. É claro que a Semana de 1922 teve suas contradições e seus problemas, mas sua herança é altamente positiva. Não é preciso considerar que ali se deu, de uma hora para outra, a modernização cultural do país para se admitir a sua importância decisiva em nossa história. Nem é necessário ignorar que fora dali também havia arte moderna no Brasil para se reconhecer a concentração de energia do evento. A Semana de 1922 é um marco, um símbolo. Foi o momento em que se cristalizou para o Brasil um movimento que se formava em São

Paulo, mas com preocupação nacional, de ataque à tradição passadista pelo espírito de inovação das vanguardas modernas. Tal ataque fez algumas vítimas inocentes, mas o objetivo era nobre e necessário: afirmar o que Mário de Andrade chamaria de direito permanente à pesquisa estética, ou seja, o direito à criação livre na arte. Isso deixou a cultura brasileira em um estágio de liberdade mais amplo do que havia antes. O tempo passou, e a consagração do ideal modernista foi acompanhada também pela acusação de que ele seria uma “ditadura do novo”, pois exigia obras originais, diferentes das passadas. No entanto, se a palavra ditadura pode ser aplicada à arte, ela se encaixa melhor à situação

do Brasil antes do Modernismo do que depois. O Modernismo foi, sem dúvida, mais liberação do que prisão.

## IHU On-Line – A Semana de Arte Moderna foi um momento de ruptura? Em que sentido?

**Pedro Duarte de Andrade** – Sem dúvida. Não fosse assim, a Semana jamais poderia ser moderna, pois o que dá à arte sua modernidade é o caráter de ruptura. Certas obras expostas na Semana até podiam ser ainda convencionais, mas o sentido geral e objetivo era criticar a tradição acadêmica que orientava a arte. Para dar dois exemplos: na poesia, rompia-se com a obrigação parnasiana de métrica e rima, em nome do verso livre; e, nas

artes plásticas, rompia-se com a figuração naturalista da realidade, em prol das experimentações expressionistas, cubistas, surrealistas. Se atentarmos para os precedentes do evento, esse ponto fica claro, pois a Semana de 1922 é a conclusão de uma briga que se arrastava desde 1917, quando houve a famosa exposição de pinturas em estilo moderno de Anita Malfatti. Elas foram atacadas por Monteiro Lobato, em nome de uma arte atemporal, eterna. Os modernistas, que ainda nem tinham esse nome, juntaram-se para defender Anita e, sobretudo, o direito de existência de uma arte moderna, que mudasse com o progresso da história e não tivesse que seguir sempre os mesmos padrões de beleza. Nesse aspecto, o Modernismo brasileiro alinhou-se ao espírito vanguardista. Entretanto, houve uma particularidade em nosso caso, ao mesmo tempo rica e paradoxal. Como a nossa tradição era incipiente, por se tratar de um país ainda novo, os modernistas brasileiros, se rompiam com a tradição hegemônica, construíam uma outra. Rompiam com o Parnasianismo e o Simbolismo, por um lado, mas recuperavam o legado do Romantismo e do Barroco, por outro. Isso, contudo, ocorre em uma fase já tardia do Modernismo, depois de 1922. Durante a Semana, a ênfase era na ruptura com o passadismo, a ponto de a chamarem – empregando um termo que causou enorme polêmica – “futurista”.

**IHU On-Line – De que maneira o movimento mudou o rumo da literatura e da arte brasileiras?**

**Pedro Duarte de Andrade** – De duas maneiras principais, ao menos. Em primeiro lugar, conquistando um estado de pleno direito à criação livre, fora de regras e prescrições, em constante busca do novo. Em segundo lugar, definindo uma relação participativa da arte brasileira com o resto do mundo, pela qual se destacava a nossa singularidade a partir da incorporação das informações estrangeiras. Não é possível imaginar o que seria a arte brasileira do século XX sem o Modernismo e a Semana de 1922, tal a sua centralidade em nossa história. Tanto assim que, na década de 1970, Hélio Oiticica ainda queria, em suas palavras, uma superantropofagia, filiando-

“A maior lição do Modernismo para a cultura brasileira é a da inquietação crítica, autocrítica. Essa é a grande herança modernista, até para que, se estivermos de fato numa era pós-moderna, evitemos o conformismo acomodado que pode surgir no mundo globalizado”

-se explicitamente à proposta modernista de Oswald de Andrade. Não foi diferente com a Tropicália. Praticamente tudo o que produzimos em arte e literatura depois da Semana de 1922 teve o Modernismo como referência, até quando se tentava questioná-lo. Especialmente, o enlace entre arte e Brasil é um legado modernista definitivo para a cultura que foi produzida no país depois.

**IHU On-Line – O que, de fato, os artistas brasileiros do modernismo buscavam com a realização da Semana de Arte Moderna?**

**Pedro Duarte de Andrade** – Buscavam firmar no cenário nacional uma arte nova, antenada com as vanguardas europeias, mas sem copiá-las, ou seja, sem cair no mesmo problema

que tinha a antiga arte brasileira, cujo modo de operação costumava tomar o que vinha de fora como modelo. Os modernistas tinham em vista inserir o Brasil no que Mário de Andrade chamaria de concerto das nações cultas, mas, para tanto, precisariam ainda redescobrir o que era o próprio Brasil, para terem algo próprio com o que contribuir naquele concerto. Lembremos que a Semana foi marcada propositalmente para um ano já significativo do país, o do centenário de sua independência política, quando deixamos de ser colônia. O diagnóstico modernista era que, a despeito disso, permanecíamos colonizados culturalmente, importando de fora padrões tradicionais aos quais devíamos obediência. Com a Semana de Arte Moderna, buscava-se atualizar a nossa situação cultural a partir de um contato mais livre com os países ditos civilizados.

**IHU On-Line – Muitos afirmam que a Semana em si não teve grande importância em sua época, mas com o tempo, ganhando valor histórico ao projetar-se ideologicamente ao longo do século. Como você analisa essa informação?**

**Pedro Duarte de Andrade** – Claro que a Semana de 1922 teve grande importância em sua época. E claro também que essa importância aumentou ao longo do tempo. Os próprios modernistas começaram a forjar uma história da cultura brasileira em que tinham o papel protagonista.

Entretanto, acho que, se a Semana de 1922 pôde se transformar em um marco, foi porque sua proposta estética abriu o horizonte posterior da arte moderna brasileira e porque alguns dos que participaram daquele evento confirmaram-se como grandes artistas e críticos, com obras instigantes, complexas, nas mais diversas áreas. Embora certas obras apresentadas na Semana de Arte Moderna não fossem assim tão modernas, mas ainda um pouco conservadoras, o evento chocou, sendo até vaiado às vezes pelo público arraigado ao gosto clássico. Imediatamente, houve repercussão, até internacional, pelo que se propunha e pelo que se negava ali. Mesmo os artistas que não se filiaram depois ao Modernismo, como Graciliano

Ramos, desfrutaram da liberdade literária alcançada graças à negação que o movimento fez das normas estéticas tradicionais.

**IHU On-Line – Houve alguma lição deixada pelo movimento em relação à cultura no Brasil? Que lição foi essa?**

**Pedro Duarte de Andrade** – Curioso de emprego da palavra “lição” nessa pergunta, pois Mário de Andrade, em uma famosa conferência de 1942, também a usou para falar do movimento modernista. Comemorando os vinte anos da Semana de Arte Moderna, Mário contava todas as conquistas de si e de seus amigos para a cultura brasileira. Entretanto, ao fim, entregava também o que seria o seu fracasso: ter deixado de lado uma maior interferência política e social na vida coletiva. Mário acusa de individualista o movimento que ele mesmo liderou. E concluía afirmando que os modernistas não deveriam servir de exemplo a ninguém, mas podiam servir de lição. Penso, no entanto, que a maior lição do Modernismo para a cultura brasileira é aquela que Mário de Andrade, ao escrever isso, continuava a dar. É a lição da inquietação crítica, autocrítica. Essa é a grande herança modernista, até para que, se estivermos de fato numa era pós-moderna, evitemos o conformismo acomodado que pode surgir no mundo globalizado.

“Praticamente tudo o que produzimos em arte e literatura depois da Semana de 1922 teve o Modernismo como referência, até quando se tentava questioná-lo”

**IHU On-Line – Podemos afirmar que a Semana de Arte Moderna sofreu influências políticas e econômicas? Em que sentido?**

**Pedro Duarte** – Sim. Não sei, aliás, o que não sofre influências políticas e econômicas em todo o mundo. A Semana de 1922 foi financiada por Paulo Prado e seus amigos, ou seja, pela elite paulista – em parte burguesa, em parte aristocrata – que desejava afirmar-se como moderna culturalmente, para além da seara econômica

em que já despontava no Brasil com o comércio do café. Em outras palavras, os modernistas fizeram alianças políticas de compromisso, a fim de garantir o evento que planejavam. São Paulo, chamada de Locomotiva do Brasil, assumia-se assim também nos trilhos das artes, dando força ao mito do bandeirante como centro do progresso nacional. Entretanto, acho que, mais interessante do que observar as influências políticas *na* Semana de Arte Moderna, seria destacar a influência política *da* Semana, não no sentido partidário ou institucional, mas no sentido de apontar novas possibilidades de relação entre o Brasil e o exterior, entre a arte e o povo. Isso chegou a ter repercussões concretas, às vezes polêmicas, como no posterior envolvimento de Mário de Andrade no governo de Vargas, em nome de um projeto alicerçado na cultura popular e na sua preservação.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Pedro Duarte de Andrade** – Todos esses apontamentos fazem parte de uma pesquisa que se encontra em curso, e que logo será publicada no meu livro *A palavra modernista: vanguarda e manifesto*, pela coleção Modernismo+90, coordenada por Eduardo Jardim e editada pela Casa da Palavra.

## Evento: Rio+20 - desafios e perspectivas

**Data:** 06-06-2012

**Palestra:** Rio + 20 sob a perspectiva empresarial

**Palestrante:** Dr. Carlos Eduardo Young - UFRJ

**Horário:** 19h30min às 22h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/9m9Do>

# A Semana de Arte Moderna não foi uma revolução

Os nossos modernistas só tinham a roupinha importada da Europa. Um verniz que pode passar a ideia de modernidade, sem efetivamente existir tal modernidade, crítica Jardel Dias Cavalcanti

POR THAMIRIS MAGALHÃES

**A** Semana de Arte Moderna origina inúmeras polêmicas e controvérsias. Apesar de muitos afirmarem que foi neste período que houve a transformação na arte brasileira, outros pensam que este episódio não foi o mais significativo para o Brasil em relação à arte. Um deles é o professor de história da arte e teorias da arte na Universidade Estadual de Londrina – UEL – Jardel Dias Cavalcanti, que afirma, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, que, enquanto a arte europeia destruía a ideia de identidade, corroendo a própria concepção da arte que se praticou por séculos, aqui se buscava caracterizar a realidade, as identidades locais com extrema ingenuidade. “Compare-se a obra de Fernand Léger com a de Tarsila e podemos ver o abismo que separa esses dois artistas. Nós apenas vestimos nossa pobre realidade com

roupinhas moderninhas, como os adolescentes que se vestem de punks com roupinhas de boutique pagas com o dinheiro do papai”, e dispara: “Não há revolução nenhuma”.

Jardel Dias Cavalcanti possui graduação e bacharelado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, mestrado em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e doutorado em História da Cultura pela mesma instituição. Foi professor de história da arte, teorias da arte, filosofia da arte e arte e sociedade da Universidade Metropolitana de São Paulo – Unimesp-FIG. É professor de história da arte e teorias da arte na Universidade Estadual de Londrina – UEL. É colunista do site [www.digestivocultural.com.br](http://www.digestivocultural.com.br), de São Paulo.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual foi a repercussão da Semana de Arte Moderna de 1922? Considera que foi um sucesso?**

**Jardel Dias Cavalcanti** – A repercussão foi grande. Isso devido não só a Semana em si, mas também porque seus participantes criaram, após os acontecimentos, uma visão da Semana como se ela tivesse realmente rompido com a arte do passado e criado a verdadeira Arte Moderna no Brasil. A primeira Historiografia da Semana foi escrita por seus participantes, que tendiam a engrandecê-la e exaltá-la. Seu sucesso se deve a isso. De um movimento pequeno da elite paulista, ela passou a ser vista como uma revolução na arte brasileira.

**IHU On-Line – O que quer dizer com a expressão “nossa arte foi lite-**

**rária demais para ser moderna”, no artigo “Semana de 22 e Modernismo: um fracasso nacional”, publicada recentemente pelo Digestivo Cultural (<http://bit.ly/L1nnBs>)?**

**Jardel Dias Cavalcanti** – A vanguarda europeia rompeu de fato com a arte da tradição, seja no Dadaísmo<sup>1</sup>,

Cubismo<sup>2</sup> ou Futurismo<sup>3</sup>, propondo

total da cultura, o Dadaísmo defende o absurdo, a incoerência, a desordem, o caos. Politicamente, firma-se como um protesto contra uma civilização que não conseguiria evitar a guerra (Nota do **IHU On-Line**)

**2 Cubismo:** movimento artístico que surgiu no século XX, nas artes plásticas, tendo como principais fundadores Pablo Picasso e Georges Braque e tendo se expandido para a literatura e a poesia pela influência de escritores como Guillaume Apollinaire, John dos Passos e Vladimir Maiakovski. O quadro “Les demoiselles d’Avignon”, de Picasso, 1907 é conhecido como marco inicial do Cubismo. Nele ficam evidentes as referências a máscaras africanas, que inspiraram a fase inicial do cubismo, juntamente com a obra de Paul Cézanne. (Nota do **IHU On-Line**)

**3 Futurismo:** movimento artístico e literário, que surgiu oficialmente em 20 de fevereiro de 1909 com a publicação do Manifesto Futurista, pelo poeta italiano Filippo Marinetti, no jornal francês Le Figaro. Os adeptos do movimento rejeitavam o moralismo e o passado, e suas obras

**1 Dadaísmo:** Formado em 1916 em Zurique por jovens franceses e alemães, o Dada foi um movimento de negação. Fundaram um movimento literário para expressar suas decepções em relação a incapacidade da ciência, religião, filosofia que se revelaram pouco eficazes em evitar a destruição da Europa. Dada é uma palavra francesa que significa na linguagem infantil “cavalo de pau”. Esse nome escolhido não fazia sentido, assim como a arte que perdera todo o sentido diante da irracionalidade da guerra. Sua proposta é que a arte ficasse solta das amarras racionalistas e fosse apenas o resultado do automatismo psíquico, selecionado e combinando elementos por acaso. Sendo a negação

outros paradigmas para a arte. No caso brasileiro, ficamos ainda presos a questões de ordem narrativa, buscando *descrever* os elementos que se acreditavam definidores de nossa suposta identidade, de nossa “brasili-dade”. Sacrificamos a experiência de uma arte de ruptura, que buscava ser uma experiência apenas de ordem estética, em nome da uma arte da descrição de nossa fauna, flora e gênero. Dá-lhe abacaxi, palmeiras, bananeiras e mulatas!

### Ideia enganosa

Outra ideia enganosa do modernismo é que se tomou o “popular” (em suas manifestações festivas, místicas, no trabalho, na miséria e sensualidade) como se fosse uma representação de todo o Brasil. Talvez esse compromisso oficial de preservação de uma identidade seja o componente que os impedia de levar adiante uma prática artística mais radical. O dadaísmo, com certeza, não aportou por aqui. Porquê? Na Europa, havia uma independência dos artistas em relação ao poder. Aqui, ao contrário, como disse Carlos Zilio<sup>4</sup>, a política cultural irá passar das mãos paulistas para os corredores e salas de repartições públicas. Aqui se buscava renovar as velhas instituições culturais governamentais por dentro, fazendo da arte um braço do poder cultural.

### IHU On-Line – De que maneira os modernistas se apropriavam das questões estruturais da arte moderna?

baseavam-se fortemente na velocidade e nos desenvolvimentos tecnológicos do final do século XIX. Os primeiros futuristas europeus também exaltavam a guerra e a violência. O Futurismo desenvolveu-se em todas as artes e influenciou diversos artistas que depois fundaram outros movimentos modernistas. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup>Carlos Augusto da Silva Zilio (1944): pintor e professor brasileiro. Dedicou-se às artes plásticas desde 1965, tendo estudado com Iberê Camargo. Formou-se pelo Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro e, posteriormente, cursou Psicologia. Foi perseguido durante a repressão política nos anos 1970 e exilou-se na França, onde concluiu o doutorado em História da Arte. De volta ao Brasil, paralelamente à carreira artística, foi professor da PUC do Rio de Janeiro até 1994. Foi fundador e editor da Revista Gávea. (Nota da IHU On-Line)

“Nós apenas vestimos nossa pobre realidade com roupinhas moderninhas, como os adolescentes que se vestem de punks com roupinhas de boutique pagas com o dinheiro do papai. Não há revolução nenhuma”

Jardel Dias Cavalcanti – De fato, de concreto, não houve tal apropriação. Ao contrário, enquanto a arte europeia destruía a ideia de identidade, corroendo a própria concepção da arte que se praticou por séculos, aqui se buscava caracterizar a realidade, as identidades locais, com extrema ingenuidade. Compare-se a obra de Fernand Léger<sup>5</sup> com a de Tarsila<sup>6</sup> e podemos ver o abismo que separa esses dois artistas. Nós apenas vestimos nossa pobre realidade com roupinhas moderninhas, como os adolescentes que se vestem de punks com roupinhas de boutique pagas com o dinheiro do papai. Não há revolução nenhuma.

<sup>5</sup>Jules-Fernand-Henri Léger (1881-1955): pintor francês que se distinguiu como pintor e desenhador cubista, autor de muitas litografias. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup>Tarsila do Amaral (1886-1973): pintora brasileira. Foi a pintora mais representativa da primeira fase do movimento modernista brasileiro, ao lado de Anita Malfatti. Seu quadro *Abaporu*, de 1928, inaugura o movimento antropofágico nas artes plásticas. (Nota da IHU On-Line)

ma. A ideia de uma comunicação mais imediata era necessária ao pressuposto ideológico da identidade nacional e isso era o contrário dos cortes radicais da arte europeia em relação ao real. Vejam-se, por exemplo, as pinturas para lá de medíocres de Tarsila do Amaral, como “A gare” e “Operários”. A violência da modernidade, a poética da força das máquinas ou a combustão radical dos movimentos sindicais não aparecem nestas obras como apareciam no Futurismo italiano. Não existe a poética da força nem do movimento; o que se vê é uma descrição quase lírica dessas realidades.

### IHU On-Line – Os modernistas, na Semana de Arte Moderna, conseguiram compreender a radicalidade do Modernismo?

Jardel Dias Cavalcanti – Não tínhamos estrutura socioeconômica e nem condições espirituais para nos tornarmos modernos. A industrialização promovida pela antiga aristocracia paulista do café estava apenas começando. Não vivíamos objetivamente as questões modernas referentes à técnica, à ciência e à desestruturação do “Eu” na fragmentação do mundo moderno. Por isso nossos modernistas insistiam em pintar procissões religiosas do interior de São Paulo e abacaxis, como se isso fosse possível dentro do embate vanguardista da arte contra todas as instituições reacionárias do passado. A radicalidade do modernismo pressupunha a destruição da forma, a desconstrução da realidade e a descontinuidade do “Eu”. O contrário dos propósitos do modernismo brasileiro. Nós ainda acreditávamos numa realidade a ser representada. Precisa dizer mais?

### IHU On-Line – Como podemos diferenciar os modernistas de 1922 dos movimentos de vanguarda europeus?

Jardel Dias Cavalcanti – Os nossos modernistas só tinham a roupinha importada da Europa. Um verniz que pode passar a ideia de modernidade, sem efetivamente existir tal modernidade. Na arte europeia, não só a forma da arte tradicional foi destruída como também se investiu na radicalidade do pensamento, que se voltou contra as instituições repressivas da sociedade:

a família, a religião e o capital. Como eu disse acima, não tivemos a poética da modernidade, mas uma descrição de trens parados e carros alinhados a palmeiras como ilustração de um Brasil caipira que se modernizava. Isso não pode ser chamado de arte moderna.

### **IHU On-Line – Que frutos o Modernismo deixou para o Brasil após a Semana de 1922?**

**Jardel Dias Cavalcanti** – Talvez o fruto pobre da ideia de que nossa arte só seria brasileira se expressasse, de forma quase ideológica, folclórica e descritiva a “realidade brasileira”, a “identidade brasileira”. Um artista verdadeiramente modernista (surrealista) como Ismael Nery<sup>7</sup>, por exemplo, foi simplesmente esquecido e desprezado por não representar temáticas do folclore ideológico brasileiro. Ele era chamado de “pintor maldito”, por sua atormentada sensualidade e erotismo, que aprofundavam questões do surrealismo, em vez de simplesmente tipificar nossa sensualidade com propriedade da mulata. Aliás, ele se contrapunha a isso, chamando essa preocupação de “exotismo”.

### **IHU On-Line – Quais são os “ecos” deixados pelo modernismo nas artes brasileiras hoje?**

**Jardel Dias Cavalcanti** – Um eco pernicioso, que fez gerações acreditarem que, para ser moderno, você teria que cantar e exaltar seu quintal. Ou seja, a ideia de uma “aldeia global cultural” não chegou aqui ainda, apesar de ter se iniciado no Renascimento. Nem o radicalismo do Cinema Novo escapou do nacionalismo ingênuo. Até Caetano Veloso denominou seu livro *Verdade tropical*<sup>8</sup>, fazendo crer que temos uma identidade única que nos definiria e diferenciaria dos outros povos. Afinal, como juntar o sul, o sudeste, o norte e o nordeste numa única camisa de força conceitual?

A questão que temos que colocar hoje é a seguinte: quem é mais revolucionário, Zé Celso<sup>9</sup> com seu teatro

<sup>7</sup>Ismael Nery (1900- 1934): pintor brasileiro de influência surrealista. (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup>VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997) (Nota da IHU On-Line)

<sup>9</sup>José Celso Martinez Corrêa, conhecido como Zé Celso (1937): uma das figuras

dionisíaco-antropofágico, colocando seus atores num eterno bacanal sexo-cultural ou Gerald Thomas<sup>10</sup>, que colocou Fernanda Montenegro e Fernanda Torres (mãe e filha) se masturbando frente a frente no palco em *Flash and Crash Days*? Ora, é evidente que o transgressor é Gerald Thomas e não Zé Celso. Quem desestrutura a linguagem e nos mergulha numa recusa de significados já fixados é o teatro de Gerald Thomas.

### **IHU On-Line – Qual foi o maior legado deixado pelo modernismo e pela Semana de Arte Moderna?**

**Jardel Dias Cavalcanti** – Uma coisa pode ter ficado de positivo nisso tudo: a ideia da necessidade de atualização de nossa inteligência através do contato com outras culturas e, principalmente, com a modernidade europeia. Mas isso é pouco se comparado com o reacionarismo que envolve a perigosa crença na ideia de uma suposta “identidade brasileira”, que se entranhou dentro de nossas criações artísticas. Ismael Xavier chama a atenção sobre isso, ao referir-se ao cinema, dizendo que “já se tornou um cacete de crítica e dos cineastas esta aflição em detectar um diagnóstico geral, em flagrar um conceito de Brasil nos filmes que lidam com os mais diversos aspectos da experiência”.

### **IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Jardel Dias Cavalcanti** – Nossa modernidade de fato, a universalização de nossa arte, começou com o Movimento Concretista<sup>11</sup>, esse sim,

mais importantes ligadas ao teatro brasileiro. Destacou-se como um dos principais diretores, atores, dramaturgos e encenadores do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

<sup>10</sup>Geraldo Thomas Sievers (1954), mais conhecido como Gerald Thomas: diretor de teatro brasileiro com carreira internacional. Seus trabalhos se dividem entre o Brasil, a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>11</sup>Concretismo: a mais importante corrente de vanguarda (movimentos de caráter agressivo e experimental que rompiam os padrões da arte tradicional) da nossa literatura e influenciou poetas, artistas plásticos e músicos. Sua máxima expressão mundial é o grupo concretista de São Paulo, fundador da Revista “Noigandres”, na década de 1950, liderado pelos irmãos Campos (Augusto de Campos e

verdadeiramente de vanguarda. Ao romper os limites de uma arte nacional, universalizar o conceito de criação, sem precisar da modorra nacional, eles conseguiram, de fato, dialogar em âmbito mais largo, mais radical, menos tupiniquim, com a arte universal, fazendo com que suas obras não precisassem do cheiro da banana para ser entendidas, mas dos pressupostos universais da criação em arte.

### **Brasil dos brancos...**

Não há como ficar em cima do muro: ou você problematiza a sociedade e a arte, formulando uma crítica dessas duas ordens, ou você resvala para uma regressão mítica nacionalista de cunho conservador. Aquilo que Baudelaire<sup>12</sup> exigia do artista moderno, que mergulhasse para valer numa experiência de choque, numa experiência de fragmentação, não parece nosso forte. Ao contrário, nosso modernismo sonhava com a identidade nacional como totalidade orgânica, com a integração de um povo numa noção ideológica da harmonia das três raças fundadoras do Brasil. A ideologia venceu na cultura, mas as três raças jamais se integraram na realidade. Somos ainda um país de brancos, para brancos... Negros e índios não têm vez nem voz. Aqui são massacrados. E do sonho modernista paulista de integração das raças só sobrou o massacre do Carandiru, cantado por Caetano Veloso: “e quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo diante da chacina, 111 onze presos indefesos, mas presos são quase todos pretos, e você sabe como se trata os pretos”.

Haroldo de Campos), Décio Pignatari e José Lino Grunewaldt. (Nota da IHU On-Line)

<sup>12</sup>Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da IHU On-Line)

# A música na Semana de Arte Moderna: fluidez entre o erudito e o popular

A grande contribuição “moderna” para nossa música veio de outro universo não incorporado pelos escritores e artistas plásticos modernistas de São Paulo. Veio da música popular urbana, que tornou-se até hoje um legado para os músicos de todas as gerações, comenta Frederico Oliveira Coelho

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“O principal legado musical deixado pela geração que participou da Semana foi a abertura do pensamento cultural brasileiro para as novas informações estéticas que circulavam no mundo e, ao mesmo tempo, a articulação dessas novas informações com uma musicalidade ligada aos valores do território nacional, ditas populares, seja no âmbito rural, seja no âmbito urbano”, analisa Frederico Oliveira Coelho, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E completa: “Uma música em que a fronteira entre o erudito e o popular foi sendo cada vez mais fluida até chegarmos a uma música popular brasileira com nomes como Tom Jobim ou Egberto Gismonti, cuja obra pode ser localizada tanto no âmbito do consumo cultural de massas como no universo da

música de orquestra”.

Frederico Oliveira Coelho possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestrado em História Social pela mesma Universidade e doutorado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio. Entre 2001 e 2009 foi pesquisador do Núcleo de Estudos Musicais – NUM da Universidade Cândido Mendes e atualmente é pesquisador do Núcleo de Estudos de Literatura e Música – NELIM, da PUC-Rio. Em 2009, tornou-se curador-assistente de artes visuais do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM-RJ, onde ficou até julho de 2011. Desde março deste ano é professor dos cursos de Literatura e Artes Cênicas no Departamento de Letras da PUC-Rio.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Que mudanças a Semana de Arte Moderna de 1922 trouxe para a música brasileira?**

**Frederico Oliveira Coelho** – Direta e efetivamente, a Semana não trouxe nenhuma mudança substancial a partir da sua realização. Basta pensarmos, por exemplo, que não tiveram novas músicas compostas por Villa-Lobos para as apresentações no Municipal de São Paulo. O que ocorreu com a música brasileira nos anos após a Semana foi, em paralelo às outras artes, uma renovação de certas ideias relativas à incorporação de elementos ligados à cultura folclórica, o diálogo da música erudita de matriz europeia com a música popular feita

nos centros urbanos, como o Choro e o Samba.

**IHU On-Line – Em que sentido a Semana de Arte Moderna influenciou movimentos posteriores, como o Tropicalismo e a Bossa Nova?**

**Frederico Oliveira Coelho** – A Semana e, principalmente, o Modernismo de 1922-1930 influenciaram movimentos culturais posteriores pelo seu caráter de fundadores de uma nova lógica cultural brasileira, aberta ao fluxo dos progressos estéticos de cada época, organizando-se como frentes coletivas de ação artística e, principalmente, garantindo uma memória da transformação cultural

brasileira a partir do embate entre o “velho” e o “novo” na cultura e na sociedade. Tanto a Bossa Nova como o Tropicalismo, mesmo que a primeira não tenha nenhuma alusão direta ao movimento de 1922, nutriram-se desses princípios lançados pela Semana e o Modernismo.

**IHU On-Line – Qual foi o sucesso da Semana de Arte Moderna?**

**Frederico Oliveira Coelho** – Na sua época, ao menos no grande público, praticamente nenhum. Anos depois, ficou lentamente famosa entre os literatos do país pelo trabalho bem sucedido dos participantes do evento, principalmente nomes como

Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Victor Brecheret e outros. Ao longo das décadas, passou momentos em que foi declarada sua morte até atingir grandes comemorações nacionais e governamentais no seu cinquentenário (1972). Assim, seu sucesso de hoje em dia foi paulatinamente sendo construído por memórias, debates e comemorações nos últimos noventa anos.

**IHU On-Line – Quais foram os principais mentores na música durante o movimento? Quais eram seus principais anseios e o que eles de fato buscavam? Conseguiram?**

**Frederico Oliveira Coelho** – Como disse mais acima, a música não era para os escritores modernistas o principal esteio da Semana de Arte Moderna. Claro que nos anos seguintes Mário de Andrade, que já era professor de piano em 1922, se tornará um dos grandes nomes dos estudos musicais brasileiros, porém na época da Semana essa reflexão musical passava ao largo de suas preocupações. Guiomar Novaes<sup>1</sup> e Villa-Lobos não trouxeram nada de novo para o debate musical do momento e apenas o segundo se apresenta como um renovador após a Semana. Quando esses dois nomes mergulharam na busca de uma brasilidade na composição musical, outras informações e histórias já estavam ocorrendo em suas trajetórias e no país. Lembremos que, quando ocorre o Estado Novo entre 1937 e 1945, as concepções musicais – e políticas principalmente – de Mário de Andrade e Villa-Lobos se encontram em campos distintos. Portanto, a questão musical no Modernismo é bem difusa e, ao contrário da Literatura, não apresenta correntes de pensamento confluentes, manifestos coletivos ou programas de intervenção no campo da produção e

1 **Guiomar Novaes** (1894-1979): pianista brasileira que construiu sólida carreira no exterior, particularmente nos Estados Unidos. Ficou especialmente conhecida pelas suas interpretações das obras de Chopin e Schumann. Foi importante divulgadora de Villa-Lobos no exterior. (Nota da IHU On-Line)

da crítica – ao menos no primeiro momento posterior a 1922.

**IHU On-Line – Qual o principal legado musical deixado durante a Semana e que perdura até os dias atuais?**

**Frederico Oliveira Coelho** – O principal legado musical deixado pela geração que participou da Semana foi a abertura do pensamento cultural brasileiro para as novas informações estéticas que circulavam no mundo e, ao mesmo tempo, a articulação dessas novas informações com uma musicalidade ligada aos valores do território nacional, ditas populares, seja no âmbito rural, seja no âmbito urbano. Uma música em que a fronteira entre o erudito e o popular foi sendo cada vez mais fluida até chegarmos a uma música popular brasileira com nomes como Tom Jobim ou Egberto Gismonti, cuja obra pode ser localizada tanto no âmbito do consumo cultural de massas como no universo da música de orquestra.

**IHU On-Line – Quais eram as peculiaridades da música durante o modernismo? Acredita que ainda há “algo de moderno” nas músicas brasileiras atuais?**

**Frederico Oliveira Coelho** – Como dito acima, não há grandes peculiaridades em uma música durante o Modernismo, pois esse processo foi mais longo. Além de Villa-Lobos, não há nomes ligados à Semana de Arte Moderna que podem ser pensados como renovadores da música brasileira. Mesmo assim, se pensarmos que a geração literária do Modernismo de 1922 é contemporânea da geração de Noel Rosa<sup>2</sup>, Pixinguinha<sup>3</sup>, Lamartine

2 **Noel de Medeiros Rosa** (1910-1937): sambista, cantor, compositor, bandolinista, violonista brasileiro e um dos maiores e mais importantes artistas da música no Brasil. Teve contribuição fundamental na legitimação do samba de morro e no “asfalto”, ou seja, entre a classe média e o rádio, principal meio de comunicação em sua época - fato de grande importância, não só o samba, mas a história da música popular brasileira. (Nota da IHU On-Line)

3 **Alfredo da Rocha Viana Filho** (1897-1973): conhecido como Pixinguinha, foi flautista, saxofonista, compositor e

Babo<sup>4</sup>, Ismael Silva<sup>5</sup>, Braguinha, Orestes Barbosa e tantos outros, veremos que a grande contribuição “moderna” para nossa música veio de outro universo não incorporado pelos escritores e artistas plásticos modernistas de São Paulo. Veio da música popular urbana que a informação “moderna” se enraizou na cultura brasileira e tornou-se até hoje um legado para os músicos de todas as gerações. Vale lembrar que Villa-Lobos morava no Rio de Janeiro e seu convívio musical com rodas de choro e de samba foram fundamentais para a ampliação de suas ideias musicais.

arranjador brasileiro. É considerado um dos maiores compositores da música popular brasileira, contribuiu diretamente para que o choro encontrasse uma forma musical definitiva. (Nota da IHU On-Line)

4 **Lamartine de Azeredo Babo** (1904-1963): um dos mais importantes compositores populares do Brasil. Mesmo tendo sido um leigo em técnica musical, Lamartine criou melodias maravilhosas, resultantes de seu espírito inventivo e altamente versátil. Começou a compor aos catorze anos - a valsa “Torturas do Amor” e, aos dezesseis anos, compõe a opereta “Cibele”. Quando foi para o Colégio São Bento dedicou-se a músicas religiosas. Porém, foi através das marchinhas carnavalescas, cantadas até hoje, como *O Teu Cabelo Não Nega*, *Grau 10*, *Linda Morena*, e *A Marchinha do Grande Galo*, que o seu nome se tornou mundialmente conhecido como o Rei do Carnaval. Em suas letras, predominavam o humor refinado e a irreverência. (Nota da IHU On-Line)

5 **Milton de Oliveira Ismael Silva** (1905-1978): conhecido como Ismael Silva, foi um músico brasileiro. Aos 15 anos fez o samba *Já desisti*, considerado como a sua primeira composição. Em 1925 teve o seu primeiro samba gravado: *Me faz carinhos*. Essa composição promoveu a sua aproximação com Francisco Alves, o Chico Viola ou Rei da Voz. Ao lado de Nilton Bastos e Francisco Alves, Ismael formou o trio que ficou conhecido como *Bambas do Estácio* e que deu origem àquele que é considerado um dos mais bonitos sambas da história: *Se você jurar*. Após a morte de Nilton, teve início sua contribuição com Noel Rosa. As dezoito composições da dupla fazem de Ismael Silva o mais frequente parceiro do Poeta da Vila. (Nota da IHU On-Line)

# Semana de Arte Moderna, nova concepção de arte

Muito mais do que uma tendência passageira, a Semana de Arte Moderna instaurou uma nova e perene concepção de arte, tão rica e tão profícua que seus efeitos estão longe de se esgotarem, pontua Alessandra Bittencourt Flach

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“**N**ão acredito que houvesse grande preocupação desta primeira geração de modernistas em firmar raízes, construir um legado”, percebe a professora Alessandra Bittencourt Flach, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E continua: “Tinham mais interesse em abalar a opinião das pessoas, fazer refletir. Todavia, a permanência e o amadurecimento dos ideais modernistas se refletiram, sem dúvida, nas artes plásticas, na literatura e até na música, mas como um ganho colateral. Os anseios dos artistas modernistas foram muito mais modestos do que os efeitos de seus discursos e de suas obras”.

Segundo a docente, a Semana de Arte Moderna, por si só, foi um acontecimento de proporções limitadas: “restringiu-se a uma elite intelectual do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, causou perplexidade e irritação a muitos

participantes e não se firmou a partir de um grupo sólido e com propósitos em longo prazo”. Por outro lado, 90 anos depois, continua sendo vista como “o marco de uma nova e inovadora estética brasileira, o símbolo de um projeto que deu visibilidade mundial a nomes como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Portinari, Tarsila, da mesma forma que abriu caminho para seus sucessores, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues, os tropicalistas Caetano e Gil, entre tantos outros”.

Alessandra Bittencourt Flach é doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. É licenciada em Letras (português, latim, literatura) e possui mestrado em Literatura Brasileira pela mesma instituição. É professora de Língua Latina e Língua Portuguesa na Unisinos.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual o principal legado deixado pela Semana de Arte Moderna?**

**Alessandra Bittencourt Flach** – A Semana de Arte Moderna deu visibilidade a uma série de inquietações e anseios de intelectuais e artistas brasileiros, que, inspirados nos movimentos de vanguarda europeus, buscaram despertar o Brasil daquilo que consideravam ser uma inércia e um conformismo no campo das expressões artísticas. O que, a princípio, foi um movimento de contestação acabou se tornando o embrião de inovações

nas artes e no próprio conceito de brasilidade.

**Arte vista de forma dessacralizada**

A Semana foi o ponto de confluência de tendências que, desde a década de 1910, já vinham se delineando: das influências cubistas e expressionistas na arte de Anita Malfatti até o hibridismo estético das obras de Oswald de Andrade. A partir desse movimento em torno das atividades modernistas é que, pela primeira vez, a arte passa a ser vista de forma

dessacralizada, ou seja, aproxima-se do cotidiano, do homem comum, expressa a poesia do cotidiano. Em vez da Antiguidade Clássica parnasiana, a trivialidade do dia a dia recebe o interesse do artista. Veja-se, a propósito, o “Poema tirado de uma notícia de jornal”, de Manuel Bandeira. A experimentação formal (o verso livre talvez sendo a maior aquisição nesse sentido) e temática possibilitaram não só novos usos da linguagem como também deram visibilidade a um Brasil até então desconhecido dos próprios brasileiros, na medida em que a linguagem coloquial, por exemplo, é ele-

vada ao *status* de arte literária. A modernidade, as máquinas, o barulho, a cidade, o exotismo, a cor, o trabalho, a terra, tudo isso é lembrado na arte modernista, não de forma estereotipada, mas como “expressão” do olhar singular do artista.

### **Abaporu, de Tarsila do Amaral**

O famoso quadro de Tarsila do Amaral, *Abaporu* (em tupi, “o homem que come gente”), é um ícone dessa experimentação, uma vez que brinca com a perspectiva, ao retratar, com cores fortes, um homem de cabeça pequena e mãos e pés exageradamente grandes.

### **A concepção e a percepção de arte nunca mais foram as mesmas**

Seja nas artes plásticas, na literatura, predominantemente na poesia, ou na música, a Semana deixou sua marca ao romper com a ideia de que existam modos e temas predeterminados para a criação artística. Graça Aranha, em seu discurso de abertura da Semana, defende: “O que hoje fixamos não é a renascença de uma arte que não existe. É o próprio comovente nascimento da arte no Brasil, e, como não temos felizmente a pérfida sombra do passado para matar a germinação, tudo promete uma admirável ‘florada’ artística. E, libertos de todas as restrições, realizaremos na arte o Universo. A vida será, enfim, vivida na sua profunda realidade estética”. Sem dúvida, depois do que esse discurso anteviu, a concepção e a percepção de arte nunca mais foram as mesmas.

### **IHU On-Line – O que faltou, em seu ponto de vista, para o movimento? Ou ele foi completo?**

**Alessandra Bittencourt Flach** – Se considerarmos os modernistas da geração de 1922 como um grupo de intelectuais que buscou discutir e concretizar uma nova e mais abrangente expressão da arte, a partir das influências vanguardistas da Europa, que refletiam, entre outros aspectos, a experimentação da linguagem, a

“A modernidade, as máquinas, o barulho, a cidade, o exotismo, a cor, o trabalho, a terra, tudo isso é lembrado na arte modernista, não de forma estereotipada, mas como ‘expressão’ do olhar singular do artista”

ruptura com modelos preconcebidos e o microcosmo como tema de arte, é possível dizer que foi uma empresa bem-sucedida. De fato, a partir desses intelectuais e artistas, houve maior abertura à experimentação artística e à criação livre, sem amarras a um único e rígido modelo. Todavia, como um movimento coeso e doutrinário, no sentido de estabelecer modos de fazer, ficou muito longe de atingir esse objetivo. Por ser inicialmente uma arte de contestação, buscou-se mais a ruptura com modelos passadistas. Não havia unidade entre os artistas, no sentido de buscar construir um futuro juntos; queriam mesmo é se fazer ouvir quanto a suas reivindicações por uma arte nova, uma arte brasileira, sem muito discernimento a respeito de qual seria o produto disso tudo. Acreditavam numa arte plural, antropofágica, capaz de assimilar e transformar a tradição e as novas tendências. Daí a riqueza e a diversidade de seu legado. Muitas obras, na ânsia

de seus autores por explorar os novos “ismos”, ficaram restritas ao contexto de sua época, mais como um exemplo do que foram as experimentações vanguardistas. Outras fazem parte do cânone literário brasileiro, lidas e estudadas até nossos dias, com alto grau de universalidade e qualidade estética, praticamente desvinculadas do Movimento de 1922.

### **IHU On-Line – Quais eram os principais anseios dos escritores e poetas modernistas? Acredita que foram alcançados?**

**Alessandra Bittencourt Flach** – Os três dias de debates, concertos e exposições que constituíram a Semana tinham, inicialmente, o objetivo de promover discussões, entre os jovens intelectuais do Brasil, sobre os rumos da nossa cultura, em especial sobre o comportamento passivo diante da arte importada. É emblemático terem escolhido a comemoração dos 100 anos da Independência do Brasil, que se lembrava no ano de 1922, para a realização do evento. De certa forma, havia a necessidade de uma independência ideológica e cultural ou, antropofagicamente — para usar um termo notório no contexto em questão —, adaptar e conformar essa cultura à realidade brasileira. A célebre afirmação de Aníbal Machado, “Não sabemos definir o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos”, define bem o espírito do grupo: havia uma unidade em relação ao desejo de abominar uma arte formular, uma arte sem sentimento, sem liberdade, “contra todos os importadores de consciência enlatada”, segundo Oswald de Andrade. No entanto, era ainda nebulosa (ou inexistente) a consciência das implicações de todo esse movimento. Pela heterogeneidade do grupo, pelas diferenças ideológicas e pelos enfoques diferentes desses artistas, é possível mesmo afirmar que os cabeças do evento não tinha interesse em constituir um movimento, ou uma escola artística com ideais modernistas. Buscaram

desacomodar valores e padrões até então bastante enraizados em nossa cultura. Os rumos seguidos pelos integrantes do grupo redundaram em uma dispersão de formas e criações.

### Os modernistas e o fazer refletir

Não acredito que houvesse grande preocupação desta primeira geração de modernistas em firmar raízes, construir um legado. Tinham mais interesse em abalar a opinião das pessoas, fazer refletir. Todavia, a permanência e o amadurecimento dos ideais modernistas se refletiram, sem dúvida, nas artes plásticas, na literatura e até na música, mas como um ganho colateral. Os anseios dos artistas modernistas foram muito mais modestos do que os efeitos de seus discursos e de suas obras. A Semana, por si só, foi um acontecimento de proporções limitadas: restringiu-se a uma elite intelectual do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, causou perplexidade e irritação a muitos participantes e não se firmou a partir de um grupo sólido e com propósitos em longo prazo. Por outro lado, 90 anos depois, continua sendo vista como o marco de uma nova e inovadora estética brasileira, o símbolo de um projeto que deu visibilidade mundial a nomes como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Portinari, Tarsila, da mesma forma que abriu caminho para seus sucessores, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues, os tropicalistas Caetano e Gil, entre tantos outros.

**IHU On-Line – Acredita que o movimento conseguiu renovar e transformar o contexto artístico e cultural urbano da época?**

**Alessandra Bittencourt Flach**  
– Na ocasião de sua realização, a Semana de Arte Moderna, como um programa aberto ao público, teve grande repercussão, muito mais pelos embates e pelas polêmicas, pela rejeição às proposições “futuristas”, do que propriamente pelos ideais defendidos. A imprensa, na época, deu boa visibilidade ao evento, em especial pela for-

“Seja nas artes plásticas, na literatura, predominantemente na poesia, ou na música, a Semana deixou sua marca ao romper com a ideia de que existam modos e temas predeterminados para a criação artística”

ça e respeitabilidade de que dispunha o já consagrado Graça Aranha, um dos idealizadores da Semana.

### Repercussão de um depoimento de Monteiro Lobato

Outro fator de relevância na época foi a repercussão de um depoimento de Monteiro Lobato sobre Anita Malfatti. Anita participou da Semana expondo seus quadros cubistas-expressionistas. Anos antes (1917), Lobato escrevera uma crítica ao seu estilo, o que foi reavivado depois do *boom* da Semana, não sem uma grande dose de sensacionalismo. Na verdade, Lobato até elogia a artista, ainda que demonstre certo incômodo com seu estilo. Isso foi suficiente para Lobato tornar-se, de forma equivocada, o grande “inimigo” dos modernistas, logo ele que foi um dos maiores defensores da modernização do país.

### Villa-Lobos e o seu terno e chinelo

Outro caso isolado e, aparentemente, sem importância também atraiu olhares sobre os modernistas de 1922: na terceira noite de apresentações, 17 de fevereiro, Villa-Lobos apresenta-se ao público de terno e chinelo. Bastou essa atitude, associada à ideia que muitos tinham de que esses “jovens intelectuais” eram anarquistas e fascistas, para a apresentação do músico tornar-se um palco de afrontas. Só depois da repercussão dos fatos é que se soube que nada tinha de contestador o ato de Villa-Lobos, apenas um problema com um calo que o impedia de calçar sapato fechado.

### Poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira

Também a recepção do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira, lido por Menotti del Picchia na segunda noite, em clara objeção aos poetas parnasianos, foi algo que teve grande impacto, pela importância da escola parnasiana e de seus representantes. Tais evidências criaram certa imagem dos modernistas como aqueles que renegavam o passado, o país e o sentido da arte, quando nada disso se sustentava.

### Um evento de proporções significativas

Em um primeiro momento, houve cautela e ceticismo. Com o amadurecimento estético e a notoriedade dos artistas e com os desdobramentos políticos, sociais e culturais da primeira metade do século XX, aquele “episódio” pouco compreendido na época foi ressignificado e contextualizado como um evento de proporções significativas em todo o país. Mesmo não alterando de forma plena o contexto da época, a Semana reuniu os principais nomes e tendências que nortearam boa parte do século XX. Uma outra visão estética ganhou forma e consistência a partir da Semana, o que, de certa forma, teve implicações em outras áreas da sociedade, para além de uma discussão restrita ao campo das artes.

IHU On-Line – Em que aspectos movimentos como o Futurismo, o Cubismo e o Expressionismo influenciaram os artistas brasileiros modernistas durante a Semana?

**Alessandra Bittencourt Flach** – Para entender como foi a repercussão das vanguardas europeias no Brasil, é preciso conhecer o contexto em que isso desenvolveu. Claro que os modernistas, apesar do seu inegável legado, só obtiveram êxito e reconhecimento porque seus ideais estéticos se propagaram em um período de grandes inovações e novidades, em todos os âmbitos, não só nas artes. Desde Baudelaire e Mallarmé já se podia perceber certa evolução formal e temática da poesia. Aí já estão as principais indicações do que seria a base das vanguardas: o confronto entre o microcosmo e o macrocosmo, a experimentação linguística, a reconfiguração das teorias artísticas e, até, filosóficas.

### Grandes movimentos vanguardistas – Futurismo, Expressionismo e Cubismo

Os grandes movimentos vanguardistas – o Futurismo de Marinetti (1909), o Expressionismo de Munch, Van Gogh e outros (1910) e o Cubismo de Apollinaire e Picasso (1913) –, que se iniciaram antes da I Guerra, por seu espírito contestador e vibrante, serviram de inspiração para movimentos pós-guerra que tentaram expressar artisticamente o estranhamento e o absurdo da guerra e de seus desdobramentos (o Dadaísmo é um bom exemplo disso). Nomes como Graça Aranha, Lasar Segall<sup>1</sup>, Oswald de An-

1 **Lasar Segall** (1891-1957): pintor, escultor e gravurista judeu brasileiro nascido na Lituânia. O trabalho de Segall tem influências do impressionismo, expressionismo e modernismo. Seus temas mais significativos foram representações pictóricas do sofrimento humano: a guerra, a perseguição e a prostituição. No ano de 1923, Lasar Segall mudou-se definitivamente para o Brasil. Já era um artista conhecido. Contudo, foi aqui que, segundo suas próprias palavras, sua arte ficou como o “milagre da luz e da cor”. Foi um dos primeiros artistas modernistas a expor no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

“Não acredito que houvesse grande preocupação desta primeira geração de modernistas em firmar raízes, construir um legado. Tinham mais interesse em abalar a opinião das pessoas, fazer refletir”

drade, Ronald de Carvalho e Alberto de Oliveira, entre outros, encarregaram-se de divulgar no Brasil a existência e a importância de uma arte com tendências modernas. Diz Graça Aranha: “A inteligência impávida, libertadora e construtora, animada do espírito moderno que vivifica o mundo, transformará o Brasil”. Ainda que o Futurismo tenha sido renegado pelos modernistas (muito pela relação com o Fascismo), as concepções de “desvairio” e o tenicismo da linguagem são contribuições suas, assim como os ideais de ousadia e agitação do homem moderno. O Expressionismo foi responsável pela valorização da subjetividade e da constituição da obra não como reflexo da realidade, mas uma impressão desta, com a valorização do inconsciente, da intimidade. Já ao cubismo atribuiu-se todo o jogo de hibridismo formal, linguístico e composicional, sem continuidade e lógica aparentes. Todas essas vanguardas davam vasão a um espírito de modernidade (*esprit nouveau*) e agradavam ao gosto do público ávido por novidades.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algo?

**Alessandra Bittencourt Flach** – É interessante destacar que, na história da literatura brasileira, sempre houve forte influência do que se fazia na Europa, e isso, claro, graças à relação com Portugal e à pobre urbanização do país até o início do século XX. Até então notamos uma oscilação entre os períodos literários, que ora apresentavam uma estética realista e de rigidez formal, ora uma valorização da subjetividade, do sonho, do símbolo, um período sempre rompendo com o outro e retomando aspectos já consagrados em outras épocas. Assim é na sucessão Renascimento/Barroco/Neoclassicismo/Romantismo/Realismo. A partir do Modernismo, não se voltou mais atrás. Isso talvez possa ser explicado pelo fato de que é próprio desse movimento a assimilação e o sincretismo de toda e qualquer expressão de arte. Não há limites para criar, não há expectativas. A contestação e o estranhamento são, por mérito dos artistas da geração de 1922, reações legítimas e esperadas diante da arte. Também se percebe a atualidade de temas e formas: permanecem igualmente atuais e instigantes as abordagens do cotidiano e do trivial de maneira poética, o interesse pelo comum; a liberdade de gêneros e formas de criação; o verso livre; a experimentação com a linguagem; o hibridismo (de temas, de formas, de discursos); a sugestibilidade em detrimento da materialidade. O conceito de “pós-modernidade”, ainda que indique algo para além do moderno, compartilha com os primeiros modernistas certo grau de subjetividade, de questionamento, de incertezas, de relativismo. Nesse sentido, muito mais do que uma tendência passageira, a Semana de Arte Moderna instaurou uma nova e perene concepção de arte, tão rica e tão profícua, que seus efeitos estão longe de se esgotar.

# “O modernismo ainda não atingiu plenamente seu intuito”

Creio que, infelizmente, ainda hoje a sociedade brasileira em geral é bastante conservadora no que diz respeito à questão estética, lamenta Márcia Lopes Duarte

POR THAMIRIS MAGALHÃES

O principal objetivo da Semana de Arte Moderna, de acordo com a professora Márcia Lopes Duarte, foi chamar a atenção do público brasileiro, representado, naquele momento, pela burguesia paulista, para os novos ventos que estavam soprando no sentido da reconfiguração da arte ocidental. “A Semana, por mais que se passa criticá-la, visto que sua origem é justamente a recém-enriquecida burguesia cafeeira de São Paulo, foi um marco no sentido de apregoar um novo pensamento estético, que culminou nos mais bem elaborados artistas brasileiros, como Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Carlos Drum-

mond de Andrade, Guimarães Rosa, Oscar Nyemeier, entre outros”, explica.

Márcia Lopes Duarte possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, mestrado e doutorado em Letras pela mesma instituição. Atualmente é professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos e coordenadora de especialização desta Universidade. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura gaúcha, identidade feminina, autoritarismo e subversão.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Como a senhora avalia a Semana de Arte Moderna de 1922?**

**Márcia Lopes Duarte** – A Semana de Arte Moderna foi um movimento que se preocupou com a desconstrução de algumas características culturais brasileiras que estavam arraigadas na intelectualidade do país naquele momento e que eram extremamente tradicionais. O valor da Semana está justamente em sua veia vanguardista, pois serviu para “sacudir a poeira” do legado colonial brasileiro, que ainda era muito presente na cultura do país.

**IHU On-Line – Que mudanças o movimento trouxe para a poesia?**

**Márcia Lopes Duarte** – No que se refere à poesia brasileira, a contribuição do movimento modernista é evidente, visto que seus principais autores, como Mario e Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, foram aqueles que introduziram uma série de novos postulados estéticos na construção

poética, que, naquele momento, era cultivada grandemente pelos parnasianos, grupo que adorava o equilíbrio clássico, mas prescindia de brasilidade e musicalidade.

**IHU On-Line – Qual era o principal objetivo da Semana? Ele foi alcançado?**

**Márcia Lopes Duarte** – O principal objetivo da Semana foi chamar a atenção do público brasileiro, representado, naquele momento, pela burguesia paulista, para os novos ventos que estavam soprando no sentido da reconfiguração da arte ocidental. Creio que, infelizmente, ainda hoje a sociedade brasileira em geral é bastante conservadora no que diz respeito à questão estética. Portanto, o modernismo ainda não atingiu plenamente seu intuito.

**IHU On-Line – Em que sentido o movimento foi o ponto alto da insatisfação com a cultura vigente?**

**Márcia Lopes Duarte** – O movimento foi ápice de uma insatisfação gerada pela parca construção estética vanguardista que havia no Brasil. Os artistas que, como a pintora Anita Malfatti, tentaram romper estas barreiras foram duramente criticados, pois o gosto brasileiro sempre foi baseado em um tradicionalismo aferrado ao modelo colonialista, com um influxo europeizante. Ainda que o movimento modernista também estivesse embasado em preceitos vindos do continente europeu, havia uma preocupação nacionalista evidente entre os precursores do modernismo brasileiro, que se evidencia em uma obra como *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Márcia Lopes Duarte** – A Semana de Arte Moderna, por mais que se passa criticá-la, visto que

sua origem é justamente a recém-enriquecida burguesia cafeeira de São Paulo, foi um marco no sentido de apregoar um novo pensamento estético, que culminou nos mais bem elaborados artistas brasileiros, como Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Oscar Niemeyer, entre outros.

## Leia mais...

>>Márcia Lopes Duarte já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *A amplitude da identidade gaúcha*. Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 264, de 30-06-2008, disponível em <http://migre.me/9jGvX>;
- *Amar verbo intransitivo*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 206, de 27-11-2006, disponível em <http://migre.me/9jGDS>;
- *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*. Entrevista publicada nos **Cadernos IHU ideias**, ano 1, nº 8, de 2003, disponível em <http://migre.me/9jGNa>.

### **Evento: ObservaSinOs Oficina de Indicadores Educacionais (Primeiro Módulo)**

**Data:** 06-06-2012

**Palestrante:** Profa. Dra. Flávia Werle - Unisinos

**Horário:** 14h às 17h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://bit.ly/JEqWPQ>

**LEIA OS CADERNOS IHU  
NO SITE DO IHU  
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

# O Movimento Modernista representou o “espírito da época”

Ele não se limitou apenas à arquitetura e à arte. Foi um movimento cultural global que envolvia vários aspectos: sociais, tecnológicos, econômicos e artísticos, afirmando, desse modo, a identidade de nossa cultura e representando o “espírito da época”, avalia Maria Helena Campos de Bairros

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“O Modernismo esteve muito próximo da Europa no primeiro momento, sobretudo se considerarmos o movimento futurista”, diz Maria Helena Campos de Bairros, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ela, um dos manifestos de Maiakovski se chamava “Bofetada no gosto do público”, e a Semana de Arte Moderna quis ser isso, “uma bofetada”. E completa: “os grandes autores modernistas, os que celebramos até hoje como clássicos, foram aqueles que souberam conjugar o estrangeiro e o nacional de uma forma inovadora”.

Em relação à arquitetura, Maria Helena frisa que, dentre os arquitetos brasileiros, foram Oscar Niemeyer e Lúcio Costa que difundiram, mais tarde, este estilo tornando-o conhecido e aceito. “Os arquitetos modernistas buscavam o racionalismo e o funcionalismo

em seus projetos caracterizados por um estilo que apresentava formas geométricas definidas, sem ornamentos, com uso de pilotis a fim de liberar o espaço sob o edifício; panos de vidro contínuos nas fachadas no lugar das janelas tradicionais; integração da arquitetura com o entorno pelo paisagismo e com as outras artes plásticas, através do emprego de painéis de azulejo decorados, murais e esculturas”, explica.

Maria Helena Campos de Bairros possui graduação em Letras pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras, especialização em Literatura Infanto-Juvenil pela mesma faculdade, mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e doutorado em Letras pela mesma instituição.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Que lição a Semana de Arte Moderna de 1922, após 90 anos de sua realização, deixa para a cultura brasileira?**

**Maria Helena Campos de Bairros** – Acredito que a ideia de “lição” não era exatamente algo que os integrantes da Semana de Arte Moderna tinham em seus horizontes de expectativas. Durante os três dias (13, 15, 17 de fevereiro de 1922), ocorreram representações no Teatro Municipal de São Paulo no intuito de dar uma espécie de sacudida na intelectualidade

nacional e de provocar uma explosão no marasmo das artes brasileiras. Assaltar os bastiões do passadismo, dar um golpe na velha ordem, através de uma semana de “escândalos”, foi inicialmente uma sugestão de Di Cavalcanti, que teve a adesão de outros intelectuais, artistas e escritores brasileiros. Considerando tais premissas, vale indagar o alcance da proposta e a ressonância que tais ideias têm na contemporaneidade, especialmente nos estados fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro.

**IHU On-Line – De que maneira a arquitetura foi retratada durante o movimento?**

**Maria Helena Campos de Bairros** – A arquitetura não foi objeto inicialmente da discussão dos primeiros modernistas, embora o movimento tenha dado início a uma nova fase estética na qual ocorreu a integração de tendências que já vinham surgindo, fundamentadas na valorização da realidade nacional. A intenção principal era a do abandono das tradições que vinham sendo seguidas, tanto na

literatura como nas artes. Apesar da grande repercussão que a arquitetura e a arte moderna obtiveram, vale ressaltar que o Movimento Modernista não se limitou apenas a essas áreas. Foi um movimento cultural global que envolvia vários aspectos: sociais, tecnológicos, econômicos e artísticos, afirmando, desse modo, a identidade de nossa cultura e representando o “espírito da época”.

### Arquitetura

Em relação à arquitetura, o Modernismo foi introduzido no Brasil através da atuação e influência de arquitetos estrangeiros adeptos do movimento. Foi o arquiteto russo Gregori Warchavchik quem projetou a “Casa Modernista” (1929-1930), a primeira casa em estilo moderno construída em São Paulo.

Dentre os arquitetos brasileiros, foram Oscar Niemeyer e Lúcio Costa que difundiram, mais tarde, este estilo tornando-o conhecido e aceito. Os arquitetos modernistas buscavam o racionalismo e o funcionalismo em seus projetos caracterizados por um estilo que apresentava formas geométricas definidas, sem ornamentos, com uso de pilotis a fim de liberar o espaço sob o edifício; painéis de vidro contínuos nas fachadas no lugar das janelas tradicionais; integração da arquitetura com o entorno pelo paisagismo e com as outras artes plásticas, através do emprego de painéis de azulejo decorados, murais e esculturas.

**IHU On-Line – Em que medida a experimentação e a liberdade criadora**

**ra da ruptura com o passado tiveram influência durante a Semana?**

**Maria Helena Campos de Bairros** – Quem definiu muito bem o legado da Semana de Arte Moderna foi Mário de Andrade, vinte anos depois. Segundo o escritor, a experimentação e a liberdade criadora estariam representadas pela ruptura das subordinações acadêmicas, pela destruição do espírito conservador e conformista e pela demolição de tabus e preceitos. Nas artes deveriam prevalecer três princípios fundamentais: direito à pesquisa estética, atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional.

**IHU On-Line – Qual a relação do Modernismo brasileiro com a vanguarda europeia?**

**Maria Helena Campos de Bairros** – O Modernismo esteve muito próximo da Europa no primeiro momento, sobretudo se considerarmos o movimento futurista. Um dos manifestos de Maiakovski se chamava “Bofetada no gosto do público”, e a Semana de Arte Moderna quis ser isso, uma bofetada. Mas os grandes autores modernistas, os que celebramos até hoje como clássicos, foram aqueles que souberam conjugar o estrangeiro e o nacional de uma forma inovadora.

**IHU On-Line – Quais eram as peculiaridades das artes plásticas modernistas?**

**Maria Helena Campos de Bairros** – A expressão da modernidade brasileira manifestou-se sob a égide do progressivo desenvolvimento paulista com os marcos – Exposição de 1917 de

Anita Malfatti e A Semana de 22 – que ganharam significado de movimento aglutinador do sentimento de inquietude da juventude intelectual e artística brasileira que desejava “destruir” o passadismo parnasiano e acadêmico que dominava o ambiente das primeiras décadas do século.

### Sentimento de progresso

Nesta época surge, em todo o mundo, o sentimento de progresso, de avanço e de desenvolvimento, que incrementariam o sentido das nacionalidades, acirrado após a Primeira Grande Guerra. Todos se apraziam de um “espírito moderno” – expressão de origem europeia que se torna corriqueira entre a intelectualidade artística brasileira após as famosas conferências de Graça Aranha e Mário de Andrade. Há, assim, uma incipiente atitude de abertura que operará grandes mudanças nos planos das ideias, sejam essas artísticas, políticas ou sociais. Amplia-se a concepção do mundo no mesmo momento em que se revaloriza a identidade nacional, num nativismo conscientizado e crítico diferenciado daquele que se verificava no romantismo plástico ou literário.

### Leia mais...

>> Maria Helena Campos de Bairros já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- *O Rei da Vela*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 207, de 04-12-2006, disponível em <http://migre.me/9jHdZ>.

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS  
NO SITE DO IHU  
[WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

**Tema  
de  
Capa**

**Destques  
da Semana**

**IHU em  
Revista**

## Artigo da Semana

# Para além de ruptura e continuidade. O Concílio Vaticano II e os diferentes projetos históricos

POR SÉRGIO RICARDO COUTINHO

A partir dos pressupostos essenciais da “História dos Conceitos” desenvolvida pelo historiado alemão Reinhart Koselleck, Sérgio Ricardo Coutinho analisa a “justa hermenêutica” do Concílio Vaticano II, proposta por Bento XVI e a *leitura descontinua otimista* proposta pela Escola de Bolonha de Giuseppe Alberigo.

O artigo é um bom subsídio para dois eventos maiores que marcam, neste ano, o 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II: o XIII Simpósio Internacional IHU: Igreja, Cultura e Sociedade. A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica (<http://bit.ly/K23J->

Br), a ser realizado de 2 a 5 de outubro, e o Congresso Continental de Teologia (<http://bit.ly/q7kwpT>), que acontecerá, na Unisinos, nos dias 7 a 11 de outubro.

Sérgio Ricardo Coutinho é mestre em História Social pela Universidade de Brasília – UnB e doutorando na mesma área pela Universidade Federal de Goiás – UFG, Sérgio Ricardo Coutinho é professor do curso de pós-graduação em História do Cristianismo Antigo na UnB e de História da Igreja no Instituto São Boaventura, de Brasília. É presidente do Centro de Estudos em História da Igreja na América Latina (Cehila-Brasil).

Confira o artigo.

## Introdução

Na última Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, realizada em abril, Luiz Carlos Susin<sup>1</sup>, OFM Cap, foi convidado para apresentar uma “análise de conjuntura eclesial”.

Sua fala se concentrou na “Igreja a cinquenta anos da abertura do Con-

cílio Vaticano II” e, na primeira parte dela, se debruçou sobre a “pluralidade de interpretações” do evento conciliar, que acabou por estabelecer um conflito polarizado entre “a hermenêutica da ruptura e a hermenêutica da continuidade”.

Pois bem, a certa altura de sua análise ele corrobora com a posição tomada pelo papa Bento XVI<sup>2</sup>, quan-

do de seu pronunciamento no Natal de 2005, de que a palavra adequada é “renovação”, pois se trata da “reforma na continuidade do mesmo sujeito Igreja”. Para Susin, de fato, a palavra-chave para entender um Concílio que quer introduzir uma reforma é “renovação”, “pois esta é a história do cristianismo desde o evangelho: novidade, e, portanto, renovação. Importa mais o futuro do que o passado, e a memória só tem sentido enquanto reforça a esperança”.

O que Susin apresenta não é mais uma “hermenêutica do Concílio”, uma espécie de “terceira via” entre ruptura e continuidade, mas o que se revela é a

1 Luiz Carlos Susin: frei capuchinho, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Itália. Leciona na PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - Estef, em Porto Alegre. É autor de inúmeras obras, dentre as quais *Teologia para outro mundo possível* (Paulinas, 2006). (Nota da IHU On-Line)

2 Joseph Ratzinger: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido pontífice em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Anteriormente, era o Cardeal Joseph Ratzinger. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais é *Introdução ao cristianismo* (São Paulo: Loyola, 2006). (Nota da IHU On-Line)

sua própria “representação de tempo histórico”, com um “projeto histórico” específico a partir da experiência que o evento conciliar proporcionou à sua historicidade. Portanto, para o estudo do Concílio Vaticano II, como também para qualquer outro evento histórico, devemos nos afastar de três falsas dicotomias: as clássicas oposições binárias entre *continuidade e ruptura*, entre *fatores internos e externos* e, por fim, entre *estruturas e eventos*. Isso porque, na história, concepções de mudança implicam também concepções de continuidade.

Assim, neste momento de avaliação dos 50 anos de recepção do Vaticano II, o que importa é compreender melhor como os “sujeitos histórico-eclesiais” refletem sobre seu tempo, como *experimentam e reagem à sua própria temporalidade* para forjarem seus “projetos históricos”.

### A “justa hermenêutica” de Bento XVI

Em um pronunciamento feito às vésperas do Natal de 2005, para os cardeais membros da Cúria romana, e quando se encerravam as comemorações dos 40 anos do Concílio Vaticano II, o papa Bento XVI propôs a sua “justa hermenêutica conciliar”.

Este pronunciamento deve ser lido e compreendido num quadro histórico mais amplo em torno do qual se desenvolveu o grande debate sobre o significado e a recepção do Concílio Vaticano II (1962-1965). De fato, com o término do Concílio, não tardou muito a luta por sua interpretação. Rodrigo Coppe Caldeira<sup>3</sup> traça, de forma esquemática, o seguinte quadro geral da hermenêutica con-

ciliar nos anos seguintes à realização do Vaticano II:

“[De um lado está] uma linha de interpretação descontínua, desmembrando dela uma concepção pessimista e outra otimista em relação à ruptura que defende ter o Vaticano II representado na história da Igreja; e [de outro está] uma linha de interpretação contínua, marcada pelo pessimismo no que diz respeito à recepção dos documentos do concílio. Para efeito de análise, tomamos aqui as duas linhas que compõem as hermenêuticas conciliares hegemônicas: a *leitura descontínua otimista*, marcada por maior inserção na América Latina desde o final do concílio em 1965 [conduzida pela chamada Escola de Bolonha de Giuseppe Alberigo<sup>4</sup>] e a *leitura contínua pessimista*, que ocupa lugar de destaque no cenário católico, já que é ela que vai ditar a linha oficial vaticana”<sup>5</sup>.

É justamente diante desse quadro que devemos compreender o tom do discurso do papa Bento XVI, naquele primeiro natal de seu pontificado. Por outro lado, devemos nos atentar também para a “representação do tempo” contida nele, uma espécie de “teoria da história” que o papa desenvolve em vista de um “projeto histórico” específico.

Marcadamente teocêntrica, sua “representação do tempo” procura combinar “renovação em continuidade” a partir de duas ideias profundamente imbricadas: a *continui-*

*dade da única e verdadeira Igreja e a continuidade dos princípios*. O arcabouço teórico está todo concentrado na matriz filosófica grega – que não trata do transitório, da sucessão, da mudança, do devir – e no modelo teológico da escolástica: uma teologia marcadamente metafísica, que busca o conhecimento das primeiras causas, um saber *a priori*, constituído à margem da experiência histórica concreta. Assim, Bento XVI compreende a “Igreja” como um ser, com a sua essência invisível e transcendental, permanente, contínua, imutável e sempre idêntica a si mesma<sup>6</sup>. Por isso ela, a “Igreja”, é o “único [sujeito] que o Senhor nos deu; é um sujeito que cresce no tempo e se desenvolve, mas permanecendo sempre o mesmo, único sujeito do povo de Deus a caminho”. Por isso também que “vem do Senhor” a constituição essencial da Igreja, ou seja, a *primeira causa* originária.

No entanto, quando Bento XVI se refere às ações e decisões dos “homens da Igreja” no percurso da história, especialmente no período da Modernidade<sup>7</sup> (ou seja, as rupturas ocorridas), ele alerta para não se levar em conta as formas concretas como estas decisões foram tomadas, porque “dependem da situação histórica e, por isso, podem sofrer mudanças” ao longo do tempo. O que não se pode esquecer (e segundo o papa são poucos os que percebem isso) é que somente “os princípios expressam o aspecto duradouro, permanecendo no fundo e motivando a decisão desde dentro” e, assim, estas decisões podem seguir sendo válidas, mesmo que as formas de sua aplicação a contextos novos possam mudar.

3 **Rodrigo Coppe Caldeira**: graduado em História pela PUC Minas, onde é atualmente professor. Realizou mestrado e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Dele publicamos uma entrevista intitulada “A mística e a heresia”, em 11-01-2011, disponível em <http://bit.ly/K97FCQ>; outra entrevista intitulada “Tradicionalismo e conservadorismo católicos: as ideologias em jogo”, em 30-07-2011, disponível em <http://bit.ly/K6JzGR>; e um artigo intitulado “Deus: uma invenção?”, em 14-11-2011, disponível em <http://bit.ly/seP1aG> (Nota da IHU On-Line)

4 **Giuseppe Alberigo** (1926-2007): importante historiador da Igreja Católica. Estudou na escola de Hubert Jedin, historiador alemão, e na de Delio Cantimori em Firenze; seu mestre foi Giuseppe Dossetti, da quem herdou uma visão da história da Igreja com uma função de promover as orientações progressistas da política eclesial. A sua obra mais importante foi a direção da iniciativa editorial *Storia del Concilio Vaticano II*. (Nota da IHU On-Line)

5 CALDEIRA, Rodrigo Coppe. “Reflexões acerca da continuidade e descontinuidade no Vaticano II: possibilidades de análise”. In: *Revista Eletrônica da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção*, São Paulo, n° 2, ano 3, 2008. Os grifos são nossos. (Nota do autor) [http://www.teologia-assuncao.br/reletronica/numeros/n3/n3\\_rodrigo.html](http://www.teologia-assuncao.br/reletronica/numeros/n3/n3_rodrigo.html)

6 Quando prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o cardeal Ratzinger afirmou o seguinte sobre a Igreja: ela é “uma realidade ontologicamente e temporalmente anterior a todas as igrejas particulares individuais”. (Nota do autor)

7 O exemplo paradigmático é, sem dúvida nenhuma, o caso Galileu Galilei, em que a Inquisição o condenou, para depois, mais de quatro séculos, a Igreja reconhecer sua teoria e pedir perdão. (Nota do autor)

Se entendemos bem as ideias propostas por Bento XVI, podemos aplicá-la, por exemplo, numa instituição criada e dirigida pelos “homens da Igreja” em uma determinada época histórica: a Inquisição – típica instituição do período da Cristandade. Sua forma concreta mudou nos dias atuais: hoje, o antigo Santo Ofício, chama-se Congregação para a Doutrina da Fé. Esta “nova” instituição manteve o princípio de fundo da “velha” instituição, expressando, conforme o papa, seu aspecto duradouro, permanente e “motivando a decisão desde dentro”; ou seja, o princípio que sustentava o Santo Ofício no passado, como sustenta a Congregação para a Doutrina da Fé hoje é o mesmo: a defesa da Verdade (aquela que está presente na Revelação, na Tradição e no Magistério). Desse modo, a defesa contínua da Verdade possibilitou a busca por “formas adequadas” em determinados contextos históricos e, por isso mesmo, elas podem mudar (ontem Santo Ofício da Inquisição, hoje Congregação para a Doutrina da Fé). Os métodos para a defesa da Verdade já não são mais os mesmos, mas o princípio, este sim, continua o mesmo.

A conclusão que Bento XVI chega é de que o Concílio Vaticano II foi em parte uma ruptura, pois “corrigiu algumas decisões históricas” tomadas pelos “homens da Igreja”, especialmente em relação aos problemas levantados pela época moderna, “mas nesta aparente descontinuidade [a Igreja] manteve e aprofundou sua íntima natureza e sua verdadeira identidade” (os grifos são nossos), ou seja, o seu princípio transcendental e verdadeiramente divino.

### O “tempo histórico” em Reinhart Koselleck

Alguns dos pressupostos essenciais da “História dos Conceitos” desenvolvida pelo historiador alemão Reinhart Koselleck, a nosso ver, contribuem em grande medida para desmistificar a equívoca dicotomia entre continuidade e ruptura, que muitas vezes prejudicou, e ainda prejudica, uma compreensão adequada de todo

o processo de recepção do Concílio Vaticano II.

Todo o trabalho de Reinhart Koselleck foi realizado a partir de dois parâmetros centrais. O primeiro é a ideia de que a descontinuidade histórica pode ser localizada por meio da análise conceitual. Se a história é caracterizada tanto por rupturas como por continuidades, então estas rupturas estão refletidas na linguagem. Além disso, a linguagem pode ser o contexto de origem de uma descontinuidade histórica que, então, se irradia da linguagem para os acontecimentos e as instituições. Influenciado pela hermenêutica gadameriana, sua proposta para uma história dos conceitos é a de cobrir justamente “a zona de convergência ocupada por conceitos passados e presentes”. Por isso elabora uma “teoria” para que torne possível a compreensão dos “modos de contato e de separação no tempo”.

Desta reflexão, ele a desdobra para uma noção sobre o que constitui o “tempo histórico”. “Tempo histórico” são as concepções construídas por uma sociedade sobre sua temporalidade e, particularmente, sobre seu futuro. A temática historiográfica não é propriamente o passado, mas o futuro; não o fato, mas a possibilidade; mais precisamente, as possibilidades e projetos passados, seus projetos históricos – o futuro passado.

Em todo conceito, realidade ou período histórico a ser analisado pelo historiador estaria em jogo uma determinada relação entre “espaço de experiências” e “horizonte de expectativas”. Através dessas duas categorias de caráter “meta-histórico” ou “antropológico”, o homem organiza seu mundo, dá sentido às suas experiências. Koselleck nos oferece um breve esboço do significado de cada uma delas. A *experiência* “é um passado presente, cujos acontecimentos foram incorporados e podem ser recordados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional como os modos inconscientes do comportamento que não devem, ou não deveriam ainda estar presentes no saber”. A *expectativa*, por sua vez, “se efetua no hoje, é futuro feito presente,

aponta ao [...] não experimentado, ao que só se pode descobrir. Esperança e temor, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade formam parte da expectativa e a constituem”.

Todas estas categorias tematizam uma “condição humana universal” que torna possível a existência da história real: a relação do homem com a temporalidade. A existência da história só é possível, para o autor, tanto no plano da realidade como no do conhecimento, na medida em que os homens são seres temporais, isto é, conformados, em grande medida, pelas experiências do passado, mas também capazes de planejar um futuro, atualizando-o no presente.

Koselleck salienta que as duas categorias não existem separadamente. É na tensão entre as duas dimensões que identifica algo como o “tempo histórico”. Atingimos então o ponto central de sua proposta historiográfica: entender o movimento da ação política e social (no nosso caso aqui, também eclesial) ao longo da história a partir da *investigação acerca da maneira como os homens combinaram concretamente em seu presente a dimensão de sua experiência passada com suas expectativas de futuro*. A história concreta pode ocorrer na medida em que os homens, que a fazem, *combinam experiências e determinadas expectativas*. A ciência histórica deve se referir ao problema da experiência histórica, com suas diferentes “ontologias sociais do tempo”, que indicam e informam “tensões existenciais” relativas à finitude humana (Heidegger). Atentando para esses elementos existenciais, a história pode chegar a entender os conflitos políticos e sociais que caracterizam os diversos períodos históricos.<sup>8</sup>

### O conflito de “projetos históricos” contidos nas diferentes hermenêuticas

<sup>8</sup> Cit. por PEREIRA, Luísa Rauter. O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico: entre tradição e objetividade. In: *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto: UFOP, nº 7, nov./dez. 2001, pp. 254-255. (Nota do autor)

Assim, tomando emprestado a representação de tempo histórico de Koselleck, podemos dizer que a hermenêutica da Escola de Bolonha, referente ao trabalho do falecido historiador italiano Giuseppe Alberigo (“leitura descontínua otimista”), e toda sua ênfase no “espírito” conciliar, procura controlar e rejeitar certo espaço da experiência delimitado (não só cronologicamente, mas mentalmente) pelo chamado “2º milênio” da história da Igreja onde se desenvolveram uma tradição e costumes vindos desde a Reforma Gregoriana e aprofundadas no Concílio de Trento<sup>9</sup> (o modelo de Cristandade). Em síntese: defendem a “reformulação da tradição anterior”.

Por outro lado, revaloriza outro espaço da experiência, que é a do “1º milênio”, não na busca de uma idealizada *ecclesiae primitivae forma*, mas das práticas e do “espírito” daquela Igreja ainda indivisa pela ruptura de 1054 (cisma do Oriente), que, segundo o historiador Enrico Morini, estava “nutrida de comunhão recíproca entre as Igrejas”.

Mas, por sua vez, acentua o horizonte de expectativa que se abriu após o Concílio – procurando intensificar e acelerar esta expectativa – trabalhando por uma verdadeira “revolução cultural” da Igreja e sintonizada/atualizada com o mundo moderno. Isso fica bem evidente, em um número da Revista Internacional de Teologia *Concilium* sobre os 40 anos do Vaticano II, onde os articulistas demonstram seu desânimo atual perguntando: “Vaticano II: um futuro esquecido?”.<sup>10</sup>

Já a “representação do tempo” da hermenêutica da “minoría pessimista” teme a aceleração do tempo da “maioría otimista”. Procura ampliar o espaço da experiência, dando a ela um prolongamento e densidade tem-

porais ainda maiores para controlar e desacelerar o horizonte de espera dos “alberigionianos” através da restauração/implantação de disciplinas, catecismos, liturgias, ordens e congregações religiosas e movimentos eclesiais comprometidos com a comunhão com o Sumo Pontífice e, conseqüentemente, com a manutenção da identidade católica romana.<sup>11</sup>

Mas, para isso, constrói outro horizonte de expectativa na forma de “antecipação messiânica”: projeta em um futuro, próximo e radicalmente transformado, um mundo novo no qual poderia ser plenamente restituída a plausibilidade da mensagem da Igreja. Isso só será possível por meio de uma forte mobilização católica no tempo presente visando realizar a “nova evangelização” (recristianização) do Ocidente.<sup>12</sup> Por isso a necessidade de atrelar com firmeza *Futuro-Passado* e esta ideia fica clara na semântica de Bento XVI sobre a “única e mesma identidade da Igreja Católica Romana” ao longo do tempo.

\* \* \*

É com esta visão da Tradição e de passado, que a Igreja da “minoría pessimista” (ainda é mesmo “minoría” e “pessimista”?) projeta seu futuro de plausibilidade na sociedade contemporânea com um “novo ardor evangelizador”. Já a “maioría otimista”, que há muito deixou de ser “maioría” e “otimista”, parece desanimada pela demora da “parusia” de seu projeto histórico.

Haveria possibilidade para algum “outro” projeto? Talvez tenhamos chegado ao momento, como disse Jesus, das “pedras falarem” ou, como D. Helder Câmara<sup>13</sup>, dos “galos cantarem”:

11 Como disse, certa vez, um membro da Cúria Romana para alguns bispos brasileiros: “Não tenho a menor saudade do 1º milênio!”. (Nota do autor)

12 HERVIEU-LÉGER, Danièle. “O bispo, a Igreja e a modernidade”. In: LUNEAU, René & MICHEL, Patrick (org.). *Nem todos os caminhos levam a Roma*: as mutações atuais do catolicismo, Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 320-321. (Nota do autor)

13 Dom Hélder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade,

Tão escuro ainda!  
E as horas se arrastando...  
Não haverá perigo  
De a Noite  
Emendar com a Noite?  
Galos todos,  
Que despertais a Aurora,  
Cantai!  
Mais alto ainda!  
É terrível!  
Quando a própria Madrugada  
Não desperta  
E não nos desperta!

## Leia mais...

>> Sergio Coutinho já concedeu entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *Igreja: de regente a terceiro violino*. Entrevista publicada nas Notícias do Dia de 21-04-2012, disponível em <http://bit.ly/lvAMA4>;
- *A CNBB depois da última assembleia geral. Uma análise*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/lbUqKv>.

em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo Hélder Câmara: cartas do Concílio. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em <http://migre.me/KtGO>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário Dom Hélder Câmara - o santo rebelde. O material pode ser acessado em <http://migre.me/Ktlb>. (Nota da IHU On-Line)

9 Concílio de Trento: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma. (Nota da IHU On-Line)

10 *Concilium*: Revista Internacional de Teologia, Petrópolis: Vozes, nº 312, fasc. 4, ano 2005. (Nota do autor)

## Terra habitável

## A atualidade do legado de Lutzenberger

Uma década após a morte do ecólogo e ativista ambiental, suas ideias continuam pertinentes e dialogam com o mundo em que vivemos, pondera Lilian Dreyer. Em 1971 “Lutz” já questionava o cálculo do PIB e apontava o FIB como mais coerente

POR MÁRCIA JUNGES

“Lutzenberger não foi apenas um ativista ambiental, foi um ecólogo, um homem excepcionalmente preparado, sob o ponto de vista de formação e informação, que desenvolveu um corpo de ideias que em nada se desatualizou”. A afirmação é da jornalista Lilian Dreyer, em entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, avaliando a importância do seu legado uma década após sua morte. Carinhosamente chamado por Lilian de “Lutz”, ele se caracterizava por ser “rápido na crítica e na cobrança”, algo que às vezes se dava de “forma passional”. Ao mesmo tempo em que tinha a fama de “brabo”, era “acessível, divertido e muito generoso”. E completa: “Lutzenberger, que não tinha nenhuma inclinação mística ou religiosa, traçou um caminho de profundo significado espiritual. Ele tanto percebeu quanto intuiu o quanto estávamos próximos de poder desfrutar de uma espécie de céu na Terra, se conseguísse-

mos recuperar um senso de humildade e reverência diante do que ele chamava o Grande Caudal da Vida”.

Jornalista, formada pela UFRGS, e escritora, Lilian Dreyer é diretora da Vidicom Edições, com atuação na área de produção audiovisual e desenvolvimento cultural. Vinculada ao cooperativismo e ecologia, atuou no Conselho Educativo da Cooperativa Ecológica Coolméia, de Porto Alegre, e, em 1996, assumiu o cargo de presidente do Conselho de Administração, permanecendo na função (eletiva e não-remunerada) até junho de 1999. É autora de, entre outros, *Sinfonia Inacabada - A Vida de José Lutzenberger* (Porto Alegre: Vidicom Audiovisuais Edições, 2004) e, junto com Maria Elena Johannpeter, *O Quinto Poder- Consciência Social de uma Nação* (Porto Alegre: L&PM, 2008).

Confira a entrevista.

#### IHU On-Line - Passada uma década da morte de Lutzenberger<sup>1</sup>, quais

1 José Antônio Lutzenberger (1926-2002): agrônomo e ecologista brasileiro que participou ativamente na luta pela conservação e preservação ambiental. Foi secretário-especial do Meio Ambiente da Presidência da República de 1990 a 1992. Em 1971, depois de treze anos como executivo da Basf, abandonou a carreira para denunciar o uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras do Rio Grande do Sul. A partir de então, se dedicou à natureza e defendeu o desenvolvimento sustentável na agricultura e no uso dos recursos não renováveis, alertando para os perigos do modelo de globalização em vigor. Participou da fundação da Associação Gaúcha de

#### são seus maiores ensinamentos?

Lilian Dreyer - Talvez o primeiro e mais importante seja a sua própria atitude, a coerência entre o que ele pregava e o que ele fazia. Lutzenberger não foi apenas um ativista ambiental, foi um ecólogo, um homem excepcio-

Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) - uma das entidades ambientalistas mais antigas do país - e criou a Fundação Gaia. Leia mais na edição 18 da Revista **IHU On-Line**, intitulada *Lutzenberger: uma vida em favor da natureza*, publicada em 20 de maio de 2002, disponível em <http://migre.me/5uSsx>. (Nota da IHU On-Line)

nalmente preparado, sob o ponto de vista de formação e informação, que desenvolveu um corpo de ideias que em nada se desatualizou. Desde o princípio da década de 1970 ele começou a disparar um discurso que enovelava todos os aspectos relevantes da vida contemporânea, sempre com um imenso pisca-alerta ligado, sempre gritando “gente, pegamos o caminho errado!”. Os desvios que ele percebeu na agricultura, na indústria, no comércio internacional, na relação consumo-desperdício-lixo, na aceitação acrítica

da tecnologia, no posicionamento coletivo ante ecossistemas e grandes biomas como a Amazônia, tudo isso continua dramático - e agora requerendo redirecionamento mais urgente. Lutzenberger algumas vezes se equivocou com relação a prazos, mas acho difícil que se encontrem grandes falhas em suas avaliações e previsões. Ele traçou um grande painel em *Garimpo ou gestão – Crítica ecológica do pensamento econômico*, livro que deixou pronto antes de morrer e que só recentemente foi publicado.

**IHU On-Line - Quais são as maiores lembranças que você tem da pessoa Lutzenberger? Como era conviver e partilhar saberes com ele?**

**Lilian Dreyer** – “Lutz” era rápido na crítica e na cobrança, que ele muitas vezes expressava de forma apaixonada. Fazia jus à fama de brabo. Era também acessível, divertido e muito generoso. Apesar da postura física meio rígida, era uma pessoa afetuosa. Quando percebia que alguém tinha interesse sincero em aprender, sua rabugice de imediato se convertia em abertura e disponibilidade. Não é à toa que tanta gente o chamasse de professor, embora ele não se atribuisse essa qualificação. Eu era um esboço de jornalista quando o conheci, mas isso não impediu que trabalhássemos juntos em seus livros, em geral em alguma mesa de bar. A simples presença dele modificava o olhar da gente sobre o mundo. Depois de sua partida, quando o livro de memórias em que trabalhávamos se converteu em biografia, uma frase padrão que ouvi de entrevistados foi “ele mudou a minha vida”.

**IHU On-Line - Lutzenberger tornou-se conhecido por sua visão sistêmica da vida. Quais eram os seus referenciais teóricos que embasavam tais ideias?**

**Lilian Dreyer** – Lutz tinha alma e formação de cientista, com pós-graduação em química nos Estados Unidos, dominava cinco idiomas e se relacionava com pensadores e universidades em todos os continentes. Ele dizia que descobriu a mágica da natureza no jar-

“Eu era um esboço de jornalista quando o conheci, mas isso não impediu que trabalhássemos juntos em seus livros, em geral em alguma mesa de bar”

dim de sua mãe, e que começou a se interessar em compreender o que descobria por causa do apoio e da mente aberta de seu pai. Era pouco mais que um piá quando começou a estudar Einstein<sup>2</sup> e acompanhar o pensamento do filósofo e matemático Bertrand Russell<sup>3</sup>, influências de que nunca se apartou. A bióloga Rachel Carson<sup>4</sup> e

2 **Albert Einstein** (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas ideias sobre a natureza corpuscular da luz. É, provavelmente, o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista *IHU On-Line*, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*, disponível em <http://migre.me/16Mto>. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do *Simpósio Terra Habitável*, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. Leia, ainda, a edição 130 da *IHU On-Line*, de 28-02-2005, intitulada *Einstein: 100 anos depois do Annus Mirabilis. João Paulo II. Balanço e perspectivas*, disponível em <http://migre.me/16Mur> e a edição 141, de 16-05-2005, chamada *Terra habitável: um desafio para a humanidade*, disponível em <http://migre.me/16MuZ>. (Nota da *IHU On-Line*)

3 **Bertrand Arthur William Russell** (1872-1970): um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos que viveram no século XX. Político liberal, ativista e um popularizador da filosofia, Russell foi respeitado por inúmeras pessoas como uma espécie de profeta da vida racional e da criatividade. (Nota da *IHU On-Line*)

4 **Rachel Louise Carson** (1907-1964):

a perseguição que ela sofreu, por expor os danos causados por pesticidas, pesaram na decisão dele de mudar os rumos de sua própria vida. Ernst Schumacher lhe apontou a concepção da funcionalidade do local e do descentralizado, que Lutz atou às suas observações sobre a “constelação de equilíbrios” dentro dos ecossistemas. Baseou um de seus livros na hipótese Gaia de James Lovelock<sup>5</sup> e Lyn Margulis<sup>6</sup>. Admirava Isaac Asimov<sup>7</sup> (sua lite-

zóloga, bióloga e escritora americana, cujo trabalho principal, *Silent Spring*, é geralmente reconhecido como o principal impulsionador do movimento global sobre o Ambiente. (Nota da *IHU On-Line*)

5 **James Ephraim Lovelock** (1919): cientista e ambientalista inglês, conhecido por ser o autor da Teoria de Gaia. Atualmente vive no centro de uma polêmica por defender que apenas usinas nucleares podem os livrar de um desastre. É membro honorário da Association of Environmentalists for Nuclear Energy (para maiores informações, consulte o site [www.ecolo.org](http://www.ecolo.org)). A *IHU On-Line* nº 171, de 13-03-2006, publicou o artigo *A vingança de Gaia*, de autoria de Lovelock, disponível em <http://bit.ly/h7KNw6>. De sua bibliografia em português, citamos *A vingança de Gaia* (São Paulo: Intrínseca, 2006) e *Gaia, alerta final* (São Paulo: Intrínseca, 2009). (Nota da *IHU On-Line*)

6 **Lynn Margulis** (1938-2011): bióloga e professora na Universidade de Massachusetts. Seu trabalho científico mais importante foi a teoria da endossimbiose, segundo a qual a mitocôndria teria surgido por endossimbiose: a mitocôndria seria um organismo separado que teria entrado em simbiose com células eucarióticas. Foi casada com Carl Sagan e com ele teve seu filho Dorion Sagan, jornalista e escritor especializado em divulgação científica. Muito menos aceitação do meio científico tem a hipótese de Gaia, com que Margulis começou a trabalhar no ano de 1972. A hipótese de Gaia fora apresentada por James E. Lovelock, químico inglês e inventor. Gaia é uma deusa, a Mãe terra grega. Na sua hipótese, Lovelock sustentava que a Terra é um organismo vivo e Margulis especificou que a Biota terrestre - o agregado de toda a matéria viva do planeta - é habilitada para o crescimento e tem um metabolismo e uma interação química apropriada à manutenção da temperatura do planeta e da composição atmosférica nos níveis desejáveis para a eclosão e a existência da vida na Terra. (Nota da *IHU On-Line*)

7 **Isaac Asimov** (1920-1992): escritor e bioquímico estadunidense, nascido na Rússia, autor de obras de ficção científica e divulgação científica. A obra mais famosa de Asimov é a série da Fundação, também conhecida como Trilogia da Fundação, que faz parte da série do Império Galáctico e que logo combinou com sua outra grande série dos Robots. Também escreveu obras de mistério e fantasia, assim como uma grande quantidade de não-ficção. No total, escreveu ou editou mais de 500 volumes,

ratura científica), Albert Schweitzer<sup>8</sup>, Thomas Berry<sup>9</sup> e acompanhava com interesse Rupert Sheldrake<sup>10</sup>. Interagiu com Herman Daly<sup>11</sup>, Amory Lovins e Ross Jackson, dos quais era amigo pessoal, Hazel Henderson<sup>12</sup>... Nem dá para citar a variedade de nomes que compuseram sua biblioteca e sua agenda de interlocutores, no Brasil e no exterior.

aproximadamente 90 mil cartas ou postais, e tem obras em cada categoria importante do sistema de classificação bibliográfica de Dewey, exceto em filosofia. (Nota da IHU On-Line)

8 **Albert Schweitzer** (1875-1965): teólogo, músico, filósofo e médico alsaciano. Formou-se em Teologia e Filosofia na Universidade de Strasbourg, onde atuou como docente. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1952. (Nota da IHU On-Line)

9 **Thomas Berry** (1914): padre católico, historiador e ecoteólogo, bem como cosmólogo e geólogo, considerado autoridade em Teilhard de Chardin. (Nota da IHU On-Line)

10 **Rupert Sheldrake**: biólogo inglês conhecido por sua teoria da morfogênese. Pesquisador em bioquímica e fisiologia vegetal, descobriu junto com Philip Rubery, o mecanismo de transporte da auxina. Participou, na Índia, do desenvolvimento de técnicas de cultivo no semi-árido hoje usadas amplamente. De volta à Grã-Bretanha, tem-se dedicado a escrever, dar palestras e pesquisar um modelo de desenvolvimento teleológico, do qual faz parte a teoria dos campos morfogenéticos. Entre seus livros estão *O renascimento da natureza*, *Cães sabem quando seus donos estão chegando* e *A sensação de estar sendo observado*. (Nota da IHU On-Line)

11 **Herman Daly**: economista e professor estadunidense na Escola de Política Pública de College Park, nos Estados Unidos. A ele é geralmente atribuída a ideia de crescimento deseconômico. Confira a entrevista concedida por Daly às *Notícias Diárias* do site do IHU, em 13-08-2011, disponível para download em <http://bit.ly/15ezMV>. (Nota da IHU On-Line)

12 **Hazel Henderson** (1933): economista britânica. Seu trabalho pode ser conferido na página [www.hazelhenderson.com](http://www.hazelhenderson.com). Dos seus vários livros, foram publicados no Brasil *Transcendendo a Economia* (São Paulo: Cultrix, 1991), *Construindo um mundo onde todos ganhem* (São Paulo: Cultrix, 1996) e *Além da globalização: modelando uma economia global sustentável* (São Paulo: Cultrix, 1999). Confira as entrevistas que concedeu à IHU On-Line: “*O capitalismo está evoluindo rumo a níveis mais elevados de consciência em decorrência do colapso de seu maluco cassino global*”, disponível em <http://bit.ly/KXLdxB>; “*Não podemos ignorar nossas realizações cooperativas e seus heróis e heroínas*”, na IHU On-Line nº 141, de 16-05-2005, e *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades*, artigo publicado nos *Cadernos IHU Ideias* nº 56, disponível em <http://bit.ly/NzuiTb>. (Nota da IHU On-Line)

“Sou bastante cética em relação a esta ‘nova economia’, pois tanto quanto pude observar ela tende a mercantilizar a natureza, em vez de propor uma guinada ética com relação à natureza e à distribuição de renda no planeta”

**IHU On-Line - Após 13 anos de trabalho na BASF, Lutzenberger abandonou a carreira para denunciar o uso de agrotóxicos nas lavouras gaúchas. Como avalia o uso dos pesticidas hoje, em nosso estado, e junto disso o avanço do monocultivo como do eucalipto e da soja, em específico?**

**Lilian Dreyer** - Ele e os ativistas ambientais que deram as caras na década de 1970 produziram mudanças profundas na avaliação e regulamentação dos pesticidas, em todo o Brasil. Mas, como o próprio Lutz costumava lamentar, as vitórias são parciais e os retrocessos quase inevitáveis. Hoje o Brasil está à mercê da química pesada - somos campeões mundiais no uso de agrotóxicos. O modelo desenvolvimentista em curso não sabe o que fazer com a incrível riqueza do bioma Pampa, a não ser erradicá-lo e substituí-lo pela pobreza da soja e do eucalipto.

**IHU On-Line - Como o legado de Lutzenberger pode nos ajudar a pen-**

**sar uma outra relação com a vida na Terra e, também, com o consumo?**

**Lilian Dreyer** - Lutzenberger, que não tinha nenhuma inclinação mística ou religiosa, traçou um caminho de profundo significado espiritual. Ele tanto percebeu quanto intuiu o quanto estávamos próximos de poder desfrutar de uma espécie de céu na Terra, se conseguíssemos recuperar um senso de humildade e reverência diante do que ele chamava o Grande Caudal da Vida. Em todas as culturas “primitivas”, dizia ele, conhecimento e sabedoria andavam juntas. “Já a nossa cultura desenvolveu um conhecimento espetacular - só que atiramos a sabedoria pela janela. Esta é a razão pela qual nos tornamos tão destrutivos. Perdemos a prudência.” No livro *Garrimpo ou gestão*, Lutzenberger diz que ainda nos comportamos como garotos fascinados com sua própria destreza mecânica: confrontados com um grande computador de última geração, o desmantelamos com serra e alicate e depois usamos os fios e chapas para fazer modelos de avião. Para ele, é isso, uma infantilidade, o que estamos fazendo com todos os ecossistemas do mundo. O cérebro humano é magnífico, produziu um espantoso desenvolvimento científico, mas em vez de continuar desmantelando biomas precisa desvendar sua lógica intrínseca e aprender a operá-los. Diante da riqueza da vida na Terra, se o conhecimento se aliar a esse tipo de sabedoria, haveria condições para uma vida com abundância e significado para toda a humanidade.

**IHU On-Line - Qual seria a provável reação de Lutzenberger frente às obras do PAC de hidrelétricas no que diz respeito à preservação da biodiversidade e das populações originárias?**

**Lilian Dreyer** - Se há uma coisa que não me atrevo é falar sobre prováveis reações de Lutzenberger. Ele tinha uma capacidade única de perceber padrões e, em cima disso, avaliar intenções e resultados. Considerando o quanto ele respeitava as cosmogonias dos “primitivos”, o quanto percebia a

natureza como fonte do bem viver, o quanto ele abominava a tecnologia asentada sobre concentração de poder e ativadora de corrupção, especulo que ele hoje estaria colocando sob holofotes histórias anteriores, como as das hidrelétricas de Tucuruí e Balbina, por exemplo. O desperdício, a desestruturção e as negociatas que estas obras propiciaram foram terríveis, mas permanecem ignorados pela opinião pública, quando deveriam estar no centro das nossas atuais discussões a respeito de grandes obras.

**IHU On-Line - Em seu livro publicado postumamente, Lutzemberger acentua que o PIB tal qual é concebido, é um engodo. Seria o caso de se pensar em expedientes como o FIB (Felicidade Interna Bruta), por exemplo? Em que medida essa nova concepção iria mudar a forma como as pessoas e as empresas se relacionam com o meio ambiente?**

**Lilian Dreyer** - Robert Kennedy, pouco antes de morrer assassinado, em 1968, fez um discurso intenso que, tanto quanto sei, foi pioneiro nesta questão de questionar o PIB como medida de progresso. Kennedy disse que o PIB tem a ver com tudo, exceto com aquilo que faz com que a vida valha a pena. Desconfio que Lutzemberger foi uma das primeiras pessoas, fora do poder, a prestar atenção nestas palavras. Em 1971 ele já martelava em cima disso. Depois, no período preparatório à Rio-92, Lutz apontava insistentemente para o Botão e a disposição deste pequeno país em criar um padrão, algo como o FIB, para medir o grau de felicidade que as escolhas da nação traziam ao seu povo. O que mede o PIB? Movimentação de dinheiro. É uma conta rasa e meio absurda, porque não desconta os recursos irrecuperáveis que foram gastos, como jazidas, florestas, água limpa e saúde pública. É um indicador que não diz nada sobre como a renda gerada está distribuída entre a população. Quando conseguimos nos desvincular desse padrão e se começarmos a nos perguntar sobre como nossas escolhas coletivas estão afetando nosso bem-estar real, nossa

“Ele dizia que descobriu a mágica da natureza no jardim de sua mãe, e que começou a se interessar em compreender o que descobria por causa do apoio e da mente aberta de seu pai”

relação com os sistemas de suporte da vida possivelmente encontre caminhos bem mais saudáveis.

**IHU On-Line - Esse ambientalista também esteve ligado às conferências preparatórias da Rio-92. Passados 20 anos desse evento, está prestes a ocorrer a Rio+20. Quais são suas expectativas sobre as decisões que podem surgir desse encontro?**

**Lilian Dreyer** - Lutz na verdade, como ministro do Meio Ambiente na época e como personalidade de amplo trânsito junto a ongs do mundo inteiro, esteve no centro das articulações da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, a Rio-92. Eu lamento que aqueles que hoje discutem a Rio+20 demonstrem pouco interesse pelos antecedentes da discussão em torno de PIB/FIB e daquilo que seria o que agora chamam de economia verde. Sou bastante cética em relação a esta “nova economia”, pois tanto quanto pude observar ela tende a mercantilizar a natureza, em vez de propor uma guinada ética com relação à natureza e à distribuição de renda no planeta. A diplomacia brasileira,

penso eu, historicamente, nesse tipo de encontro se foca na ideia de que os países ricos querem usar a proteção à natureza como instrumento para limitar nosso crescimento econômico. É essa também a visão de muitos outros países ansiosos por se tornarem emergentes. Além disso, o governo brasileiro, em todos os níveis, continua sem ter uma visão estratégica da biodiversidade, nós continuamos vendo a natureza como estorvo e não como aliada na produção de bem estar. Mas levo fé no que pode resultar da confluência de cidadãos conscientes do mundo inteiro no Rio. Acho que a atividade paralela aos encontros oficiais, a atividade da sociedade civil, deve ser bem mais interessante. É um momento de grande força simbólica para este momento da História, em que a internet começa a deslocar o poder de informação e decisão.

**IHU On-Line - Recentemente a física e econofeminista Vandana Shiva<sup>13</sup> visitou o Rincão Gaia, onde Lut-**

<sup>13</sup> **Vandana Shiva (1952):** física, ecofeminista e ativista ambiental da Índia. Na década de 1970, participou daquele que ficou conhecido como o Movimento das Mulheres de Chipko, formado em sua maioria por mulheres que adotaram a tática de se amarrar às árvores para impedir sua derrubada e o despejo de lixo atômico na região. Uma das líderes do International Forum on Globalization, Shiva ganhou o Right Livelihood Award em 1993, considerado uma versão alternativa do Prêmio Nobel da Paz. É diretora da Research Foundation for Science, Technology, and Ecology, em Nova Délhi. Shiva é figura de destaque no movimento anti-globalização e consultora para questões ambientais da Third World Network. Entre suas atividades mais recentes, incluem-se iniciativas de ampla divulgação para a preservação das florestas da Índia, luta em favor das sementes como patrimônio da humanidade e programas sobre biodiversidade dirigidos a diferentes coletividades, além de pesquisas para o desenvolvimento de uma nova estrutura legal para os direitos de propriedade coletivos, como alternativa para os sistemas de direitos de propriedade intelectual atualmente em vigor. Confira as seguintes entrevistas de Vandana Shiva reproduzidas pelo site do IHU: *Ecofeminismo é colocar a vida no centro da organização social, política e econômica, afirma Vandana Shiva*, disponível em <http://bit.ly/KK00Tc> e *“Salvemos as sementes e os cultivos tradicionais”*, disponível em <http://bit.ly/t1B5IA>. A física esteve na Unisinos a convite do IHU em 2002. (Nota da IHU On-Line)

**zemberger está sepultado. Qual é o significado da ida dessa amiga do ambientalista ao seu lugar de repouso? Qual é o nexó que une suas concepções de mundo, de vida?**

**Lilian Dreyer** - Vandana contou como ela, Lutz e Wangari Maahatai<sup>14</sup> costumavam atuar juntos nos encontros internacionais onde se discutiam as florestas, a agricultura e o processo de dominação das sementes pelas empresas de agrotóxicos. Eles tinham a mesma visão sobre como uma agricultura saudável, ecossistemas equilibrados e poder de decisão local produzem comunidade harmônica e abundância de alimentos. Batiam-se por isso, como Vandana faz até hoje. Vandana visitou Lutz no Rincão durante um Fórum Social Mundial, pouco antes do falecimento dele, e agora, dez anos depois, quis homenagear o amigo, voltando ao local onde ele “se reciclou”, e alimentar os ideais comuns.

14 **Wangari Muta Maathai** (1940-2011): professora e ativista política do meio-ambiente queniana. Foi a primeira mulher africana a receber, em 2004, o Prêmio Nobel da Paz. Nasceu na vila de Ithite, no distrito de Nyeri, na Província Central do Quênia, então colônia britânica. Sua família pertence à etnia Kikuyu, o mais numeroso grupo étnico do país, e vive na área há várias gerações. Depois de concluir os estudos secundários, em 1959, pretendia ingressar na Universidade da África Oriental, em Kampala, Uganda. Porém, recebe uma bolsa da Fundação Joseph P. Kennedy Jr. e, com outros 300 quenianos, pôde prosseguir seus estudos nos Estados Unidos a partir de setembro de 1960. Em 1964, torna-se a primeira mulher da África Oriental a obter o bacharelado em biologia, no Mount St Scholastica College, em Atchison, Kansas. Em 1966, obtém o mestrado em biologia pela Universidade de Pittsburgh e, em seguida, trabalha como pesquisadora em medicina veterinária na Alemanha, em Munique e Giessen, antes de receber o seu doutorado em anatomia na Universidade de Nairóbi, em 1971. Foi a primeira mulher na África Oriental e Central a receber o grau de doutora naquela universidade, onde também se tornou professora de anatomia veterinária. Em 2002, atuou foi professora convidada do Global Institute of Sustainable Forestry da Universidade Yale. No mesmo ano, em dezembro, nas primeiras eleições livres do seu país, foi eleita membro do Parlamento queniano. Ficou conhecida no mundo pela sua luta de conservação das florestas e do meio ambiente. Ainda na década de 1970, fundou o movimento do Cinturão Verde Pan-africano (Pan-African Green Belt Network), no Quênia, uma iniciativa que plantou 30 milhões de árvores. (Nota da IHU On-Line)

“Quando percebia que alguém tinha interesse sincero em aprender, sua rabugice de imediato se convertia em abertura e disponibilidade”

**IHU On-Line - Além da visita ao Rincão Gaia, que outras atividades foram feitas em memória do ambientalista?**

**Lilian Dreyer** - Houve uma programação muito intensa. Lutz voltou à mídia, que lhe dedicou amplo espaço. Foi homenageado na Feira dos Agricultores Ecologistas. A Casa de Cultura Mario Quintana exibiu e debateu o documentário *Lutz Forever Gaia*, promoveu também saraus no Jardim Lutzenberger. Participei de um encontro, com Augusto Carneiro, na Livraria Cultura, onde o tema central foi o trabalho deles em paisagismo. Esses debates temáticos continuarão nos próximos meses. O encontro com Vandana Shiva, no Rincão e no Fronteiras do Pensamento, foi um ponto alto, um momento de reencontro daqueles que, anacrônicos pela figura do Lutz, ao longo de décadas vem se empenhando por uma reorientação de rumos da humanidade.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Lilian Dreyer** - Creio que é oportuno colocar um aspecto pouco percebido em Lutzenberger, o aspecto filosófico de seu tra-

balho. Deixo aqui, como ilustração, um trecho de seus escritos: *É claro que a Terra não é um ser vivo como uma planta ou um animal individual, que nascem, crescem, se reproduzem, envelhecem e morrem, mas é um sistema vivo, como o é um bosque, um cerrado ou banhado, porém num nível de organização superior ao destes. No organismo da Terra, a Gaia dos gregos, nós humanos, individualmente, somos como células de um de seus tecidos.*

*Já somos os olhos de Gaia. Com os olhos dos astronautas e nas imagens de satélite, a Terra pela primeira vez viu-se a si mesma, em toda sua singela beleza. Poucos dão-se conta do monumental, não somente em termos de história humana, mas em termos de História da Vida, que representa aquela primeira foto de Gaia. Este é um fato totalmente novo! Um momento decisivo. Uma situação faustiana. O homem, conhecendo demais, talvez cedo demais, cego de orgulho e com gula incontrolável, desencadeou um processo de demolição que supera todas as crises anteriores. Neste momento, nosso comportamento representa um perigo mortal para Gaia. Mas isto não é inevitável.*

## Leia mais...

>>Lilian Dreyer já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- Adequação ecológica: única forma de garantir a sustentabilidade. Edição 324 da revista *IHU On-Line*, de 12-04-2010, disponível em <http://bit.ly/bcGwLK>

## Livro da Semana

**HARVEY, David; ZIZEK, Slavoj. ALI, Tariq et ali. Occupy. Movimentos de protesto que tomaram as ruas (São Paulo: Boitempo, 2012)**

# A indignação e o sistema capitalista em colapso

Pelo mundo afora manifestantes denunciam os conchavos dos ricos para “oprimir e explorar o povo”, destaca Henrique Soares Carneiro. Manifestações podem redundar em revoluções com o agravamento da crise e o “desespero social”

POR MÁRCIA JUNGES

“**S** seja em Nova Iorque, em Madri, em Túnis ou no Cairo, há uma denúncia da aliança dos ricos com o poder para oprimir e explorar o povo”, afirma o historiador Henrique Soares Carneiro na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Em sua opinião, as manifestações podem se converter em revoluções à “medida em que o agravamento da crise aumente o desespero social e haja direções revolucionárias capazes de apontar nessa direção”. O sistema capitalista como um todo está à beira de um colapso em termos sociais, ambientais e “da sua própria capacidade de gerir sua reprodução ampliada na medida em que os mecanismos dessa reprodução estão entrando em colapso no sistema financeiro global”. A entrevista foi

inspirada no artigo de Carneiro, escrito para a coletânea *Occupy. Movimentos de protesto que tomaram as ruas* (São Paulo: Boitempo, 2012).

Henrique Soares Carneiro é bacharel, mestre e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP, onde leciona. De sua vasta produção bibliográfica destacamos *Amores e sonhos da flora. Afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia* (São Paulo: Xamã Editora, 2002), *Comida e sociedade. Uma história da alimentação* (Rio de Janeiro: Campus, 2003) e *Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna* (São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Há um traço que une as mobilizações e protestos sociais no mundo afora em 2011?**

**Henrique Soares Carneiro** – Sim. O que une os protestos globais é, em primeiro lugar, uma recusa ao capitalismo, uma denúncia da ação predatória, exploradora e predatória da ordem econômica global. Seja em Nova Iorque, em Madri, em Túnis ou no Cairo, há uma denúncia da aliança dos ricos com o poder para oprimir e explorar o povo. Em segundo lugar, há uma unidade objetiva da própria

busca de alternativas revolucionárias, a própria palavra revolução retoma sua condição de utopia realizável pela simples vontade coletiva de agir junto. Em terceiro lugar, há o fato de os movimentos, mesmo sem ser totalmente espontâneos, serem organizados por forças políticas críticas ao sistema político e sindical oficial. Finalmente, os usos de meios de comunicação ágeis, por internet, celulares, etc. são veículos particularmente eficientes de articulação social dos conteúdos citados.

**IHU On-Line – Esse período de contestação pode ser equiparado a outro na História? Qual?**

**Henrique Soares Carneiro** – Os períodos históricos possuem dinâmicas cíclicas, e as ondas de rebelião social assim como as de crises econômicas obedecem a oscilações e a difusões. O movimento atual tem evidentes referências na onda de rebeliões de 1968, que correspondem também ao início do esgotamento do modelo da ordem mundial de Yalta e Potsdam

do segundo pós-guerra. Mas em cada país há dinâmicas próprias.

**IHU On-Line – Qual a peculiaridade dos indignados? O que os diferencia de outras manifestações sociais que já ocorreram?**

**Henrique Soares Carneiro** – Os indignados não têm ainda uma definição clara do que são. Uma coisa é o que ocorre na Espanha, onde há tendências como DRY (Democracia Real Ya) e outra em distintos lugares. Têm semelhanças com outras irrupções de movimentos de juventude, mas características históricas próprias, ainda difíceis de analisar em poucas linhas sob risco de superficialidade.

**IHU On-Line – Tomando em consideração essa conjuntura, o ano de 2011 foi bom para a esquerda? Por quê?**

**Henrique Soares Carneiro** – Sim, obviamente, se pensarmos em esquerda como o polo dos movimentos sociais de explorados e oprimidos anticapitalista. Porque aumentou a influência das organizações e das ideias da esquerda revolucionária com reflexos em vários países, a se destacar o Síriza na Grécia.

**IHU On-Line – Em que medida essa indignação pode se converter em revolução?**

**Henrique Soares Carneiro** – Na medida em que o agravamento da crise aumente o desespero social e haja direções revolucionárias capazes de apontar nessa direção.

**IHU On-Line – Salvar bancos e arrochar a população vêm se tornando uma constante no capitalismo. Pensando na crise de 2008, acredita que esse sistema está à beira de um colapso?**

**Henrique Soares Carneiro** – Sim, como colapso social e socioambiental e também como colapso da sua própria capacidade de gerir sua reprodução ampliada na medida em que os mecanismos dessa reprodução estão entrando em colapso no sistema financeiro global. Isso ameaça também a ordem do segundo pós-guerra do FMI, do Banco Mundial e do dólar.

**IHU On-Line – Quais são os reflexos do Occupy no Brasil?**

**Henrique Soares Carneiro** – Os reflexos são ainda pequenos, mas tendendo a crescer, pois o país também está imerso na crise global.

**IHU On-Line – Em que medida a segurança alimentar tem sido uma das formas de controle e disciplina da população? Como esse controle se relaciona com essas revoltas que ora presenciamos?**

**Henrique Soares Carneiro** – O aumento dos preços dos alimentos ajudou a desencadear as revoltas nos países da África do Norte e do mundo árabe.

## Leia mais...

>>Confira a entrevista concedida por Vladimir Safatle à **IHU On-Line** 362 inspirada na coletânea *Occupy*.

*Movimentos de protesto que tomaram as ruas:*

- *A política contemporânea tende a ir para os extremos.* Revista **IHU On-Line**, número 392, de 14-05-2012, disponível em <http://bit.ly/JDN2z2>

## Evento: IHU Ideias

**Data:** 14-06-2012

**Palestra:** Rio+20 e alternativas energéticas: tecnologias limpas para o aproveitamento do carvão mineral

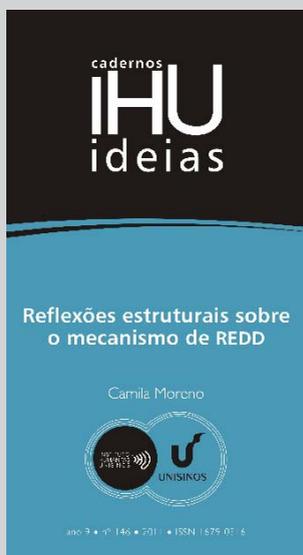
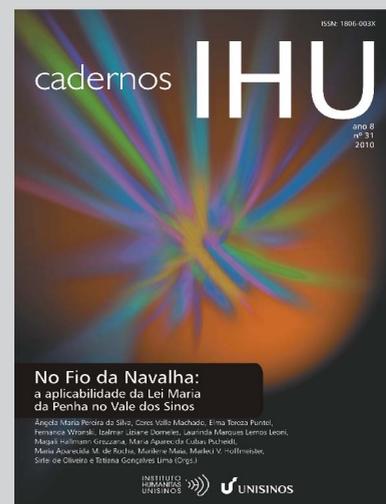
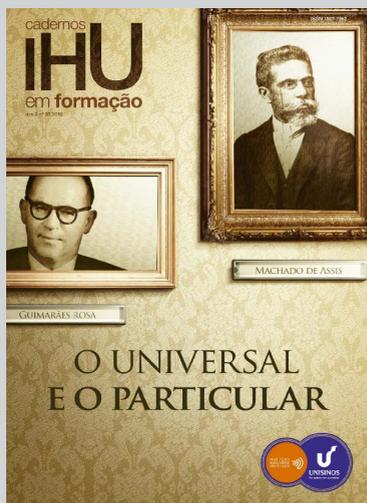
**Palestrante:** Prof. Dr. Roberto Heemann - PUCRS - Pesquisador do Centro de Excelência em Pesquisa e Inovação em Petróleo, Recursos Minerais e Armazenamento de Carbono (CEPAC)

**Horário:** 17h30min às 19h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/9matj>

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



## A crise mexicana e os negócios da convergência digital

POR IRMA PORTOS PÉREZ <sup>1</sup>

Os efeitos da crise no México têm sido evidentes. Ao depender crescentemente do ciclo econômico dos Estados Unidos, o que confere peculiares características dentro do modelo econômico neoliberal de tipo ortodoxo (“o mercado é o que manda”) no externo, mas no interno prevalece a proteção aos principais monopólios privados, sobretudo da comunicação, da informação e da cultura.

Esse modelo, que tem prejudicado profundamente ao tecido social e produtivo do país, vem se aplicando desde os 1990 com o objetivo central de impulsionar os grandes grupos exportadores mexicanos dentro dos quais se encontram os monopólios da comunicação e a cultura. A partir deste momento destacam os consórcios dedicados aos negócios da convergência digital, cujo epicentro e eixo das atuais disputas empresariais é entre o das telecomunicações e os meios de comunicação, destacando a TV aberta e paga, e em geral as atividades unidas ao entretenimento e ao consumo de milhões de mexicanos. Dessas se destacam as

chamadas redes sociais, ativadas nos telefones celulares que hoje somam mais de 110 milhões operando no país, como resposta à queda de investimento em infraestrutura de redes para a telefonia fixa. Essa caída tem prejudicado severamente e condenado ao atraso tecnológico, econômico e de comunicação milhares de municípios e populações do espectro nacional.

A indústria de serviços de telecomunicação tem sido uma das mais favorecidas em termos de rentabilidade, pois vem concentrando sua atuação à comercialização da rede elétrica e de fibra ótica, propriedade da nação para o lucro de seus benefícios econômicos. O Estado neoliberal tem permitido o fortalecimento de uns quantos grupos empresariais, impedido e limitado à participação de outros competidores e, portanto, tem propiciado o encarecimento acelerado dos serviços de telecomunicação, além de afetar a operação e extensão de redes de telefonia fixa que levariam os serviços necessários para a comunicação de internet às regiões cada vez mais estagnadas do país.

\* Irma Portos Pérez é comunicóloga e economista, investigadora e docente da Universidade Nacional Autônoma do México - UNAM. É uma das coordenadoras do grupo de trabalho de Economia Política da Comunicação da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação - ALAIC e colabora regularmente nas atividades do grupo Cepos. E-mail: <portpri@unam.mx>.

Nessa perspectiva, a chamada economia digital que resume os resultados das atividades dedicadas à comunicação, informação e entretenimento, todas elas atividades concebidas no marco das indústrias culturais (agora em debate conceitual ante a acepção econômica neoliberal de indústrias criativas concebida no mundo anglo-saxão, especificamente na Grã-Bretanha), que, sem dúvida, têm um impacto econômico cada vez mais relevante correspondente à evolução da sociedade da informação e a economia do conhecimento e o acelerado dinamismo dos meios audiovisuais. Isso não só tem revolucionado as atividades midiáticas tradicionais (TV, rádio, cinema e imprensa) senão que a cada vez mais são aplicadas em um conjunto de indústrias produtoras de bens de consumo e de capital com a finalidade de gerar maiores margens de produtividade e ganhos.

Pode-se observar a tendência dos últimos dois anos no crescimento do setor midiático, incluindo as telecomunicações, em comparação com o desempenho da economia mexicana. Destaca o impulso do primeiro semestre nas diferentes atividades midiáticas, e sua decaída no segundo semestre de 2011, que sem dúvida refletiu o impacto negativo da crise econômica e a queda no consumo de

meios, não incluindo os serviços de telecomunicação.

Sabe-se do poder econômico fruto da concentração dos principais grupos multimídia mexicanos no chamado oligopólio Televisa e TV Azteca, além da grande concentração do negócio das telecomunicações em uma empresa que foi do Estado até meados dos anos 1990: Telefones Mexicanos (Telmex). Recordemos que a empresa, agora propriedade de Carlos Slim, foi uma das mais importantes empresas do Estado mexicano, pioneira na digitalização de suas operações, que atualmente opera através de Telmex Internacional em um amplo espaço geográfico que inclui a vários países da América do Norte e do Sul. Dentre estes destaca-se o Brasil, que tem recebido fortes investimentos na construção de infraestrutura em redes fixas e a presença a cada vez maior da América Móvel, como uma das operadoras mais lucrativas do grupo Carso, propriedade do empresário Slim, que, como conglomerado, atua em diversos setores que incluem à banca e o comércio, e que de maneira recente tem dado a conhecer fortes investimentos em infraestrutura dentro e fora de México.

De maneira geral, é possível afirmar que as atividades derivadas das novas tecnologias da informação e

comunicação, unidas com as atividades financeiras, oferecem uma combinação interessante para a geração de ganhos extraordinários que, ao que parece, é o que destaca do dinamismo atual dos principais investidores, favorecidos pelos governos do México neoliberal. Desde a presidência de Carlos Salinas de Gortari (1988-1994), Ernesto Zedillo (1995-2000), Vicente Fox (2000-2006), Felipe Calderón (2006-2012): todos eles são os responsáveis pelo crescimento de atividades ilícitas no México, fruto do narcotráfico, bem como da decomposição e degradação de milhares de mexicanos, fundamentalmente jovens, milhões de mexicanos que merecem um país melhor com empregos e salários dignos, respeito à diversidade de opinião e que têm saído às ruas das principais cidades clamando a regeneração do país a partir de consignas simbólicas da realidade que hoje se vive em México: "Queremos educação, Não televisão".

#### ERRATA

Na coluna do Cepos da edição passada da IHU On-Line (número 394, de 28-05-2012) publicamos erroneamente o nome do autor do artigo. Ao invés de Bruno Lima Rocha, leia-se João Miguel.



# Dossiê Brasil: Chega de Usinas Nucleares!

## Por um Brasil livre de energia nuclear. Entrevista especial com Francisco Whitaker

“Os defensores da energia nuclear conseguem pintar uma imagem de que ela é sinônimo de alta tecnologia, de que os países que investem nesse modelo de energia são avançados, e que o Brasil não pode ficar para trás”, afirma o arquiteto

Confira a entrevista, publicada originalmente no sítio do IHU em 17-05-2012 e está disponível em <http://bit.ly/KSdW71>.

O acidente nuclear de Fukushima reacendeu o debate da energia nuclear no Brasil. Enquanto o governo defende a conclusão de Angra III, engenheiros, pesquisadores, ambientalistas e integrantes da sociedade civil se organizam no sentido contrário, na tentativa de banir a energia nuclear do país. Hoje, a campanha “Por um Brasil livre de energia nuclear” é promovida por duas frentes de discussão: a Coalizão por um País Livre de Usinas Nucleares, e a Articulação Anti-Nuclear Brasileira, que divulgam informações sobre os riscos desse modelo energético e promovem ações para repensar a composição da matriz energética brasileira. O arquiteto e ativista brasileiro Francisco Whitaker participa da Coalizão e diz que as duas frentes atuam no sentido de convencer o governo federal a desistir da ampliação da energia nuclear no país.

Em entrevista concedida à **IHU On-Line** por telefone, Whitaker avalia que a Coalizão e a Articulação já conquistaram duas vitórias. A primeira foi o adiamento da conclusão de Angra III, que depende de um financiamento externo. “Pressionamos a Alemanha para que não libere esse dinheiro, pois se o governo

alemão decide que não irá mais investir em energia nuclear, não pode financiar usinas nucleares em outros países. Diante da pressão brasileira, o governo alemão resolveu postergar a decisão de dar a garantia para a construção de Angra III”, explica. A segunda conquista diz respeito a iniciativa do governo federal de adiar a construção de novas usinas nucleares.

O Instituto Humanitas Unisinos – IHU também participa deste debate. A edição número 355 da revista **IHU On-Line**, de 28-03-2011, intitulada A energia nuclear em debate, publica uma série de entrevistas sobre as implicações da energia nuclear.

Francisco Whitaker foi presidente da Juventude Universitária Católica – JUC em 1953-1954, assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB no 1º Plano Pastoral de Conjunto em 1965-1966, e assessor da Arquidiocese de São Paulo e da CNBB de 1982 a 1988. Foi vereador de São Paulo, SP. É sócio-fundador da Associação Transparência Brasil e foi professor no Instituto de Formação para o Desenvolvimento de Paris e no Instituto Latino-Americano de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ilpes/ONU).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Em que consiste a campanha por um Brasil livre de usinas nucleares?**

**Francisco Whitaker** – Essa campanha iniciou após o desastre de

Fukushima, quando assistimos ao sofrimento do povo japonês. Esse desastre acordou as pessoas em relação à periculosidade da energia nuclear.

O Japão é conhecido por dominar a tecnologia nuclear, então, era o último lugar que se poderia esperar um acidente desse tipo e magnitude. Mas mesmo lá, a natureza se encarregou

de destruir as previsões. Eles construíam um dique de contenção de cinco metros de altura para prevenir de eventuais ondas do mar, mas veio uma onda de quinze metros. Esse acidente nos mostrou que não é possível haver uma usina nuclear 100% segura.

Os que defendem a energia nuclear argumentam que ela é mais barata, argumento que é extremamente contestado, principalmente se agregarmos ao custo da usina os gastos oriundos de um desastre. Independentemente do custo econômico, a usina em si é um atentado ao bom senso por causa dos riscos.

Quando acontece um desastre como o de Chernobyl ou Fukushima, muitas pessoas morrem por causa da explosão, e outras são atingidas pela nuvem de radiatividade que se forma e contamina a água, o solo, o ar, porque tal radiação não desaparece rapidamente. A radiatividade permanece por dezenas, centenas ou milhares de anos no local, contaminando as pessoas e o meio ambiente.

Outro risco diz respeito ao lixo atômico. As varetas de urânio produzem elementos e materiais que são extremamente radiativos. Além do mais, o lixo radiativo precisa de 100 mil anos para perder a radiatividade. Ainda não há solução para tratar esse tipo de lixo. Na França eles têm quase cinquenta mil toneladas de lixo atômico acumuladas e não sabem o que fazer com esse material. Cinco anos depois de Chernobyl ter explodido, foi feito um sarcófago sobre a usina, e ele começou a vazar. Precisaram construir um segundo sarcófago para impedir que a radiatividade saísse da usina.

**IHU On-Line – No Brasil, dois fóruns discutem as questões referentes à energia nuclear: a “Coalizão por um País Livre de Usinas Nucleares” e a “Articulação Anti-Nuclear Brasileira”. Quais as diferenças e aproximações entre essas duas frentes?**

**Francisco Whitaker** – A diferença diz respeito à forma como foram criadas. A Coalizão trabalha intimamente relacionada com a Articulação. Coincidentemente, no mesmo dia que nós realizamos a primeira reunião da Coalizão em São Paulo, foi criada, no Rio de Janeiro, Articulação.

A Coalizão se definiu como um grupo de pessoas e organizações que irão atuar no sentido de esclarecer a população sobre a energia nuclear, e precisamente batalhar para que o governo brasileiro não adote essa opção. Nossa proposta é de que o governo federal volte atrás e desista das obras de Angra III, desmantele as usinas de Angra I e II, e não invista nesse projeto.

A Articulação reúne organizações do Brasil todo vinculadas ao tema. Reúne também as pessoas que foram vítimas do acidente do Césio-137 em Goiás<sup>1</sup>, ativistas que batalham contra a mineração de Urânio etc. Ela amplia mais o debate do que a Coalizão, mas as duas estão trabalhando em estreita relação. As duas lançaram juntas uma iniciativa popular de emenda constitucional para proibir a construção das usinas nucleares no Brasil.

As duas frentes também participam juntas na Rio+20 com uma tenda antinuclear. Nossa proposta é divulgar ao máximo as informações que temos para que as pessoas saibam o risco que estamos correndo caso o Brasil insista em expandir a energia

<sup>1</sup> O acidente radiológico de Goiânia, amplamente conhecido como acidente com o Césio-137, foi um grave episódio de contaminação por radiatividade ocorrido no Brasil. A contaminação teve início em 13 de setembro de 1987, quando um aparelho utilizado em radioterapias das instalações de um hospital abandonado foi encontrado, na zona central de Goiânia, no estado de Goiás. Foi classificado como nível cinco na Escala Internacional de Acidentes Nucleares. O instrumento deixado no hospital foi encontrado por catadores de um ferro velho do local, que entenderam tratar-se de sucata. Foi desmontado e repassado para terceiros, gerando um rastro de contaminação, o qual afetou seriamente a saúde de centenas de pessoas. O acidente com Césio-137 foi o maior acidente radiativo ocorrido fora das usinas nucleares. (Nota da IHU On-Line)

nuclear. Infelizmente, ainda há falta de informações em relação ao tema.

**IHU On-Line – Pode nos dar mais detalhes sobre essa proposta de emenda à Constituição, proibindo a construção de usinas nucleares no Brasil? Como está esse debate?**

**Francisco Whitaker** – Nós estamos coletando assinaturas. Precisamos coletar 1.500.000 assinaturas para que o tema seja discutido no Congresso, e depois conseguir que um número suficiente de deputados assine uma emenda profissional, para que ela possa ser discutida no Congresso. Então, tem todo um trabalho a ser feito.

Recentemente, uma delegação de parlamentares brasileiros queria ter participado da visita a Chernobyl junto com Dom Jayme Chemello. Mas os parlamentares não puderam ir, porque a data da viagem coincidiu com a votação do Código Florestal. Eles queriam criar uma frente parlamentar contra a energia nuclear e preparar a luta dentro do Congresso.

Ainda sobre as nossas articulações, vamos lançar um livro no dia 21 de maio, em São Paulo, com um texto que escrevi quando apresentei a questão da energia nuclear ao Conselho Episcopal de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, em fevereiro deste ano, e com artigos de professores. Um capítulo desse livro é intitulado de “Por um Brasil livre de Usinas Nucleares. Por que e como resistir ao lobby nuclear”.

**IHU On-Line – Essa campanha tem causado algum efeito na posição do governo federal?**

**Francisco Whitaker** – Já tivemos duas boas repercussões. Uma delas é que a construção da Angra III depende do financiamento alemão. Pressionamos a Alemanha para que não libere esse dinheiro, pois se o governo alemão decide que não irá mais investir em energia nuclear, não pode finan-

ciar usinas nucleares em outros países. A decisão do governo alemão de postergar a decisão sobre a Garantia Hermes foi fruto, mais do que da pressão “brasileira”, da ação solidária de organizações alemãs, muito especialmente da Urgewald, e de personalidades internacionais, todas mostrando que o governo alemão estaria praticando uma dupla moral se assegurasse o financiamento de Angra III.

A segunda vitória é o fato de o governo brasileiro ter decidido adiar a construção das usinas nucleares no Nordeste. Não sabemos se essa decisão tem a ver com a pressão que começamos a fazer. A previsão é de que sejam construídas quatro usinas no Nordeste a partir de 2020. Percebe-se que o governo adiou a construção, mas ainda não desistiu, porque tem uma visão muito “pequena” do assunto. Ele considera que o crescimento econômico do Brasil depende da energia nuclear.

**IHU On-Line – A quem interessa a construção de usinas nucleares? Que setores fomentam o lobby?**

**Francisco Whitaker** – Tem muito dinheiro envolvido nesse debate. A construção de uma usina nuclear custa aproximadamente 10 bilhões de reais. Muitas empresas estrangei-

ras estão interessadas na construção de Angra III, pois exportam reatores, desenvolvem pesquisas, fabricam peças, maquinários. Esses capitais conseguem criar uma aura de que a usina não é problemática. Por exemplo, logo depois do desastre de Fukushima, um dos principais assessores da empresa brasileira de energia nuclear teve a insensatez de escrever um artigo dizendo que Fukushima provou que usina nuclear é segura. É inacreditável.

Os defensores da energia nuclear conseguem pintar uma imagem de que ela é sinônimo de alta tecnologia, de que os países que investem nesse modelo de energia são avançados, e que o Brasil não pode ficar para trás. É inacreditável ver como os franceses têm o maior orgulho de terem a tecnologia avançada. Hoje eles têm dificuldades enorme de abandonar esse modelo, porque 77% da energia é nuclear.

**IHU On-Line – A campanha mundial contra a energia nuclear é promovida pela Fundação Gorbachev. Pode nos falar sobre essa fundação? Como o senhor vê a atuação de Gorbachev nas discussões ambientais?**

**Francisco Whitaker** – Essa fundação foi criada por Mikhail Gorbachev

em 1993, logo depois da Rio-92, onde a problemática das armas nucleares, das usinas nucleares e da contaminação por radiatividade foi discutida. Surgiu então, a ideia de criar uma instituição como a Cruz Vermelha, que fosse voltada especificamente para atender às vítimas da energia nuclear. Então, criaram a Cruz Verde, uma fundação que está sediada na Suíça. Quando ocorreu o desastre de Chernobyl, Gorbachev era presidente da União Soviética e passou a desenvolver um trabalho mundial de combate às armas e usinas nucleares. Ele desenvolve um grande trabalho em Chernobyl, de assistência às famílias vítimas do desastre.

Outras organizações atuam nesse sentido. No dia 12 de março desse ano, em ocasião do primeiro ano do acidente de Fukushima, um grupo francês protestou contra as usinas da França. Essa organização lançou um apelo para que no mundo todo se fizesse alguma coisa. Em mais de 110 países houve mobilizações nesta data. No Brasil as manifestações foram pequenas, restritas a dez cidades, conduzidas e introduzidas pela Coalizão e pela Articulação.

**LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA  
NO SITE DO IHU  
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

# “Brasil não deve investir em energia nuclear”. Entrevista especial com Dom Jayme Chemello

“Seria oportuno que o Papa Bento XVI pudesse enviar um representante para a Ucrânia, para participar da celebração em memória dos mortos de Chernobyl”, declara bispo emérito de Pelotas

Confira a entrevista, que foi originalmente publicada no sítio do IHU em 02-06-2012, estando disponível em <http://bit.ly/LhvZTr>

Mais de duas décadas depois do acidente nuclear de Chernobyl, ainda é impossível contabilizar os prejuízos dessa tragédia, que deixou mais de 250 mil mortos e feridos e que destruiu famílias e contaminou o meio ambiente de forma irreversível. Embora os efeitos da radiação em humanos tenham diminuído nos últimos anos, ainda é preciso ter cuidado ao visitar algumas cidades que foram amplamente contaminadas, diz o bispo emérito de Pelotas-RS, Dom Jayme Chemello, que recentemente esteve na Ucrânia a convite a ONG Green Cross Internacional, coordenada pelo ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev. “Visitei Lokotkiv. Fomos de ônibus até onde foi possível, e depois tivemos de seguir a pé por uma estradinha, que devia ter uns quatro metros de largura. Caminhamos uns cinco quilômetros e não podíamos pisar fora de uma faixa, porque naquele espaço a radiação era três vezes maior”, relata.

Depois de voltar da Ucrânia, Dom Jayme Chemello recebeu a equipe da **IHU On-Line** em sua residência, em Pelotas, RS, onde contou novos fatos, que aos poucos são revelados na tentativa de explicar o que aconteceu em 1986. Segundo ele, na época “mais ou menos quinhentas mil pessoas” foram convocadas pelo governo para combater a expansão da radiação para outras regiões. “Dessas, cem mil eram recrutas militares e quatrocentos mil eram civis”. “Relata-se que os encarrega-

dos dos voos, aqueles que voavam cima de 800 metros para lançar os sacos de areia e chumbo para baixo, chegavam ao hospital satisfeitos, mas quando iam comer, não tinham apetite e logo depois morriam”, informa.

De acordo com ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, a Ucrânia inaugurou recentemente um novo sarcófago para armazenar o lixo radiativo, pois o anterior foi corroído pela radiação. “Eles enterram o lixo radiativo, mas não se sabe até quando aquele lixo vai poder ficar enterrado. Ninguém sabe o que fazer”. E recomenda: “O Brasil não deve investir em energia nuclear. Se existem alternativas energéticas, para que pensar em uma energia nuclear tão perigosa?”

Dom Jayme Chemello cursou Filosofia no Seminário Pontifício de Buenos Aires, e Teologia na Pontifícia Faculdade de Teologia, também em Buenos Aires. Foi ordenado sacerdote em 1958 na Igreja Matriz de São Marcos. Em 1969, foi nomeado bispo-auxiliar de Pelotas pelo Papa Paulo VI. Ele também foi vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, em 1994, e presidente por dois mandatos, entre 1998 e 2002. De 2005 a 2011 foi presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia, no Projeto de Evangelização da Amazônia, da CNBB. Em breve publicaremos uma entrevista sobre a trajetória de Dom Jayme na Igreja do Brasil.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – O senhor viajou recentemente para a Ucrânia, onde visitou cidades que foram atingidas pelo desastre de Chernobyl. Quem promoveu a viagem? Pode nos relatar como foi essa visita à Ucrânia?**

**Dom Jayme Chemello** – Quem promoveu essa viagem foi a Green Cross, uma organização que se dedica ao meio ambiente e que analisa os impactos das usinas nucleares. O atual presidente da Green Cross Internacional, Alexander Likhotal, era conselheiro de Mikhail Gorbachev<sup>1</sup>, quando este era presidente da União Soviética. Ele é um russo e esteve presente nessa comitiva.

Nós visitamos o museu de Chernobyl, onde retrataram tudo o que aconteceu através de fotos de pessoas, fotos de como era a cidade antigamente e de como ela ficou após o desastre nuclear. Ele é enorme; possui vários andares e é muito bem construído.

No dia 26 de abril de 2012, o presidente da Ucrânia anunciou a instalação do novo sarcófago, o qual foi construído para substituir o antigo. Ele custou 1 bilhão e 500 mil euros, e a previsão é de que dure 100 anos. A estimativa era de que o sarcófago anterior, construído após o desastre, durasse 30 anos, mas ele não aguentou nem 25. As medidas do novo sarcófago são de 108 metros de altura, 162 metros de comprimento, e 257 metros de largura. A estrutura de metal pesa 23 mil toneladas.

Visitei algumas cidades próximas de Chernobyl e percebi que em Kiev<sup>2</sup>,

<sup>1</sup> **Mikhail Gorbachev** (1931): foi secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética de 1985 a 1991. Com a morte de Konstantin Chernenko, Mikhail Gorbachev, com 54 anos de idade, foi eleito secretário geral do Partido Comunista, tornando-se líder da União Soviética. As suas tentativas de reforma conduziram ao final da Guerra Fria e, ainda que não tivesse esse objetivo, terminou com o poderio do Partido Comunista no país, levando até mesmo à dissolução da União Soviética. Criou a Fundação Gorbachev em 1992. Em 1993, fundou também a Cruz Verde Internacional. Foi um dos principais promotores da Carta da Terra, em 1994. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Kiev:** é a maior cidade e capital da Ucrânia, localizada na região centro-

que fica a mais ou menos 180 quilômetros de Chernobyl, quase não existem plantações por conta da radiação. Também fui a Slavutych<sup>3</sup>, onde participamos de uma comemoração em função dos 25 anos de jubileu de prata de todos que morreram em Chernobyl.

**IHU On-Line – Como foi essa cerimônia?**

**Dom Jayme Chemello** – Foi uma cerimônia muito interessante e aconteceu na praça de Slavutych. Havia aproximadamente 50 mil pessoas. A cidade em si tem esse número de habitantes; essas 50 mil pessoas vieram não só de Slavutych, mas também de outras cidades vizinhas.

Jovens com lâmpadas formaram duas filas como se fosse um corredor. Caminhamos por entre elas e depositamos duas rosas em um altar. Havia um silêncio total, porque todos estavam doloridos por terem perdido o pai, a mãe, ou algum parente ou conhecido no acidente de Chernobyl. Rezei para que Deus entendesse a situação daquele povo.

**IHU On-Line – A Igreja Ortodoxa participa dessa celebração ou não?**

**Dom Jayme** – Padres passaram por lá; não houve uma cerimônia especial por parte dos ortodoxos, porque eles são muito ligados ao governo. As igrejas deles são bonitas, têm torres douradas, são pomposas, luxuosas. Uma coisa curiosa é que em lugares estratégicos há sempre uma pessoa sentada, que fica observando tudo que acontece para evitar que alguém roube ou quebre alguma coisa. Não pude ver a catedral católica que existe lá, mas visitei uma igreja ortodoxa. Os ortodoxos me disseram que perto da Polônia têm mais católicos.

norte do país, às margens do rio Dniepre. É uma das maiores e mais antigas cidades da Europa. O censo de 2001 registrou 2.611.300 habitantes na cidade. Kiev possui governo e estatuto especial determinado por lei e está diretamente subordinada ao governo central da Ucrânia. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Slavutych:** é uma cidade localizada ao norte da Ucrânia, com 24.549 habitantes. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line – Que novidades em relação a Chernobyl são conhecidas hoje, 26 anos depois do acidente? Que relatos o senhor ouviu na sua viagem à Ucrânia?**



**Dom Jayme Chemello** – A explosão na usina nuclear de Chernobyl aconteceu em 25 de abril de 1986, na Ucrânia (mapa ao lado). No começo achavam que não era uma explosão, tanto que o presidente na época, Gorbachev, só foi informado do incêndio dois dias depois da explosão, às 5 horas da manhã. Eles tentaram combater o incêndio com água, mas isso piorou ainda mais a situação.

A fumaça oriunda da explosão subiu mil metros e as partículas radioativas foram levadas para outros países pelo vento. Todas as pessoas que tiveram conhecimento do que foi o desastre de Chernobyl tinham medo de falar, tanto que levaram 20 anos para dizer tudo o que aconteceu e quais foram os impactos dessa explosão.

Próximo da usina de Chernobyl estava a cidade de Prypyat<sup>4</sup>, que na época tinha uns 43 mil habitantes. A primeira coisa que precisava ser feita era retirar essas pessoas de lá, mas os próprios técnicos que estavam na cidade não sabiam que a situação era tão grave. Como as partículas radioativas começaram a chegar na Suécia,

<sup>4</sup> **Prypyat:** é uma cidade-fantasma no norte da Ucrânia, perto da fronteira com a Bielorrússia. Próximo à cidade fica a central nuclear de Chernobyl, onde ocorreu o maior acidente nuclear da história, em abril de 1986. (Nota da IHU On-Line)

os moradores de lá ficaram intrigados com a fumaça e começaram a questionar a sua origem. Aviões começaram a fiscalizar a região e foram os americanos que descobriram que se tratava de Chernobyl, pois fiscalizaram tudo via satélite. O governo Russo já sabia o que tinha ocorrido, mas estava ocultando os fatos, porque não tinha como dizer para o povo sobre o que ocorresse. Seria terrível.

De toda forma, ninguém sabia que a situação era tão grave, porque, quando as partículas radiativas penetram no ser humano, ele não sente nada. Dez ou doze dias depois é que começam a aparecer os sintomas.

**IHU On-Line – Como essas partículas afetam os seres humanos?**

**Dom Jayme Chemello** – Elas decompõem o sangue e, em função disso, começam a surgir câncer, feridas, ossos quebrados etc. Os moradores de Pripyat pensavam que a radiação iria desaparecer, mas até hoje ela é uma cidade morta, uma cidade fantasma. Nos primeiros dias após a catástrofe, morreram cerca de 30 pessoas. Quando souberam da dimensão do problema, convocaram mais ou menos 500 mil pessoas para ajudar a conter a proliferação da radiação. Dessas, cem mil eram recrutas militares e quatrocentos mil eram civis. Essas pessoas largaram centenas de sacos de areia e uma quantidade enorme de chumbo para evitar que a radiação se espalhasse para outros locais, mas os destroços de Chernobyl continuavam lançando partículas radiativas para cima.

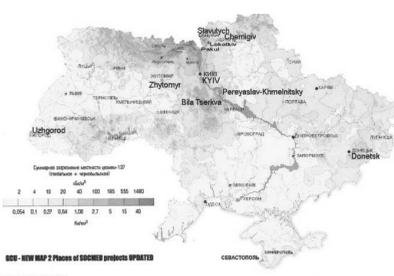
Foi aí que tiveram a ideia de construir um sarcófago, um túmulo especial feito de chumbo e aço, para abafar as partículas. A previsão era de que o sarcófago durasse trinta anos, mas após 20 anos ele já estava arrebentado por conta da radiação. Vinte anos depois divulgaram que mais de 250 mil pessoas morreram na tentativa de conter a expansão da radiação.

Relata-se que que os encarregados dos voos, aqueles que voavam cima de 800 metros para lançar os sacos de areia e chumbo para baixo,

chegavam ao hospital satisfeitos, mas quando iam comer, não tinham apetite e logo depois morriam.

Depois desse desastre, aconteceram coisas positivas. Por exemplo, o próprio Gorbachev conseguiu que cada República, que pertencia à antiga União Soviética, fizesse uma obra na Ucrânia. De fato, visitei uma cidade chamada Slavutych, que tem aproximadamente 50 mil habitantes, e hoje as pessoas vivem bem. Também visitei Pakul, uma cidadezinha que foi contaminada pela radiação e que hoje está completamente destruída.

**IHU On-Line – A radiação se espalhou para quantas cidades e países?**



**Dom Jayme Chemello** – A radiação se espalhou para a Suécia e para a Europa toda. Esse mapa mostra o nível de radiação, quanto mais vermelho, maior o nível de radiação (foto ao lado). Na Ucrânia, as cidades Slavutych e Lokotkiv foram bastante atingidas. Visitei Lokotkiv. Fomos de ônibus até onde foi possível, e depois tivemos de seguir a pé por uma estradinha, que devia ter uns quatro metros de largura. Caminhamos uns cinco quilômetros e não podíamos pisar fora de uma faixa, porque naquele espaço a radiação era três vezes maior.

Encontramos três senhoras que nos explicaram o que foi o desastre de Chernobyl, e foi aí que eu comecei a descobrir o que era essa tal de radiação. Também encontrei um padre ortodoxo, até muito disposto, muito enfeitado – porque eles se enfeitam bastante. Tentei conversar com ele do jeito que dava, porque ele não sabia falar outro idioma. Também visitei um cemitério. É curioso que, sob cada tú-

mulo, havia um prato de comida arrumado para o morto.

**IHU On-Line – E por que será?**

**Dom Jayme Chemello** – Não sei, talvez porque eles pensam que a vida é eterna. Fazem muita comida para mortos.

**IHU On-Line – Muitas pessoas ainda moram em Lokotkiv?**

**Dom Jayme Chemello** – Na região que visitei, só encontrei aquelas três senhoras. Os maridos e os filhos delas morreram. As pessoas visitam essa região, mas costumam ficar por pouco tempo.

**IHU On-Line – E onde é Chernobyl? O que existe lá hoje?**



**Dom Jayme Chemello** – Chernobyl fica no norte da Ucrânia (foto ao lado). Não podemos visitá-la. Lá só tem a cratera. Os reatores que explodiram acabaram com tudo. Por isso Gorbachev não aceita a construção de novas usinas nucleares.

**IHU On-Line – Qual a comparação que eles fazem com Fukushima?**

**Dom Jayme Chemello** – Eles dizem que a experiência de Chernobyl é única, porque eles não sabiam nada sobre a questão radiativa. Depois de anos de investigação foram descobrindo que a radiação entrava pelo corpo e que causava muitos problemas à

saúde, apesar de as pessoas não sentirem nada.

**IHU On-Line – Como acontece a discussão sobre a energia nuclear na Ucrânia atualmente? Eles ainda dependem de energia nuclear. Pretendem continuar investindo nesse modelo?**

**Dom Jayme Chemello** – Eles são contra a energia nuclear, e utilizam bastante petróleo. Da mesma forma, o Brasil não deve investir em energia nuclear. Se existem alternativas energéticas, para que pensar em uma energia nuclear tão perigosa?

**IHU On-Line – Representantes de quais países participaram dessa visita a Chernobyl?**

**Dom Jayme Chemello** – Representantes de muitos países. Fui o único brasileiro a participar. Lembro-me de pessoas da Itália, do Japão, da Rússia, além de alemães e norte-americanos. No Brasil, eles convidaram jornalistas, deputados e queriam um bispo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Então o secretário e o presidente da CNBB disseram que te-

riam de escolher um bispo emérito, e me escolheram.

**IHU On-Line – Quanto a Ucrânia e os países atingidos já gastaram com tratamentos ambientais e de saúde?**

**Dom Jayme Chemello** – Soube que somente a construção do novo sarcófago custou 1 bilhão e meio de euros. Devem ter gasto uma fortuna durante esses 25 anos.

**IHU On-Line – Que destino eles deram para o lixo radiativo, ou ainda não sabem o que fazer com ele?**

**Dom Jayme Chemello** – Eles enterram o lixo radiativo, mas não se sabe até quando aquele lixo vai poder ficar enterrado. Ninguém sabe o que fazer. Como o custo do sarcófago que armazena o lixo é muito caro, a Ucrânia espera que outros países também colaborem no sentido de tentar encontrar alguma alternativa.

**IHU On-Line – Percebe-se o comunismo na Ucrânia?**

**Dom Jayme Chemello** – O Estado manda em tudo, embora seja democrático. Já tem uma democracia. Porém, até onde é ele democrático é

algo difícil de se saber. Posso dizer que nos trataram muito bem.

**IHU On-Line – Qual a situação econômica e social da Ucrânia?**

**Dom Jayme Chemello** – É mais ou menos como no Brasil. Em algumas cidades não existe uma multidão de habitantes como aqui. Eles têm umas casinhas muito pobres. De modo geral, eles estão relativamente melhor do que nós.

**IHU On-Line – As pessoas ainda têm problemas de saúde por conta da radiação?**

**Dom Jayme Chemello** – Sim. Visitei algumas creches em Slavutych, e a médica pediatra disse que atualmente não têm mais casos tão graves. Mas antes as consequências da radiação eram terríveis. Os impactos da radiação começaram a diminuir nos últimos anos.

Seria oportuno que o Papa Bento XVI pudesse enviar um representante para a Ucrânia, para participar da celebração em memória dos mortos de Chernobyl.

## Inscrições abertas para o XIII Simpósio Internacional

As inscrições do XIII Simpósio Internacional IHU - Igreja, Cultura e Sociedade, que acontecerá de 2 a 5 de outubro próximos, estão abertas.

Para mais informações, acesse [www.unisinos.br/eventos/ihu-semanticado-misterio/](http://www.unisinos.br/eventos/ihu-semanticado-misterio/)

# “Abandonar o projeto de Angra III, poupar os R\$ 10 bi, investir em energia alternativa”

“Investir em energia nuclear é a negação total do desenvolvimento sustentável, porque o desenvolvimento sustentável permite atender às necessidades da geração atual, sem prejudicar a possibilidade das gerações futuras de fazê-lo”, adverte o engenheiro nuclear

Confira a entrevista, que foi originalmente publicada no sítio do IHU em 23-05-2012, estando disponível em <http://bit.ly/Jpb0xb>

**P**ara ampliar a produção de energia no Brasil, não é necessário desenvolver todos os recursos hidráulicos e eólicos existentes. Se o país “aproveitar metade do potencial hidráulico e eólico identificados hoje, daria para dobrar o consumo brasileiro tendo acesso a um padrão de consumo semelhante ao europeu, italiano e espanhol ou até o padrão alemão e inglês”, assegura o engenheiro nuclear Ildo Sauer, em entrevista concedida à **IHU On-Line** por telefone.

Crítico da maneira como os governos Lula e Dilma conduziram a questão energética nos últimos anos, Sauer afirma que a reestruturação do setor não foi feita porque o governo “não fez o dever de casa”, mas “lançou mão do que tinha na prateleira: um projeto feito no governo do FHC, de energia elétrica no rio Madeira, e Belo Monte, que foi um projeto gestado no tempo da ditadura, desenvolvido naquele tempo visando a exportação de alumínio”.

Na entrevista a seguir, o engenheiro explica os equívocos da atual matriz energética,

apresenta a proposta da criação de uma empresa estatal para gerenciar a energia e enfatiza a inviabilidade de o país investir em energia nuclear. “As outras opções que estão disponíveis custarão a metade desse valor, sem deixar como herança toneladas de combustíveis irradiados, rejeitos de baixa radiatividade, expondo a região e a população a riscos”. E dispara: “A minha proposta é simples: abandonar o projeto de Angra III, poupar os 10 bilhões de reais, investir em energia alternativa na combinação das que citei antes: hidráulica, eólica, biomassa, complementação térmica. Esse modelo custaria 5 bilhões de reais”.

Ildo Sauer é graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, mestre em Engenharia Nuclear e Planejamento Energético pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, e doutor em Engenharia Nuclear pelo Massachusetts Institute of Technology. É professor titular da Universidade de São Paulo – USP.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – O governo tem ampliado a construção de hidrelétricas sob a justificativa de que poderá faltar energia no país futuramente. O risco existe?**

**Ildo Sauer** – A economia brasileira e a população estão ainda em crescimento. Aí há uma nuance muito importante que precisa ficar clara. Efetivamente ainda não se sabe, em escala mundial, qual é o padrão de consumo e produção necessários para

atender às necessidades das pessoas. Isso depende de como a sociedade está organizada, que modo de produção ela utiliza para atender às suas necessidades, como organiza a produção, e como reparte o produto entre os cidadãos. É evidente que, concomitantemente com a Revolução Industrial, a estrutura produtiva se concentrou em fábricas, indústrias e sistemas urbanos, que trouxeram junto consigo o sistema capitalista de produção, que

organiza e intensifica a produção não com o objetivo de atender necessidades, mas de aumentar a acumulação ou criar mercadorias que têm um curso de circulação. Quando fecha o circuito entre produção e consumo, produz-se mais excedente econômico para quem controla a produção e os meios de produção. Então, essa contradição existe e está presente também na sociedade brasileira.

## Energia para setor industrial

O Brasil evidentemente é uma sociedade de mercado capitalista. Então, não necessariamente a produção incremental de energia para permitir a ampliação da produção econômica e do sistema urbano industrial irá atender às necessidades humanas. Pelo contrário, irá incrementar a produção e o ganho empresarial. O que sobrar será destinado aos cidadãos via salário, etc. Nesse sentido, uma sociedade que está em desenvolvimento e crescimento populacional, se quiser remover suas assimetrias, precisa incrementar a produção de energia e de bens e serviços, mas também precisa encontrar maneiras de distribuir melhor o que é produzido. Essa segunda parte (distribuir melhor o que é produzido) é uma questão política social, que está no limbo, digamos assim, porque o dogma do crescimento permanente parece ser a única forma possível de atender às necessidades sociais de todo mundo.

No Brasil, independentemente do regime social de produção existente, é desejável incrementar a capacidade de produzir energia como forma de alimentar o sistema econômico e social. Um país como o Brasil detém recursos naturais em grande escala para permitir o crescimento da oferta de energia em geral, e elétrica em particular.

**IHU On-Line – É possível aumentar a produção de energia diversificando a matriz energética, ou o Brasil ainda é muito refém das hidrelétricas? Por que, se existe a possibilidade de diversificar a matriz, o país insiste no modelo hidráulico?**

**Ildo Sauer** – Na área elétrica, o Brasil dispõe de um potencial eólico e hidráulico enorme. No caso do potencial hidráulico, cerca de 256 mil megawatts, dos quais somente 100 mil já estão desenvolvidos ou estão em desenvolvimento. Há também um potencial eólico que tem crescido rapidamente segundo as avaliações. Em 2001, a estimativa oficial para a tecnologia disponível de velocidades médias, principalmente no Nordeste e no Sul, era da ordem de 143 mil megawatts. Agora, com as torres na ordem de 100 a 150 metros de altura, esse potencial já é estimado em 300 mil megawatts, superior ao próprio hidráulico. O consumo médio brasileiro hoje dá 2.500 quilowatts/hora por ano, média por

habitante. Na Espanha e na Itália o consumo é dobrado, em média 5.000 quilowatts/hora por ano; na Inglaterra e na Alemanha, é três vezes isso, ou seja, 7.500 quilowatts/hora por ano. Nos Estados Unidos é muito maior.

Se o Brasil aproveitar metade do potencial hidráulico e eólico identificados hoje, daria para dobrar o consumo brasileiro tendo acesso a um padrão de consumo semelhante ao europeu, italiano e espanhol ou até o padrão alemão e inglês. Não é necessário para isso desenvolver todos os recursos hidráulicos, nem todos os recursos eólicos, porque muitos deles não têm condições de serem desenvolvidos por razões sociais ou por questões ambientais.

**IHU On-Line – Por que isso não acontece na prática? Os motivos são políticos?**

**Ildo Sauer** – Além desses recursos de grande monta, que são as usinas de grande porte, as usinas eólicas apenas recentemente passaram a ser aceitas como importantes em razão do desenvolvimento precursor na Europa, nos Estados Unidos e também na China. Nos últimos três ou quatro anos, também no Brasil se materializou essa hipótese, que foi objeto de muitos estudos.

Para diversificar a matriz energética, o Brasil ainda pode investir nas pequenas centrais hidrelétricas, usar os resíduos de biomassa, especialmente o bagaço de cana-de-açúcar, a casca de arroz e outros que podem ser usados para gerar cerca de 10 a 15 mil megawatts. Também existe a possibilidade de usar combustíveis que são queimados para gerar calor e vapor na área de serviços e na área industrial, gerando enorme potencial da ordem de 10 a 20 mil megawatts.

Para um país que tem essa carteira de recursos, é possível escolher uma trajetória que melhor equilibrasse os atributos. Infelizmente, até agora o único atributo analisado historicamente pelo governo é o interesse econômico a partir da perspectiva do empreendedor. Foi assim que aconteceu no planejamento, antigamente, quando haviam os chamados engenheiros economistas para o planejamento – eles eram muito mais ortodoxos. Esse critério foi muito utilizado nos últimos anos para atender à pressão dos grupos econômicos e empreendedores, especialmente

nos governos Lula e Dilma. De forma que aquele que tem o lobby mais forte acaba influenciando o “lobbinho” e satisfazendo o “lobbão”, acabando por impor sua trajetória. Foi isso que aconteceu em vários leilões. O governo, em contra partida, anuncia que isso é feito para criar o desenvolvimento tecnológico em benefício de indução que vai ter resultados positivos no futuro para a sociedade brasileira. Mas nem sempre é assim.

## A reorganização energética

O fato é que, com essa carteira de recursos, em 2001 e 2002, depois do apagão e do racionamento no governo Fernando Henrique Cardoso, os técnicos que assessoraram inclusive o então candidato Lula, diziam que era possível reorganizar a forma de planejar a produção de energia no país. Uma forma seria reavaliar todo o potencial hidráulico brasileiro, cujos estudos são da década de 1950, e foram aprofundados pelo sistema Eletrobrás nas décadas de 1960, 1970 e 1980 parcialmente, e depois foram abandonados.

Em 2002, dizíamos que a solução para o Brasil seria mapear os recursos hidráulicos, reavaliar os inventários feitos e definir três atributos para cada aproveitamento possível: o técnico-econômico, o ambiental e o social. Seria, então, necessário fazer os estudos ambientais aprofundados em cada região, levando em conta os biomas, os ecossistemas. Era preciso separar disso – embora de forma integrada – os estudos sociais, que são diferentes, são complementares, mas que têm uma natureza própria. Tendo esses três atributos, muitos dos projetos seriam descartados, porque eles seriam barreiras intransponíveis, ou do ponto de vista técnico-econômico, ou do ponto de vista social, ou ainda do ponto de vista ambiental. Aquelas projetos que passassem por esses atributos seriam ordenados conforme um seguro de mérito, e os melhores seriam feitos por primeiro.

Por que isso não foi feito? Porque houve a sobra de energia do racionamento de 2001/2002. Os governos Lula e Dilma ficaram deitados em berço esplêndido achando que haveria sobra de energia. Acontece que essa sobra de energia se esfumou quando a economia começou a crescer em 2005. Então, foram feitos novos leilões. Os vencedores do leilão foram usinas a carvão importado, usinas a óleo, óleo

diesel, óleo combustível, como usinas a gás, entre outras. Isso fez com que, quando houve a crítica dos movimentos sociais e ambientais a esses projetos, o governo – como não fez o dever de casa – lançou mão do que tinha na prateleira: um projeto feito no governo FHC, de energia elétrica no rio Madeira e em Belo Monte, que foi um projeto gestado no tempo da ditadura, desenvolvido naquele tempo visando à exportação de alumínio, ou seja, energia empacotada sob essas commodities.

## Reprodução do modelo energético

Então, rasgaram-se todas as análises e avaliações. Jogou-se tudo no lixo e voltou-se a repetir o que era antigamente. O governo Lula usou o seu prestígio e impôs esses projetos “goela a baixo” dos camponeses e dos indígenas. Costumo repetir que, aparentemente, o governo democrático popular tomou emprestada a espada dos militares para cravá-la nos peitos dos camponeses e índios, e impor projetos que têm atributos naturais favoráveis, no caso de Belo Monte, mas não deu tempo ao processo político social, e aos estudos ambientais, os quais permitiriam desenvolver ou descartar os projetos hidrelétricos.

Recursos naturais não faltam. No entanto, as escolhas feitas não têm correspondido a essa qualidade de recursos por causa do planejamento e da gestão inadequados.

**IHU On-Line – Como foram elaborados os contratos de concessão de energia no governo Lula? Que revisões deveriam ter sido feitas nos contratos de concessões do setor elétrico?**

**Ildo Sauer** – Um dos riscos que levaram ao racionamento foi a ausência de contratos de longo prazo. Então, adotou-se a metodologia de estabelecer contratos de duração de 15 anos para usinas termoeletricas, 30 anos para usinas hidrelétricas, com antecedência mínima de três a cinco anos, que é o prazo necessário para construir os projetos. Isso foi feito só para o mercado cativo. O mercado livre, que responde hoje por 1/4 da energia brasileira, tem se beneficiado de aparentes sobras, não tem contratado e tem especulado com o excedente de água que existe.

O governo criou um mecanismo de subterfúgio pelo qual uma figura de

mérito é utilizada para orientar a operação do sistema hidrelétrico e hidrotérmico, operação que serve apenas para dizer se a água de hoje deve ser poupada queimando-se combustível ou utilizada. Por fim, converteram isso no preço. Esse preço ironicamente também é um paradoxo, pois determinaram que ele é um mercado de contração livre. Esse setor de mercado livre é composto por menos de mil consumidores, que são responsáveis por 1/4 da energia, os quais, na maior parte do tempo, compram energia a mais ou menos 20% do custo real. É por isso que o mercado consegue receber mais energia do que mandar. Nesses casos, o valor da água e do custo parcial da operação é muito baixo, e este mercado dito livre, que não é livre, privilegia um grupo muito pequeno de consumidores de alto poder econômico e de alta influência política. Esse setor está organizado em associações nacionais que, então, impõe uma assimetria enorme e faz com que o mercado regulado brasileiro, que atende a mais de 50 milhões de consumidores – mais de 75% do consumo –, seja penalizado com as tarifas elétricas mais caras do mundo.

Infelizmente o setor de energia tem esse condão de ser beneficiado e, ao mesmo tempo, maleficiado pelo que se chama de rendas, setores onde com menos capital de trabalho se consegue obter um produto e ter maior valor econômico. E esse excedente econômico é disputado por todos aqueles que têm poder de barganha no seio do governo. E o governo, nas últimas três décadas, têm sido muito generoso com aqueles que conseguem se organizar, fazer pressão e impor suas soluções.

## Governo democrático

Como a população não participa da discussão, o debate na imprensa é muito precário, enviesado, estigmatizado, porque aqueles que criticam esse modelo são marginalizados, como aconteceu nos debates do Congresso Nacional. Na ocasião da CPI das tarifas elétricas, Pinguelli Rosa, Roberto Araújo e eu mostramos o erro de cálculo do custo da energia para os deputados, e os parlamentares do governo disseram que somos professores ressentidos.

Então, o governo democrático popular faz acertos entre os grandes grupos econômicos. Por isso é ironia dizer que esse mercado de energia

seja livre. Se ele fosse livre, todos teriam acesso. Se a energia fosse vendida a preço tão baixo, ela deveria primeiramente ser vendida ao mercado regulado, à população que é na verdade dona daqueles recursos naturais.

**IHU On-Line – O senhor propõe a criação de uma estatal, a Hidrobrás, para resolver essa questão mercadológica do custo da energia?**

**Ildo Sauer** – Proponho a criação da Hidrobrás por outra questão. A Constituição brasileira determina, em seu artigo 6º, que todo brasileiro tem direitos sociais. O primeiro deles é a educação, o segundo é a saúde, a moradia, a alimentação e outras coisas mais. O artigo 20, diz que pertence ao povo brasileiro todos os recursos naturais, incluindo os potenciais hidráulicos, os recursos do subsolo, como os minérios de ferro, ouro e as jazidas de petróleo e gás natural. Mas muitas usinas foram construídas desde a década de 1940, 1950 para cá com contrato de concessão. Diz a lei também que, quando a concessão vence, os recursos retornam ao Tesouro Nacional.

Depois de muitas prorrogações, como as feitas no governo Fernando Henrique Cardoso, quando houve uma assimetria, aquelas usinas que foram privatizadas tiveram a sua concessão prorrogada, ampliada para 35 anos, com possibilidade de estender por mais 20. Isso foi feito para efetivar a privatização e a fruição privada dos benefícios do excedente econômico da renda hidráulica, resultando em aproveitamento de recursos naturais com características muito especiais que, com baixo custo, permitem gerar energia de alto valor. E as demais usinas estatais só foram prorrogadas por até 20 anos.

## Vencimento de concessões

Agora essas concessões estão vencendo. São cerca de 22 mil megawatts de potência instaladas, correspondendo a 20% da capacidade brasileira de gerar energia. Além disso, para aqueles investimentos feitos, que não foram inteiramente amortizados, existe a reserva global de reversão criada em 1957, e que todo ano o pessoal paga cerca de 2,5% do valor dos investimentos anuais amortizados para fazer um fundo. O governo tem utilizado esse fundo para muitas coisas: para o Programa Luz para To-

dos, etc. Mas ainda resta mais de 15 bilhões de reais.

Portanto, se um daqueles projetos de mais de 22 mil megawatts ainda não tiver recuperado os seus investimentos, esse dinheiro deveria ser usado para isso. Significa, então, que nos próximos anos, de 2013 a 2018, cerca de 20% da capacidade brasileira das usinas melhor localizadas, próximas ao centro de consumo – as primeiras que foram construídas no Brasil –, estarão em mãos de empresas estatais, que são somente parcialmente públicas. Essas usinas produzem cerca de 100 milhões de megawatts/hora por ano de energia. Se o preço médio da energia for de 100 reais, elas produzirão na ordem de 10 bilhões de reais por ano. Se usarmos essas usinas, e vendêssemos energia para o mercado cativo a um preço da ordem de 70% ou 80% do valor, teríamos uma redução na previsão futura da energia nova, muito embora no passado o governo tenha utilizado as estatais para vender energia a um preço menor a fim de permitir que os investidores privados fizessem usinas térmicas e de vários tipos a um preço mais elevado.

### Proposta

Minha proposta é muito simples: se os primeiros donos de todos os recursos nacionais são os brasileiros, e se dentro da nação brasileira há um conjunto de cidadãos que ainda não teve acesso aos direitos sociais básicos, como a educação pública, a saúde pública, proponho que cerca de 70% ou 80% da renda hidráulica – algo em torno de 10 bilhões de reais – seja utilizado com os consumidores cativos, e que cerca de 6 a 7 bilhões por ano sejam destinados para um fundo público para financiar a educação e a saúde pública. Essa seria uma forma de retribuir aos brasileiros que são, desde a origem, os donos dos potenciais hidráulicos. Muitos deles nunca tiveram acesso à iluminação pública, à energia elétrica, como até hoje. Apesar de muita propaganda e das obras do Programa Luz para Todos, cerca de 2,5 milhões de brasileiros estão às escuras. Em geral, são aqueles que vivem nas periferias urbanas e rurais, que nunca se beneficiaram de nada e que, mais uma vez, estão sendo excluídos, porque há uma enorme disputa por essa fatia do mercado.

O empresariado de grande porte está dizendo que a energia elétrica brasileira é muito cara. Então, eles querem

que a energia que, conforme a legislação, irá pertencer ao governo brasileiro a partir de 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017, algo em torno de 20% da energia nacional, seja utilizado para subsidiar a produção, sem reduzir o preço das mercadorias que vão servir à população, apenas para aumentar os lucros ou o que eles chamam de competitividade. Há uma disputa em torno dos benefícios que a apropriação dos recursos naturais permite e, em geral, quem ganha essa disputa têm sido os que têm maior poder de pressão econômica.

### IHU On-Line – Diante desse quadro, por que ainda se propõe a construção de usinas nucleares?

**Ildo Sauer** – Há muitos anos, em função do quadro energético que descrevi, percebi que a energia nuclear, a ciência e a técnica são extremamente importantes para desenvolver uma sociedade mais avançada, que possa se beneficiar desse recurso, especialmente nas áreas da medicina, agricultura, diagnóstico, terapia, etc. No entanto, o caso brasileiro não precisa do urânio para fazer energia elétrica, porque o custo do urânio é muito superior aos demais recursos.

Como disse, em 2042 ou 2043, o Brasil poderá dobrar o consumo atual usando uma parte dos recursos disponíveis. Não há necessidade de fazer usinas nucleares que custem mais de 10 bilhões, como Angra III. As outras opções que estão disponíveis custarão a metade desse valor, sem deixar como herança toneladas de combustíveis irradiados, rejeitos de baixa radioatividade, expondo a região e a população a riscos. No caso da energia nuclear, a possibilidade do acidente não é desprezível, como se revelou em Fukushima. Sempre algo que não estava previsto acaba acontecendo.

### IHU On-Line – Por que o governo insiste em retomar a construção de Angra III?

**Ildo Sauer** – No caso particular de Angra III, retomaram a obra por pressão do lobby. Por isso dizem que o Brasil precisava ampliar a matriz energética para ter mais capacidade. Ampliar a capacidade tecnológica significa projetar, construir e operar reatores. Proponho que se faça isto: um reator de alto fluxo de nêutrons para produzir radioisótopo, que são necessários para fazer imagem do cérebro, fazer imagens do coração. A

área nuclear pode dar uma contribuição para a medicina, biologia e agricultura.

A minha proposta é simples: abandonar o projeto de Angra III, poupar os 10 bilhões de reais, investir em energia alternativa na combinação das que citei antes: hidráulica, eólica, biomassa, complementação térmica. Esse modelo custaria 5 bilhões de reais. Depois, seria possível utilizar um bilhão daqueles cinco que forem poupados para fazer o reator de pesquisa.

Investir em energia nuclear é a negação total do desenvolvimento sustentável, porque o desenvolvimento sustentável permite atender às necessidades da geração atual, sem prejudicar a possibilidade das gerações futuras de fazê-lo.

### IHU On-Line – Quais as implicações do sítio de Angra? É possível ocorrer um acidente como o de Fukushima?

**Ildo Sauer** – Angra III, Angra II e Angra I estão situadas numa região da Baía de Itaorna, que quer dizer “pedra podre”, “pedra precária” em tupi-guarani. A região está cercada de montanhas que, desde as décadas 1840, 1850, 1860 têm registros periódicos de deslizamentos. Portanto, a região está suscetível a um tsunami de terra, que pode inviabilizar a possibilidade de evacuação de pessoas se houver um acidente, ou uma tragédia maior ainda. Embora seja improvável, não é impossível eventualmente um deslizamento para dentro do sítio e das usinas.

Ironicamente, na época do governo militar, quando se iniciou o Programa Nuclear Brasileiro, houve um debate mais aberto e esclarecedor sobre energia nuclear. Hoje, a imprensa faz um debate cerceado, não dá espaço ou considera irrelevante a discussão.

O governo disse que está reavaliando a construção de novas usinas nucleares, e provavelmente a única opção seja concluir Angra III.

### IHU On-Line – E o que fazer com a Angra I e a Angra II?

**Ildo Sauer** – Bom, Angra I e Angra II estão lá. Nós só temos que cuidar. Não podemos abrir mão de um recurso natural disponível, que científica e tecnologicamente pode ser desenvolvido, desde que se construam reatores mais avançados.

Há outro problema que não pode ser separado disso: a prolifera-

ção de armas nucleares. Nós criamos um mundo extremamente desigual como resultado da Segunda Guerra Mundial, com a criação do bloco socialista, do bloco capitalista, dos impérios que criaram armas nucleares capazes de destruir o planeta várias vezes. Essas armas estão nas mãos de apenas alguns países. Um país como o Brasil deve tomar a liderança e exigir o desarmamento nuclear de todos os países, especialmente dos Estados Unidos, da Rússia, da Inglaterra, da França, de Israel, e da África do Sul (se ela tiver armas), do Irã, da Índia, do Paquistão, da Coreia do Norte e todos os demais que poderiam fazê-lo.

### Controle nuclear

O ciclo do combustível nuclear para usinas civis deveria ser feito por uma empresa sobre o controle da ONU, de maneira que todo o enriquecimento e reprocessamento de energia nuclear seriam feitos em escala global por uma entidade controlada por todos os países conjuntamente. O Brasil pode ter um papel importante, porque é um país que tem capacida-

de de tecnologia nuclear, inclusive de fazer bombas se quiser, num prazo relativamente curto, como a Argentina também, mas deveria se tornar o precursor no sentido de exigir uma mudança no status quo.

Já não podemos descartar os benefícios que a energia nuclear permite para a medicina, para a agricultura, para a biologia e para a ciência, nem eventualmente para a energia. Porém, é preciso aproveitar as lições do acidente de Fukushima, de Chernobyl, entre outros.

### IHU On-Line – Qual será o custo das usinas nucleares para o Brasil?

Ildo Sauer – O Brasil decidiu investir em um reator nuclear cuja a tecnologia é dos anos 1950, que foi top de tecnologia nos anos 1970. Esse modelo atualmente está ultrapassado, mas o país insiste em gastar o dobro do que custariam outras formas de energia. O investimento nas usinas nucleares atuais deixará como herança, além dos rejeitos radiativos, que exigem cuidado por dez, quinze, vin-

te ou trinta anos, mil toneladas para cada reator de Angra I e Angra II.

É preciso criar um consórcio mundial para dar conta de todos os combustíveis, elementos e rejeitos radiativos dos programas de produção de energia elétrica e dos programas que produziram as armas nucleares.

A Agência Internacional de Energia Atômica, que hoje está servindo muito aos americanos para perseguir o Irã e outros países, deveria mudar de papel, e perceber que a presença de armas nucleares, de reatores, de tecnologia ultrapassada constitui ameaça à segurança da população mundial. Ainda que o risco seja pequeno, ele existe e precisa de uma solução. A Agência Internacional de Energia Atômica atua ingenuamente como lobista a favor de reatores convencionais, alguns deles com risco acima do necessário, como o caso dos três reatores de Angra, o reator de Fukushima e muitos que estão operando na França e em outros países, e perde a chance de se tornar uma organização que trabalhe em favor da humanidade.

## Leia mais...

>> Confira outros materiais publicados pela IHU On-Line sobre o tema da energia nuclear.

- Revista IHU On-Line ed. 355, de 28-03-2011, intitulada A energia nuclear em debate, disponível em <http://bit.ly/gaYZnA>
- 17/05/2012 - Por um Brasil livre de energia nuclear. Entrevista especial com Francisco Whitaker, disponível em <http://bit.ly/KSdW71>
- 23/05/2012 - Proposta simples: “Abandonar o projeto de Angra III, poupar os R\$ 10 bi, investir em energia alternativa”. Entrevista especial com Ildo Sauer, disponível em <http://bit.ly/Jpb0xb>
- 27/03/2011 - Energia nuclear é ambientalmente sustentável? Entrevista especial com David Fig, disponível em <http://bit.ly/M05gd3>
- 08/05/2012 - A Igreja japonesa também renuncia à energia nuclear, disponível em <http://bit.ly/LrLgkD>
- 12/04/2012 - Vaticano atômico. Desvanece-se a “santa aliança” contra a energia nuclear, disponível em <http://bit.ly/HFrZe7>
- 03/04/2012 - Brasil completa 30 anos de uso da energia nuclear com avanços tecnológicos e críticas, disponível em <http://bit.ly/HPGjm9>
- 03/04/2012 - Com a segurança das usinas em xeque no mundo, ambientalistas querem banir a energia nuclear, disponível em <http://bit.ly/HeoeN8>
- 27/03/2012 - Alemanha vive difícil travessia rumo ao fim da energia nuclear, disponível em <http://bit.ly/HaltYZ>
- 21/12/2011 - Chernobyl +25, disponível em <http://bit.ly/vQ7wfd>
- 28/04/2011 - Conferência pela paz avaliará conseqüências de Chernobyl e Fukushima, disponível em <http://bit.ly/LsMOWn>
- 12/03/2012 - Fukushima: um alerta ignorado pelo Brasil. Entrevista especial com Heitor Scalabrini Costa, disponível em <http://bit.ly/KaebaH>
- 21/05/2012 - Cerejeiras em flor em Fukushima, disponível em <http://bit.ly/KpvQuw>
- 20/03/2012 - As conseqüências do desastre de Fukushima no mar e no ar
- 13/03/2012 - Fotos do dia. A central nuclear de Fukushima. Um ano depois, disponível em <http://bit.ly/zr2t9M>

# Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela *IHU On-Line* e disponíveis nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) de 28-05-2012 a 04-06-2012

## Política Nacional de Resíduos Sólidos: a responsabilidade é coletiva

Entrevista especial com Elisabeth Grimberg, socióloga, coordenadora executiva do Instituto Pólis

Confira nas Notícias do Dia de 28-05-2012

Acesse no link <http://bit.ly/MVnKxS>

“Já se têm acúmulos, instrumentos, expertises para se implantar a PNRS de forma plena”, assegura a especialista.

“Não há dúvidas de que os principais obstáculos que entravam a realização da reforma agrária no Brasil se localizam em duas esferas: na estrutura política e no sistema judiciário brasileiro”, destaca.

## Governança ambiental global: Uma discussão precarizada

Entrevista especial com Pedro Roberto Jacobi, sociólogo, professor na USP

Confira nas Notícias do Dia de 31-05-2012

Acesse no link <http://bit.ly/KLVbIA>

“Ninguém tem a receita da governança, mas temos de chamar a atenção de que a governança global não se dará a partir de um epicentro, mas sim a partir de uma articulação de epicentros decisórios e de pactos que terão de ser assumidos em nível regional, nacional e internacional”, assegura o sociólogo.

## Os dilemas da democracia chilena

Entrevista especial com Gastón Passi Livacic, cientista político

Confira nas Notícias do Dia de 29-05-2012

Acesse no link <http://bit.ly/LATsxU>

“O Chile ainda é uma sociedade pós-pinochetista e, enquanto não mudar a Constituição de 1980, continuará sendo”, adverte.

## “As secas são previsíveis. É uma questão de se prevenir”

Entrevista com Antônio Barbosa, coordenador da Articulação no Semiárido Brasileiro – ASA

Confira nas Notícias do Dia de 01-06-2012

Acesse no link <http://bit.ly/LPyRW2>

**“É obvio que a existência de quase setecentas mil cisternas no semiárido brasileiro melhorou a condição de vida das famílias, mas estamos falando de um milhão de famílias que continuam desamparadas”, declara o entrevistado.**

## Pobreza rural: um dilema histórico

Entrevista especial com Lauro Mattei, engenheiro agrônomo

Confira nas Notícias do Dia de 30-05-2012

Acesse no link <http://bit.ly/KGaxYP>

**Tema  
de  
Capa**

**Destques  
da Semana**

**IHU em  
Revista**

# Agenda da Semana

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
programados para a semana de 04-06-2012 a 11-06-2012

## Data: 04-06-2012

### Evento: Ciclo de Filmes: A crise do capitalismo no cinema – Reprise em horário alternativo

**Filme:** Margin Call – O Dia Antes do Fim (EUA, 2011, 107 minutos, direção: J. C. Chandor)

**Horário:** 17h às 19h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e companheiros, no IHU.

**Mais informações:** <http://bit.ly/HOXwyP>

## Data: 05-06-2012

### Palestra: Crise Econômica Global e a Economia Civil – Possibilidades e Desafios

**Palestrante:** Stefano Zamagni – Università de Bologna – Itália

**Horário:** 9h30min às 12h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://bit.ly/KJ8QuS>

## Data: 06-06-2012

### Evento: ObservaSinos Oficina de Indicadores Educacionais (Primeiro Módulo)

**Palestrante:** Profa. Dra. Flávia Werle – Unisinos

**Horário:** 14h às 17h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://bit.ly/JEqWPQ>

## Data: 06-06-2012

### Evento: Ciclo de Palestras Rio+20: desafios e perspectivas

**Palestra:** Rio+20 e a perspectiva empresarial

**Palestrante:** Carlos Eduardo Young – UFRJ

**Horário:** 19h30min às 22h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://bit.ly/Mfbo7c>

## Eventos

# Rio+20 e as empresas: a mudança deve vir de fora

Para Carlos Young, quando se fala em sustentabilidade ou em economia verde, o importante é pensar em “como” atuar e não em “o que” deve ser feito

POR GRAZIELA WOLFART

**N**a visão do economista Carlos Eduardo Young, uma empresa “não tem o papel de ser ecologicamente correta, nem sustentável. O que uma empresa tem que ser é um local de produção de bens e serviços. Nesse sentido, a sustentabilidade dela vai ser em função das demandas das pessoas que compõem essa empresa ou que demandam dela”. Ele emitiu essa opinião na entrevista que concedeu por telefone à **IHU On-Line**, onde argumenta que “é muito ingênuo supor que o papel da empresa seja promover o desenvolvimento sustentável. O papel das empresas continuará sendo produzir e obter lucro. O que devemos é pressionar para que, nesse processo, haja uma incorporação de

princípios de sustentabilidade”. E conclui que o grande tema a ser debatido na Rio+20 é a problemática de como gerar emprego e renda de forma socialmente inclusiva, respeitando o meio ambiente.

Carlos Eduardo Young participará do evento Rio+20 – Desafios e Perspectivas, promovido pelo IHU, ministrando a palestra “Rio+20 sob a perspectiva empresarial”, no próximo dia 6 de junho, quarta-feira, na Unisinos. Saiba mais em <http://bit.ly/wh2tt8>.

Carlos Eduardo Young é doutor em Economia pela Universidade de Londres e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Quando se reflete sobre a Rio+20 sob a perspectiva empresarial, o que é importante destacar?**

**Carlos Young** – A Rio+20 é uma avaliação das implementações das políticas e das ações efetuadas nos últimos 20 anos a partir dos acordos assinados no Rio de Janeiro, em 1992, na Convenção do Clima, da diversidade biológica e de combate à desertificação. É importante saber o que as empresas fizeram nessas áreas, qual foi a atuação delas em relação ao clima, à questão da biodiversidade e serviços ecossistêmicos e ao combate à desertificação.

Nesse aspecto, percebemos que há muita heterogeneidade, mas de forma geral, a ação foi muito menor do que a que seria necessária, principalmente nos temas da biodiversidade e do combate à desertificação. Na área do clima acabou havendo algum avanço em função do destaque do tema, da questão do Protocolo de Kyoto e das regulamentações específicas. Nas outras áreas, ainda há muito o que fazer.

**IHU On-Line – Qual deve ser o papel das empresas na Rio+20?**

**Carlos Young** – É importante esclarecer que acontecerão duas con-

ferências. Uma será a Rio+20 oficial, que diz respeito a um documento que trará a posição dos países, e está muito claro que será bastante esvaziado, pois não deverão ser discutidas metas quantitativas, apenas princípios. É uma questão de governo, de diplomacia, dando muito pouco espaço para empresas e sociedade civil. Mas poderemos ter uma atuação mais ativa das empresas e da sociedade civil nos chamados fóruns ou eventos paralelos, onde teremos uma enorme concentração de todas as pessoas envolvidas com o tema: cientistas, ativistas, inclusive o setor empresarial. Já há uma série de ações do se-

tor empresarial que serão avaliadas. Efetivamente, será um momento para as empresas trocarem experiências, identificarem metodologias, procedimentos de atuação, e também para discutir, do ponto de vista empresarial, quais são as consequências da implementação dos princípios da economia verde. Nesse sentido, teremos um resultado interessante, porque essa intensa troca de informação entre as empresas, e entre elas e a sociedade, permitirá perceber que muitas experiências bem sucedidas serão replicadas.

**IHU On-Line – Quais os avanços e entraves atuais em relação ao modelo de empresas sustentáveis? O que caracteriza uma empresa ecologicamente correta?**

**Carlos Young** – Eu não usaria essa terminologia, porque uma empresa não tem o papel de ser ecologicamente correta, nem sustentável. O que uma empresa tem que ser é um local de produção de bens e serviços. Nesse sentido, a sustentabilidade dela vai ser em função das demandas das pessoas que compõem essa empresa ou que demandam dela.

**IHU On-Line – Mas não deve ser papel também do empresário se preocupar com a questão ambiental?**

**Carlos Young** – Com certeza. Mas a questão é a seguinte: é muito ingênuo supor que o papel da empresa seja promover o desenvolvimento sustentável. O papel das empresas continuará sendo produzir e obter lucro. O que devemos é pressionar para que, nesse processo, haja uma incorporação de princípios de sustentabilidade, tanto por dentro empresa, que é a conscientização do empresário e dos trabalhadores – e há uma série de estudos mostrando que uma empresa que tem empregados motivados, que identificam na missão dessa instituição algo além do que simplesmente a geração do lucro, há um nível de produtividade mais alto – como pela relação da empresa com a sociedade, tanto de

quem demanda os seus bens, quanto com a cadeia produtiva onde ela está inserida. E daí podemos discutir critérios de sustentabilidade para a aplicação da empresa. Parte desses critérios a empresa pode adotar voluntariamente, por questões de eficiência. Quando perceber a possibilidade de um ganho financeiro e de eficiência, ela própria irá adotar esses critérios. Mas a maior parte das modificações necessárias terá que ser induzida de fora da empresa, seja pelos consumidores ou pelo próprio Estado regulador.

**IHU On-Line – Quais devem ser os grandes temas em debate na Rio+20?**

**Carlos Young** – É muito simples: como a atividade produtiva pode ser simultaneamente de conservação e de inclusão social, ou como ações que são voltadas para a conservação do nosso ambiente são também ações de inclusão social e de atividade econômica. Em outras palavras: como gerar emprego e renda de forma socialmente inclusiva, respeitando o meio ambiente. São esses os princípios fundamentais. Além disso, há também uma grande ênfase na questão da pobreza. Será uma conferência bem mais aberta do que as conferências específicas sobre a questão do clima.

**IHU On-Line – Como a discussão sobre o novo Código Florestal deve aparecer nos debates da Conferência?**

**Carlos Young** – A Rio+20 é uma conferência mundial. E o tema do Código Florestal é extremamente brasileiro. Mas com certeza o tema surgirá, até porque ele fragiliza bastante a posição do governo brasileiro. Haverá muita crítica por parte dos ambientalistas brasileiros, o que vai enfraquecer a posição do Brasil no debate internacional. Mas como também tão pouco está se pretendendo uma meta objetiva, vai ficar muito “na conversa”. Não deverá ser um tema proeminente. O que acontece é que mostra simplesmente que os países

em desenvolvimento também devem cumprir suas agendas e não esperar que apenas os países desenvolvidos o façam.

**IHU On-Line – Quais os limites e desafios que se colocam em relação ao conceito de economia verde, tão propagado em relação à Rio+20?**

**Carlos Young** – É um conceito. E como tal, é uma forma de pensarmos. A grande premissa é essa: vamos reestruturar a nossa atividade econômica de maneira que incorpore esses elementos de sustentabilidade, com grande ênfase na inclusão social, gerando emprego e gerando renda. A mensagem deve ser a de que fazer essas coisas não diminui a atividade econômica, pelo contrário, aumenta. O fundamental é que a sustentabilidade e a economia verde não dizem respeito ao que fazer, mas ao como fazer, como produzir, como consumir. A palavra-chave é “como” e não “o que”.

## Leia mais...

>> Carlos Eduardo Young já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**.

Confira:

- *O novo Código Florestal contribui para o crescimento econômico?* Entrevista publicada nas Notícias do Dia de 01-06-2011, disponível em <http://bit.ly/LSPMLi>
- *Crescimento econômico e clima. Um desafio.* Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 311, de 19-10-2009, disponível em <http://bit.ly/ijth7A>

# Oficina de Indicadores Educacionais, por uma educação de qualidade

Um indicador educacional é uma expressão em geral numérica, mas que, em si, não altera a realidade que traduz. É uma chamada para que entremos na escola e valorizemos a importância do trabalho pedagógico, que não é um trabalho de aplicação de uma técnica, e sim de articulação de grupo, de entendimento de pessoas, de acerto e erro, afirma Flávia Werle

POR THAMIRIS MAGALHÃES

**B**uscando facilitar o acesso e manuseio de indicadores da educação como instrumento para melhor compreender, qualificar e transformar a realidade educacional dos municípios do Vale do Rio dos Sinos, bem como debater e analisar dados acessados no confronto com a realidade institucional e profissional dos participantes vivida nos estabelecimentos educacionais da região, será realizada a *Oficina de indicadores educacionais – Módulo I, no dia 6 de junho, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Saiba mais em: <http://migre.me/9iV15>.*

Durante a programação, haverá a palestra “O debate qualificado da educação a partir dos indicadores educacionais”, com a Profa. Dra. Flávia Werle, da Unisinos; “Perspecti-

vas de análise dos indicadores de qualidade da educação na rede municipal de São Leopoldo”, com as doutorandas Alenis Cleusa de Andrade e Cleonice Silveira Rocha, da mesma instituição e com o depoimento das professoras de educação básica de Esteio, Marilan de Carvalho Moreira, Lisandra Schneider Scheffer e Elisane Cristina Kolz Rieth, que explicarão sobre o uso de indicadores educacionais em suas práticas profissionais. A **IHU On-Line** conversou pessoalmente com a professora Flávia Werle, com a doutoranda Alenis Cleusa de Andrade e com as professoras Lisandra Schneider Scheffer e Elisane Cristina Kolz Rieth, que explicaram um pouco mais sobre a Oficina.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – De que maneira vocês irão abordar, durante a oficina de indicadores educacionais, o uso desses indicadores em suas práticas profissionais?**

**Lisandra Schneider Scheffer** – Iremos fazer um relato da nossa prática. Sou coordenadora pedagógica de uma escola. Então, iremos relatar como são tratados e trabalhados os indicadores de qualidade da secretaria para a escola e da escola para a sala de aula. Nossa oficina será baseada nisso. Cada uma vai expor a sua prática e a sua vivência.

**Ações da coordenação pedagógica no Centro Municipal de Educação Básica – Cemeb para**

**qualificar os indicadores de qualidade**

**O trabalho na Escola**

A Escola Centro Municipal de Educação Básica Santo Inácio é localizada em um bairro específico de Esteio-RS. É de classe média baixa. Atendemos na escola 1.340 alunos. É uma escola grande da rede, a segunda maior. O trabalho que iremos apresentar foi realizado com 550 alunos, dos anos finais do ensino fundamental. Além disso, trabalhei com um grupo de 30 professores e mais a coordenação pedagógica. As turmas foram do sexto ano até a oitava série. Já realizamos este projeto há três anos nessa escola. Começamos fazendo um perfil de

cada turma. Então, chegamos ao pré-conselho de classe, em que reunimos os professores de todas as disciplinas e, estabelecemos, para que os alunos também pudessem compreender melhor tudo isso, tabela com cores, onde especificamos o verde, para o aluno que está acima da média; o vermelho, para o que está abaixo da média e o amarelo, na média, sendo que a média da nossa escola é 60. Trabalhamos isso junto dos professores com alguns critérios de aprendizagem. Depois, fizemos o pós pré-conselho, contando com a orientadora e eu, supervisora. Entramos na turma com as planilhas e, juntamente com o professor regente, trabalhamos isso com eles. Fomos apontando o que os alunos precisam

fazer para melhorar. Além disso, realizamos um trabalho com as famílias, porque percebemos que, muitas vezes, elas estão ausentes. Depois, voltamos com o conselho de classe. Ao final de cada reunião, fazemos uma avaliação, um perfil. Houve avanço? Ocorreu aprendizagem? O que podemos melhorar? Dá trabalho, mas é uma coisa que traz resultado. No segundo trimestre, além de tudo isso, realizamos um conselho de classe individual, com os alunos, pais e professores.

**Elisane Cristina Kolz Rieth** – Trabalho na mesma escola e sou professora da educação básica, quarto ano. Relato um pouco a minha prática. Temos reunião pedagógica toda sexta-feira com a equipe diretiva e realizamos o pré-conselho de classe, em que conversamos casos específicos de alunos que têm dificuldades de aprendizagem. Depois, temos o Conselho de classe, que é de toda a turma, onde é conversado com os 30 alunos da classe. Além disso, esse ano, conversamos com os pais desses alunos com maior defasagem na aprendizagem. Mas muitos não compareceram, o que acaba frustrando o trabalho do professor. Os alunos que têm maior dificuldade na aprendizagem são enviados ao Laboratório de Aprendizagem, onde há uma professora que irá trabalhar visando diminuir suas dificuldades. Trata-se de uma aula de reforço em outro turno. Além disso, procuro trabalhar em sala de aula atividades diversificadas. Creio, no entanto, que precisamos de mais um auxílio para os alunos da série inicial, porque muitas vezes estamos sozinhos. Ainda falta um longo caminho a ser percorrido na área da educação.

**IHU On-Line – Qual a proposta da Oficina?**

**Flávia Werle** – A proposta da Oficina é que alguns mestrandos e doutorandos irão trabalhar com dados que eles já estão manuseando dentro de suas teses ou dissertações. E as professoras da rede municipal irão apresentar como trabalham com indicadores dentro da sua realidade, porque elas têm relato que traduzem os

“Temos uma prática, que já está no quinto ano, que é não apenas fazer uma pesquisa que circule dentro do ambiente acadêmico, mas um trabalho que dialogue com a rede municipal de escolas públicas”

indicadores para os seus professores e, por outro lado, além de fazer essa tradução, elas também incorporam dentro da sua prática, seja como coordenadora pedagógica da escola ou como professora.

**IHU On-Line – Quais os objetivos da Oficina e que resultados vocês esperam depois do encontro?**

**Flávia Werle** – Temos uma prática, que já está no quinto ano, em que adotamos esse procedimento, que é não apenas fazer uma pesquisa que circule dentro do ambiente acadêmico, mas um trabalho que dialogue com a rede municipal de escolas públicas, portanto, secretários municipais de educação bem como pessoas que estão vinculadas ao Conselho Municipal de Educação, aos Conselhos Escolares, com os seus professores, diretores e supervisores. Então, isso é uma coisa que nós já estamos fazendo. Só que fazíamos com o nome de um fórum, uma atividade mais ampla. Agora, nós, com essa parceria com o ObservaSin, estamos trabalhando especificamente a questão de indicadores educacionais, porque dentro do grupo eles não tinham alguém que fizesse de

uma forma mais aprofundada a discussão da educação. Por um lado, já temos esse diálogo com a comunidade mais ampla.

**IHU On-Line – Que resultado vocês esperam?**

**Flávia Werle** – Nós queremos esse diálogo com a rede. E um diálogo que seja promissor, de modo que os próprios indicadores não fiquem de domínio de um técnico em estatística, de um matemático ou de um economista. Mas que os professores consigam fazer desses elementos que estão disponíveis um insumo para a sua própria prática.

**IHU On-Line – O que melhorou depois que vocês implantaram os indicadores educacionais na escola?**

**Lisandra Schneider Scheffer** – Quando cheguei à escola em que sou supervisora, quando vi as planilhas de avaliações dos professores, apavorei-me ao ver o nível de reprovação, de faltas etc. Disse que não poderia ser assim. Se o aluno não compareceu, temos que ver, ir atrás. Então, começamos a ter formação da secretaria para que déssemos conta disso. Foi quando começamos a ver que não é por aí. Que devíamos dar conta disso. Que, se o pai não se preocupa em saber se o aluno foi ou não para a aula, nós deveríamos nos preocupar. Essa visão, hoje, está diferente. Então, olhar para esses indicadores e fazer toda essa retomada com os alunos e as famílias é difícil e cansativo, mas tem dado o resultado de que todos são responsáveis. E o professor principalmente. Nesse trabalho que irei apresentar, creio que o maior *up* é que os professores conseguiram enxergar que, se o aluno não compareceu, ele vai ter que checar isso, que conversar com o aluno, dar uma nova oportunidade, rever a sua própria avaliação como professor, sua metodologia. E a formação acadêmica do professor não trata disso; eles saem apenas como técnico; aprendem a ensinar e quando surge algum conflito; eles acabam não sabendo como agir, encaminhando o aluno para a orientação ou para a coordenação pedagógica.

**Flávia Werle** – Fica claro, após essa exposição, que os indicadores por si só não mudam a realidade. Também na apresentação delas fica claro o quanto é importante a pergunta, o desassossego e o desconforto do educador frente à realidade. Não é apenas o indicador que vai fazer isso. É inclusive um *background* que a pessoa tem de conhecimento e de capacidade de sintonia, de sensibilização com o seu aluno, inclusive. Por outro lado, é também uma forma como a pessoa se constrói como profissional. De ver que eu como profissional não sou profissional em separado de minha escola e de meu aluno. Eu sou eu e o meu aluno. E é aí que eu me construo como profissional, como professora do quarto ano, do quinto ano, como supervisora etc. E creio que também devemos notar a importância do trabalho clínico, e não de um trabalho de massa, que é o que o professor em sala de aula deve fazer, de ver que tal aluno está com este ou aquele problema. É um pouco o que um médico faz, que atende um a um, cada qual com o seu problema. E isso é difícil. Então, um indicador educacional é uma expressão em geral numérica, mas que, em si, não altera a realidade que traduz. É uma chamada para que entremos na escola e valorizemos a importância do trabalho pedagógico, que não é um trabalho de aplicação de uma técnica, e sim de articulação de grupo, de entendimento de pessoas, de acerto e erro.

## Depoimento de uma doutoranda

### Alenis Cleusa de Andrade<sup>1</sup> – Perspectivas de análise dos indicadores de qualidade da educação na rede municipal de São Leopoldo

Os indicadores de qualidade da educação são publicados pelo governo

<sup>1</sup> Alenis Cleusa de Andrade é graduada em Matemática pela Unisinos. Durante a graduação, foi bolsista de Iniciação Científica no PPG em Educação, na área de políticas educacionais, junto à professora Flávia Werle. Fez o mestrado em Educação em Políticas Educacionais e é doutoranda em Educação, na área de Políticas Educacionais, pela mesma instituição. (Nota da IHU On-Line)

“Nós queremos esse diálogo com a rede. E um diálogo que seja promissor, de modo que os próprios indicadores não fiquem de domínio de um técnico em estatística, de um matemático ou de um economista”

a partir de avaliações em larga escala realizadas por amostragem em diversas escolas. No caso específico da oficina, ela irá tratar do indicador relativo ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb e a Prova Brasil. A Prova Brasil é uma avaliação realizada a cada dois anos tanto no quinto ano como no nono ano do ensino fundamental, em turmas que tenham mais de 20 alunos. Ela já possui quatro edições, foi realizada nos anos de 2005, 2007, 2009 e 2011. O indicador Ideb é constituído por essas avaliações. Ele reúne os resultados da avaliação da Prova Brasil nas disciplinas de Português e Matemática, junto com o indicador de rendimento que, na realidade, seria o fluxo de entrada e saída dos alunos na rede específica onde está sendo realizada a prova. Então, a partir da correlação dessas duas variáveis, ou seja, a nota e o indicador de rendimento, é construído o indicador Ideb. Quando é publicado esse indicador, ele é pontual. Diz alguns aspectos da qualidade da educação na rede que está sendo avaliada. Indicadores são elementos para planejamento e análise

de características das redes de ensino, a compreensão desses dados pode ser trabalhada de maneira que tenha significado para aquela rede, porque aquele número é apenas um elemento, não podemos dizer “essa é a qualidade da educação na rede”.

## Perspectivas de análise

São as perspectivas de análise que iremos trazer para a oficina, de maneira também que isso tenha um significado. Não fazemos nessa oficina apenas um desmembramento dos indicadores Ideb, olhando somente para ele. Iremos analisar vários aspectos. Veremos como foi o desempenho do aluno na prova em Português, no primeiro ano; como foi em um segundo momento em 2007. Ou seja, iremos analisar qual foi o crescimento, os caminhos que aquela rede percorreu, no ano de 2005 até o de 2009, que é a última avaliação publicada.

## Trajetória da rede municipal de São Leopoldo

Ademais, iremos trabalhar a trajetória da rede municipal de São Leopoldo, fazendo diferentes perspectivas de análise. Essas perspectivas são tanto as que acabei de detalhar como outras análises por zoneamento do município, por região de atendimento das escolas e pelo número de matrículas da rede.

## Oficina – objetivo

O objetivo da oficina é mostrar para os professores e assessores, que trabalham com esses indicadores, como se pode trabalhar de maneira que eles tenham um maior domínio para análise e planejamento a partir dessa “ferramenta”, que se tornem mais pautáveis dentro daquela rede. Iremos apontar durante a oficina algumas perspectivas de análise, diferentes daquelas propostas pelo governo. Existem várias, mas iremos desmembrar de maneira que o professor, a assessoria ou a equipe que irá trabalhar com os indicadores consiga entender o que ele pode dizer.

## IHU Repórter

## Ana Maria Casarotti

POR GRAZIELA WOLFART E THAMIRIS MAGALHÃES



Uma pessoa alegre, que tenta olhar a vida com esperança. Esta é Ana Maria Casarotti, que integra a equipe de colaboradores do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Na entrevista a seguir, ela conta os aspectos mais marcantes de sua trajetória pessoal, e destaca como uma de suas marcas o fato de estar sempre fazendo perguntas,

porque tem o desejo permanente de saber e aprender. “Sou uma pessoa convencida das minhas ideias. Posso até mudar, mas tem que ter uma razão ou um argumento bem forte para isso”. Conheça um pouco mais desta religiosa, que gosta de se relacionar com as pessoas e se diz bastante sensível às realidades que encontra.

**Origens** – Nasci no dia 26 de janeiro de 1964. Meus pais me deram o nome da minha avó, Ana. Sou a terceira filha entre seis. Tenho dois irmãos mais velhos. No início deste ano um deles, Alberto, faleceu de parada cardíaca, o que foi muito difícil para toda nossa família. E tenho três irmãos mais novos. A primeira filha que saiu do país fui eu. Primeiro fui para Buenos Aires, Argentina, onde morei durante muitos anos. Meu pai atualmente está aposentado, mas sempre trabalhou como psiquiatra e neurologista. Ele ama sua profissão. Por isso, aos 78 anos, continua orientando psiquiatras mais jovens que pedem referências e consultas. Minha mãe iniciou o curso de medicina, mas depois que casou com meu pai encerrou a carreira para cuidar da família. Eles ainda moram em nossa casa, em Montevidéu.

**Comunidade religiosa e vocação** – Pertenço a uma comunidade religiosa, chamada Missionárias de Cristo Ressuscitado. Decidi ingressar na comunidade ainda jovem, com 19 anos. Antes, eu nunca tinha pensado em consagrar minha vida a Deus. Mas, aos 17 anos, estava em uma busca muito séria na minha vida. Meus

pais ofereceram para todos nós uma formação católica, mas muito livre. Em minha busca, eu pensava que, se Deus não tinha sentido para mim, não podia me considerar católica. Eu precisava conhecer outra coisa que fosse mais vital, mais experiencial, mais real na minha vida. O que eu conhecia até aquele momento não alcançava essa dimensão. Então, no meu aniversário de 17 anos, pedi uma resposta. Eu nem sabia o que eu estava perguntando. Mas no fundo eu me questionava: para que estudar, para que fazer as coisas, para que viver? Nessa época eu troquei de escola e comecei a estudar num Colégio Salesiano. E lá foi muito forte a experiência de ver jovens que eu considerava “normais”, que preferiam rezar 10 minutos em uma capela antes de ir ao bar tomar alguma coisa. Eles eram pessoas novas, da minha idade, que eram legais, boa companhia para sair. E eu me perguntava o que acontecia na vida dessas pessoas? A minha busca foi um pouco direcionada. Comecei a participar de um grupo de jovens que se preparavam para receber o sacramento da Crisma. No final daquele ano descobri essa nova realidade mais profundamente, no sentido de encontrar Deus

como uma pessoa que estava próxima e viva. Senti o convite a comunicar a vida de Deus, e decidi trabalhar para que meus amigos e amigas pudessem conhecê-lo e que nos dedicássemos juntos ao serviço aos menos favorecidos. Aos 19 anos, consagrei minha vida a Deus numa comunidade nova na Igreja Católica que estava apenas iniciando. Hoje continuamos em processo de fundação, sempre caminhando juntas. O que eu sempre agradeço a Deus é que nunca tive dúvidas dessa minha vocação. Passei muitas situações difíceis, muitos problemas, mas conseguimos vivê-los com esperança e superá-los. Gosto de ter dedicado a vida toda ao trabalho pastoral. Em Montevidéu, até morei em uma comunidade bem precária, inserida em uma favela. Em Buenos Aires, trabalhei na formação de grupos e pessoas que até hoje continuam engajadas em diferentes áreas da realidade social. Junto com outras religiosas, que moravam numa comunidade igualmente precária. Eu colaborava no seu projeto social trabalhando com os adolescentes e jovens. Nessa época também trabalhava como coordenadora de catequese de um colégio.



**Família e irmãos** – Meu irmão mais velho, Eduardo, também optou por seguir a vida religiosa e decidiu ser padre. Nós nem imaginávamos. Ele entrou para a Companhia de Jesus aos 24 anos. Hoje ele é reitor na Universidade Católica do Uruguai, que está sob a responsabilidade dos jesuítas. Nossos outros irmãos casaram-se.

**Educação** – Sempre agradeço ao meu pai pelo fato de que ele insistia na importância de que devíamos estudar e aprender línguas. Ele e a minha mãe fizeram um esforço muito grande para isso. Todos estudamos em um colégio francês. Depois aprendi inglês, concluindo também os estudos neste idioma.

**Brasil** – Eu tinha grandes desejos em minha vida, depois da minha entrega a Jesus: conhecer mais a palavra, estudar a Bíblia; e conhecer outras culturas. Isso me levou para a Índia, fazer voluntariado, em 2000. É muito impressionante as diversas realidades que podemos encontrar naquele país. Outro sonho era conhecer as terras da origem da minha fé: Terra Santa. Alí mora também um irmão de meu pai junto com sua mulher e algumas de suas filhas. Como presente pelos 25 anos de vida consagrada recebi um convite para participar de um curso sobre “*Women’s roles in the work for peace and reconciliation*” organizado pelo Instituto de Teologia da Suécia em Jerusalém (STI). Participamos doze mulheres de diferentes continentes: Ásia, África, América e Europa. Partilhamos a vida, conheci-

mentos, problemáticas e desafios que se nos apresentavam. Nunca deixarei de agradecer a possibilidade que me foi oferecida.

Como eu sempre gostei da pluri-cultura e da multidiversidade do Brasil, tinha vontade de morar aqui. Depois de viver tantos anos na Argentina, pedi para vir para cá. Quando acabei meus estudos de Teologia – sou graduada em Teologia pela Pontificia Universidad Católica Argentina Santa Maria de Los Buenos Aires – UCA –, vim para o Brasil. Era o ano de 2007.

**Formação e trabalho** – Além da graduação em Teologia, fiz um curso de especialização em Assessoria Bíblica na Escola Superior de Teologia – EST, de São Leopoldo. Durante o curso, fui para Israel, onde fiquei durante dois meses, e foi uma experiência incrível. Na época, eu já colaborava na criação de cursos de Espiritualidade Bíblica em EAD no Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Sempre gostei de colaborar no IHU, que é um espaço amplo e de muitas possibilidades; está sendo muito bom para mim. Fiz o mestrado em Teologia também na EST e atualmente estou fazendo o projeto do doutorado para ingressar, em breve, na FAJE, de Belo Horizonte. Meu projeto é sobre as mulheres no Evangelho de João. Aqui no IHU estou no programa Teologia Pública, trabalhando especificamente na área da espiritualidade, onde temos o atendimento e os pedidos de orações, por exemplo.



**Nas horas livres** – Gosto de estar com pessoas, de conhecer lugares novos, ir ao cinema.

**Música** – Folclore. E minha cantora preferida é Mercedes Sosa, por suas letras e sua voz.

**Filme** – Gosto bastante de filmes argentinos, mas também de filmes que tenham a ver com histórias reais. Por exemplo, Homens e Deuses, Central do Brasil, El pianista, ou os seriados dos anos 1980 que estão passando agora no Chile.

**Livro** – Leio diferentes tipos de livros, por exemplo, *Crime e castigo* de Dostoiévsky, *Cartas de Nicodemo* de Dovrasczinsky, *El librero de Kabul*. Gosto de livros que contam histórias de vida de pessoas que deixaram sua marca neste mundo. Leio bastante as narrativas bíblicas também.

**Sonho** – Conhecer mais o Brasil. As pessoas falam que existem cinco brasís. Ainda conheço pouco.

**Unisinos** – Apresenta a possibilidade de conhecimento, de saber mais sobre diversos pensadores, especialmente aqui no Instituto Humanitas. Temos uma abertura muito grande no sentido de compreender uma religião que dialoga com a ciência, não fechada em normas, mas respeitando-as e tendo em conta as diferentes realidades da pessoa humana. Agradeço muito o convite para trabalhar aqui e a confiança que depositam em mim.

# Crise Econômica Global e a Economia Civil possibilidades e desafios



Palestra com o economista  
italiano Prof. Dr.  
**Stefano Zamagni**  
5 de junho – das 9h30min às 12h  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros, no IHU

 JESUÍTAS  UNISINOS  INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS 

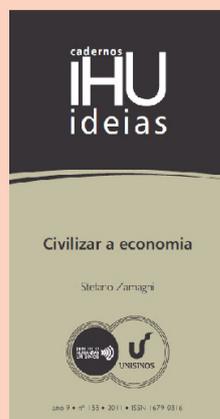
Os Cadernos IHU Ideias publicaram os seguintes textos do Prof. Stefano Zamagni:

153ª edição - Globalização e o pensamento econômico franciscano: orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate, disponível em <http://bit.ly/LOiJEU>

155ª edição - Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica, disponível em <http://bit.ly/L3ieXN>

157ª edição - Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento, disponível em <http://bit.ly/LOimdr>

159ª edição - A ética católica e o espírito do capitalismo, disponível em <http://bit.ly/rtwqRC>



[twitter.com/ihu](https://twitter.com/ihu)



[bit.ly/ihufacebook](https://bit.ly/ihufacebook)